THALITA REBOUÇAS

THALITA REBOUÇAS
FALA SÉRIO,
amiga!
ROCCO DIGITAL

Para Xexa e Giovanna, amigas queridas

Sumário

A autora

3
anos

Eu te odeio!

Tinham duas piscinas no prédio da Cristina, uma amiga de longa data da mamãe. Uma grande, para adultos, e outra menor, para gente pequena. Era pra lá que eu e minha mãe íamos quando ficávamos com preguiça de atravessar o túnel pra ir à praia. Tenho boas recordações dos sábados e domingos que passei rindo e jogando água pra cima, infinitamente feliz por estar naquela clorada imensidão azul. Como criança fica amiga de outra criança em questão de segundos, fiz várias amiguinhas, mas logo surgiu uma amizade que parecia mais sólida que as outras. Mariana era o nome dela. Brincávamos juntas e nos esbaldávamos até a hora de ir embora, com os dedos enrugados e um choro dramático e chantagista que lançávamos para nossas respectivas mães com a esperança de conseguirmos ficar mais um pouco sob o sol.

Quando a gente é criança, diz coisas sem pudor; coisas que jamais adultos diriam, e acho que esse é o grande barato de ser criança. Era uma típica manhã de verão carioca, no meio das férias, fim de janeiro, o céu azul sem nuvens e várias pessoas nadando e se divertindo. Eu e Mari ficávamos, claro, na piscina infantil, e, naquele dia, ela levara um regador, além dos apetrechos que sempre carregava para nossas tardes ensolaradas. Eu, se não me falha a memória, estava munida de balde, bonequinhos coloridos e aquele minhocão que faz boiar.

Brincávamos felizes quando ela sugeriu que regássemos o balde.

– Não quero.

– Por que não?

– Porque não. Acho bobo isso. Rega sozinha, Mari.

– Sozinha eu não quero regar.

– Então não rega. Vamos brincar de quê, então?

– De nada. Eu quero regar o balde!

– Eu não vou regar balde nenhum! A gente rega planta, não balde! Dã-ã!

– Vem regar comigo!

– Não vou!

– Manhêêê!!!!! – berrou para toda a Tijuca ouvir. – A Maria de Lourdes não quer brincar comigo.

No que Alzira, a loura musculosa que vinha a ser a mãe da Mari, respondeu, sem dar a menor atenção ao drama da filha:

– Brinca de outra coisa, então.

Mas a menina não estava para outra brincadeira e disse uma frase – que nenhum adulto jamais diria a outro – olhando na minha cara, no fundo dos meus olhos:

– Eu te odeio.

Fiquei pasma. Ela me odiava só porque eu não queria brincar uma brincadeira idiota de regar balde? Ah, fala sério! Menina mais rancorosa!

O fato é que desde pequena eu não sei levar desaforo pra casa e reagi madura, segura, com outra frase que abalaria seus 90 centímetros de estatura:

– Eu também te odeio. Odeeeeio!

– Me odeia por quê? – ela quis saber.

– Porque você é chata, só gosta de brincar de coisas chatas – justifiquei minha agressão.

– Chata é você. Mãe! A Maria de Lourdes me chamou de chata!

– Maria de Lourdes! Olha a educação, a Mari é sua amiguinha, amiguinhas não brigam! – brigou minha mãe, sem dar muita pelota à peleja infantil, já que conversava animadamente com Alzira e Cristina.

– Foi ela que começou!

– Não me interessa quem começou. Vamos acabar com isso agora! – decretou minha mãe, sem um pingo de paciência, da espreguiçadeira.

Não deu nem cinco segundos e Mari, pelo visto, parou de me odiar:

– Maria de Lourdes, vamos brincar de outra coisa, então?

– Tá.

– Vem cá, deixa eu te fazer boiar.

Ela me deitou, apoiou minha cabeça no minhocão e começou a me deslizar pela piscina, achei bem gostoso. Mas, para mim, nossa discussão aquática ainda não tinha terminado.

– Ô, Mari, esqueci de dizer que eu te odeio também porque você não devolve os brinquedos que eu te empresto.

– Manhê! A Maria de Lourdes me chamou de ladrona!

– É ladra, Mariana! La-dra! – corrigiu minha mãe.

– Eu vou enforcar você, Maria de Lourdes – avisou, enquanto começou a enrolar o minhocão no meu pescoço.

– Mariana, isso não é legal, essa brincadeira não é legal. A Maria de Lourdes é amiga! E ela é tão legal com você...

– Ela não é legal, mamãe! A Maria de Lourdes é chata – retrucou Mari.

– Eu não gosto quando vocês me chamam de Maria de Lourdes! Por isso quem não é legal é você, Mariana! – reagi, quase sem fôlego.

– Mas é seu nome! – argumentou Mari, já deixando de lado seu instinto assassino.

– Eu sei, mas eu odeio meu nome.

– De que você quer que eu te chame?

– Malu.

– Fofo. Tá bom, Malu. Combinado. Você pode me chamar de Alfreda, então?

– Alfreda? Por quê?

– Porque eu gosto, acho bem mais bonito que Mariana.

– Ah, isso é – surtei.

Esse era apenas o começo do dia. Briguei e fiz as pazes com a Alfreda inúmeras vezes mais e deixamos combinado um encontro no próximo fim de semana. E eu jurei que, no domingo seguinte, ajudaria minha amiga de piscina a, uau!, brincar de regar o balde.

4 anos

Amiga do balé

Juliana Venceslau era o nome dela. Alta para a idade, pernas longas, cintura finíssima, quadris estreitos, pés perfeitos, braços definidos, magra-magra-magra, nenhum fio de cabelo fora do lugar, postura impecável e mãos de fada. Nascida para ser bailarina. Nascida para brilhar nos palcos. Assim era a vaca mirim que se apresentou para mim e para minha mãe no dia da minha primeira (e última) aula de balé. Com seu nariz empinado e pele branquíssima, ela não demorou a se aproximar. Não por livre e espontânea vontade, mas porque minha mãe a chamou pra conversar enquanto a aula não começava:

– Olha a bailarina, Maria de Lourdes! Vem cá, bailarininha mais linda, vem conversar com a minha bebê, que vai ser uma bailarina igual a você.

Juliana Venceslau veio saltitando como uma pluma. Parecia que estava no *Quebra-Nozes*. Logo me irritei com ela. E com a minha mãe. Eu tinha 4 anos! Quem era bebê ali? E que linda, que nada! A menina era pele e osso! Um esqueleto com roupa de balé.

– Oi – ela disse, fazendo um *plié* ridículo. – Meu nome é Juliana Venceslau, faço balé desde os três anos, hoje tenho cinco anos e sete meses e, quando eu tiver 18, vou ser uma grande bailarina – apresentou-se, para em seguida ficar na ponta dos pés e dar uma voltinha.

Ai, que preguiça que me deu! Que menina mais chatinha, mais metidinha, mais cheia de palavrinhas ensaiadinhas.

– Ai, meu Deus, uma boneca que fala e dança! Que educadinha. Que amor! Ô, Maria de Lourdes, essa aqui é pra ser amiga pra sempre, viu? – empolgou-se minha mãe, demonstrando que Juliana Venceslau era tudo o que ela queria que eu fosse.

– Arrã – respondi, com a minha tromba já armada.

Eu estava muito injuriada, me achando ridícula com aquele uniforme rosa, aquela rede medonha no cabelo, com uns 387 grampos espetando meu pobre couro cabeludo. Não estava para conversa, estava ali porque minha mãe tinha praticamente me obrigado. Ela era uma bailarina frustrada e estava louca para me ver realizando o sonho que ela não conseguiu realizar. Mães... Humpf!

– Conta pra ela, Maria de Lourdes. Conta pra ela sua idade, conta que você vai ser a futura Ana Botafogo, conta!

Olhei pras duas com cara de tédio, continuei muda e, pior!, virei a cabeça para o lado. Suuuperfofa.

– Conta, Maria de Lourdes! Não me faz passar vergonha! – irritou-se minha mãe, dando um beliscão de categoria no meu braço.

– Deixa, tia. Ela é muito novinha ainda. Talvez me ache muito grande. Mas eu sou legal, sou a melhor aluna da turma. Todas as meninas queriam ser eu.

Eu sou legal? Todas as meninas queriam ser eu? Que frases absurdas eram aquelas? Como é que uma pirralha de cinco anos e sete meses conseguia dizer tantos absurdos em tão pouco tempo?

– Viu? É nela que você tem que grudar, Maria de Lourdes. Com a Juliana você vai aprender a fazer todos os passos direitinho.

Ela agradeceu o elogio com uma pirueta. Mamãe bateu palmas empolgadas.

Duas sem noção.

– Impressionante. Juliana é igual a mim! Sabe que é linda, mas não é metida por causa disso.

O que é a minha mãe? O QUE É A MINHA MÃE!?, berrava por dentro.

– Claro, beleza é uma coisa que vem de dentro – retrucou a metida, fazendo outro passinho bizarro de balé, para alegria infinita da mamãe. – Eu vou ser a melhor amiga do balé da Maria de Lourdes, tia. Vai ser legal porque eu não tenho nenhuma amiga barriguda, ela vai ser a primeira. Como é que é ter barriga? Posso apertar? – perguntou, já apertando. – Eca! É mole! Ai, que engraçado!

Engraçada ficaria a cara dela assim que eu amassasse seu coque perfeito e rasgasse sua meia-calça com minhas unhas afiadas.

Em vez de revoltar-se com a afronta, minha mãe caiu na gargalhada. Ai, que ódio que me deu!

– Criança magra é feia. – Foi tudo o que eu consegui argumentar.

– Ah, Maria de Lourdes, não diga sandices! Criança gorda é que é feia – irritou-me minha mãe, ainda babando pela Juliana Venceslau, aquele projeto inacabado de bailarina.

– Mas você não é gorda, é só fofinha. Parece um urso – acrescentou Juliana Venceslau. – Vou te chamar de ursinha. Peraí. Gabi! Vem conhecer a nova aluna!

É a ursinha.

– Oi, ursinha! Não sabia que urso dançava balé – comentou Gabi, mais sem graça do que a sem graça da Juliana Venceslau.

– E eu não sabia que vaca dançava – reagi, dando fim àquela conversa enervante.

– Maria de Lourdes! A gente não chama ninguém de vaca, minha filha! O que é isso? Elas estão brincando!

– Não estão brincando nada! Elas me chamaram de urso, mãe!

– Urso é fofinho! – exclamou Juliana Venceslau.

– Urso é gordo. Mas melhor ser urso do que ser uma... uma... girafa raquítica que nem você!

– Maria de Lourdes! – gritou minha mãe. Pronto, levaria uma bronca e tanto na frente de minhas novas "amigas". Que dia chato. Todo chato! – Minha filha, que palavra linda é essa? Onde você aprendeu? Raquítica... Olha só! Usou superbem, com a entonação correta, o contexto perfeito... Ai, que orgulho que eu tenho da minha geninha.

– Gênia? Ela é uma grossa, isso sim! E quer saber? A senhora se acha linda, mas é feia. E gorda também, tá? Que nem sua filha. – Juliana Venceslau desceu da sapatilha. Ui!

– E gente gorda precisa mesmo ser inteligente, senão não consegue nada na vida – completou Gabi. – O mundo é dos bonitos e magros.

Xi! Que bailarinas barraqueiras! Aquela cara de meninas educadas era só estampa, por dentro eram duas metidas e mal-educadas.

– Perna fina! Olívia Palito! – empolguei-me.

– Elefanta! Baleia! – gritou Juliana Venceslau.

– Queixuda, olhuda, futura encalhada! – entrou na briga minha mãe, sem nenhum pudor.

– Encalhada? – espantou-se Juliana Venceslau.

– É! Encalhada sim! Nenhum homem vai querer casar com você quando você crescer. E sabe por quê? Porque homem gosta de carne. E você só tem osso. Por isso você vai ficar pra titia, solteirona, vai morrer sozinha, sem ninguém, infeliz, amargurada e mal-amada!

– Mãe! – exclamei.

– Ah, é isso, sim, Maria de Lourdes! Eu falo mesmo – justificou-se.

– Buááááá! – fez escândalo Juliana Venceslau.

– Não faz isso, Ju, vai borrar o rímel – alertou Gabi.

Rímel! Aos 4 anos eu não tinha ideia do que era rímel, mas Juliana Venceslau já ia de rímel pra aula de balé! Que bizarro!

– Vem, Ju. Deixa as duas aí. Essa menina não nasceu pra ser bailarina – profetizou Gabi, acertando em cheio o que passava pela minha cabeça.

– É. E nem a mãe dela pra ser mãe de bailarina. – Empinou o nariz Juliana, já sem lágrimas no rosto, dando a mão para sua amiga e virando as costas para mim.

Quando as duas foram se alongar perto dali, minha mãe me alertou:

– Fala sério, Maria de Lourdes! Não quero saber de você com amizade com essas meninas, hein? Ai, ai, ai!

Dez minutos depois, quando a professora chamou, minha mãe resolveu regredir e ficar com 4 anos de novo. Disfarçadamente, com cara de sapeca, botou o pé na frente de Juliana Venceslau, que tropeçou e caiu de cara no chão na frente de todo mundo, para gargalhadas gerais.

– Mãe! Que feio! – sussurrei antes de dar uma piscadela de olho pra ela e entrar na sala de aula.

Às vezes minha mãe acerta, comemorei internamente.

A aula durou sessenta intermináveis minutos, os mais sofridos da minha vida. Saí decidida a fazer judô. Para, numa próxima vez, me defender com categoria de bailarinas como Juliana Venceslau, que, diga-se de passagem, nem dançava tão bem assim.

5
anos

Papai Noel

Eu tinha 6 anos quando, escondida, vi meus pais botando os presentes na árvore de Natal e descobri, com dor no coração, que Papai Noel não existe. Mas com cinco anos eu totalmente acreditava no velhinho. Escrevia cartas, fazia listas infindáveis de presentes (aliás, sempre achei o Papai Noel meio pão-duro, porque dos trinta que eu pedia só vinham uns três, e olhe lá. Minha mãe dizia que era porque não cabia tanto presente no trenó, afinal, eram muitas crianças para ele visitar na noite de Natal).

Era fim de novembro, os shoppings lotados, as ruas cheias, todo mundo na rua em busca de presentes e um bando de Papais Noéis flanando pelos lugares de maior movimento. Num sábado, fui com Alice e minha mãe ao shopping e lá estava ele: o Papai Noel mais nada a ver com Papai Noel que eu já tinha visto. Em vez de gordo, ele era um palito ambulante. E não tinha nenhuma ruga, nada que aparentasse velhice. Papai Noel devia, nas horas vagas, ser um cara boa-pinta, mas ali ele era contratado para convencer as (burras, mil vezes burras) crianças de que ele era o velhinho bacaninha que visitava nossas casas enquanto a gente dormia.

Eu nunca acreditei nos Papais Noéis das ruas e dos shoppings. Pra mim, aquilo era enfeite. Papai Noel de verdade era o do Polo Norte, o que trazia os presentes na noite de Natal. Mas a Alice sempre pirou com os caras vestidos de Papai Noel. Achava o máximo, não podia ver um que mandava beijos, conversava ao pé do ouvido, contava segredos, prometia largar a chupeta, abraçava. Alice era chata no Natal. Mas estava lá em casa quando mamãe sugeriu que fôssemos ao shopping e tivemos de levá-la conosco.

Alice insistiu tanto que entramos na imensa fila pra falar com o “velhinho” que, na boa, não tinha mais de 20 anos. Era jovem de doer.

– Não tá vendo que esse cara não é o Papai Noel, Alice?

– Não tá vendo que você só diz besteira? É claro que é o Papai Noel. Olha a roupa!

Não dava para discutir com esse argumento. Pelo menos não aos 5 anos de idade.

De cara amarrada e sacolas pesadas na mão, minha mãe bufava na fila, xingando mentalmente Alice, seus familiares e os ancestrais de seus familiares.

Chegou a nossa vez. Nossa, não. Eu estava ali para fazer companhia, mas a Alice não entendeu.

– Vem, Malu! Vamos tirar foto com ele!

– Quero não.

– Vem, Malu! – gritou o Papai Noel.

– Papai Noel, querido, o nome dela é Maria de Lourdes – corrigiu minha mãe, irritada.

– Não quero ir! Não quero tirar foto!

– Por quê?

– Porque ele não é o Papai Noel!

– Fala baixo! Se ele ouve isso, vai ficar triste! – brigou Alice.

– Eu sou o Papai Noel, sim, Malu! Hou! Hou! Hou! – tentou.

Tadinho. Fiquei com pena dele. Aquela roupa pesada de veludo, botas, barba postiça... Que calor ele não devia estar sentindo... Pensei em ir pro colo dele, tirar a foto e acabar logo com aquela chatice, mas eu sabia que ele não era o Papai Noel, o meu Papai Noel, o Papai Noel de verdade.

– Malu, você não gosta do Papai Noel? – perguntou o Papai Noel.

– Olha, não é nada contra você...

– Malu! Para com isso! Você quer fazer o Papai Noel chorar?

– Gente! Dá pra chamar minha filha pelo nome? É Maria de Lourdes e não se fala mais nisso. E vamos logo, já estou cansada dessa fila.

Eu não queria posar para foto nenhuma, mas Alice já estava totalmente aboletada no colo do Papai Noel.

– Vem! – chamou minha amiga.

– Não. A barba dele pinica! E essa roupa vermelha dele esquenta e faz suar a minha bunda.

– Olha o respeito com o velhinho, Malu!

– Maria de Lourdes, Alice! Maria de Lourdes! – exaltou-se minha mãe.

– Ele não é velhinho, isso é uma fantasia. Será que você não consegue ver? Ele é o maior cara comum, a gente não ia querer tirar foto com ele se ele estivesse sem a roupa de Papai Noel.

– Ai, Papai Noel, desculpa, ela é brava assim, mas ela é legal. Eu juro – cochichou Alice para o Papai Noel de araque.

– Vai, Maria de Lourdes, senão essa menina não vai sossegar! Eu já fiquei muito tempo nessa fila idiota. Vai logo.

Depois da bronca materna, não tive alternativa e fui sentar na outra perna do Papai Noel. Lá, percebi que ele tinha um olho azul estranhíssimo, parecia que ia saltar do rosto a qualquer momento e cair no meu colo. Naquela época eu jamais saberia que aquilo era um par de lentes de contato bem vagaba. Na minha cabeça de pirralha, apenas refleti e concluí que o olho do Papai Noel era a coisa mais esquisita que eu já tinha visto na vida.

Como se não bastasse, a roupa natalina dele fedia. Fedia a mofo, a coisa guardada há muito tempo. Sentada naquele veludão vermelho, minha bundinha começou a suar, coitadinha. E as pessoas na fila, claro, começaram a reclamar da demora, a perder a paciência.

– Cê tá fedendo. Muito – disse, com a sempre desconcertante sinceridade infantil.

– Malu! Como é que você fala uma coisa dessas pro Papai Noel? – bronqueou Alice.

– Ele não é o Papai Noel! Olha o cabelo verdadeiro dele embaixo da peruca! É preto! E olha esse olho esquisito! Olha essa bochecha magra, nada estofadinha! Caramba! Como você é anta! – gritei com toda a minha extensão vocal.

Papai Noel me ignorou. Ele devia saber melhor do que ninguém que aquela roupa fedia mais que chiqueiro. E que ele, definitivamente, não era o Papai Noel.

– Cadê o sorriso? – pediu um “duende” que trabalhava com o “Papai Noel” tirando as fotos.

– Buáááááá! – comecei a chorar. – Eu quero ir embora!

– Tira logo essa foto, seu duende. Por favor! – implorou minha mãe. – Engole o choro, Maria de Lourdes! Você fica horrorosa chorando.

– Um, dois três! Pronto. Tá linda a foto – avisou o duende.

Pulei do colo do Papai Noel com as lágrimas desesperadas escorrendo pelo meu rosto e minha bunda mais suada do que nunca. Alice ficou magoada.

– Você, hein, Malu? Que coisa feia chorar desse jeito. Só quero ver se ele ficou chateado com você. Vai levar muito menos presentes pra sua casa – disse Alice. – E anta é você!

Fiquei com vontade de chorar mais ainda. Não com o xingamento, mas com a ameaça horrível de ganhar menos presentes no Natal.

Foi a última vez que sentei no colo de um Papai Noel. No Natal seguinte a farsa do bom velhinho já teria acabado e eu seria uma menina muito mais feliz, pois não teria que conversar simpaticamente com nenhum Papai Noel esquisito que cruzasse meu caminho numa tarde no shopping.

6 anos

Sinceridade

Acho que o mais bacana de ser criança é poder agir espontaneamente. Criança não se censura. Quando não está a fim de falar, criança simplesmente não fala; quando não quer rir, não ri; quando acha uma pessoa feia não vê problema nenhum em dizer isso a ela. Sinceridade, teu sinônimo é criança.

Lembro quando se aproximou de mim e da Alice uma menina toda fofinha, que foi logo puxando assunto:

– Oi, eu sou nova na escola. Vocês querem ser minhas amigas?

– Não – respondeu Alice, na lata, mostrando como, além de sincera, uma criança pode ser cruel.

– Não? – questionei a decisão que ela tomou por nós duas.

– Não?! – indignou-se a aluna nova. – Por quê?

– Porque não – rebateu Alice, achando, como todo pirralho, que “porque não” é uma excelente e esclarecedora resposta, uma das melhores respostas do mundo, definitivamente.

– “Porque não” não é resposta – disse a nossa futura-quase-ex-amiga. – Por que eu não posso ser amiga de vocês?

– Porque a gente já tem amigo demais – explicou Alice calmamente.

– Ah, isso é. Tem o Pedro, o Lucas, o Tiago, o Guilherme Almeida, a Vivi, a Maria Antônia, a Magabi, a Beatriz... É muita gente... Mas eu topo ser sua amiga.

– Não, Malu! – reprimiu-me Alice.

– Por quê?

– Porque eu não quero que você seja amiga dela!

– Por quê? Tadinha! Só porque a meia dela tem cara de mal lavada e é larga na canela? Isso não tem nada a ver! Às vezes é só meia velha, vai que ela gosta de meia velha?

– Não é nada disso! A minha mãe vive dizendo que “um é pouco, dois é bom e três é demais”. Pra que a gente vai arriscar nossa ótima amizade de duas pessoas para botar uma terceira que a gente nem conhece? Melhor nem conhecer. Vai que a gente gosta dela?

– Alice! Deixa de ser boba! Você acha que essa menina de meia suja vai estragar a nossa amizade? Ela não vai ser nossa melhor amiga, ela vai ser só mais uma, nada importante.

– Alou! Eu estou aqui! – estrilou a aluna nova, com razão. – Como assim vocês estão dizendo na minha cara que não vou ser importante pra vocês? Vocês são muito mal-educadas, sabiam? Agora sou eu que não quero mais ser amiga de vocês!

– Por quê? – reagi.

– Porque vocês são grossas! E chatas! E minha mãe lava as minhas meias, tá?

– A gente não é grossa, eu só falei a verdade – defendeu-se Alice. – Eu já tenho uma melhor amiga, não quero outra.

– Não fala assim, Alice. Não é isso, menina. É que é muito nome pra decorar... E minha mãe vai reclamar muito se outra garota for todos os dias lá em casa comer o queijo dela.

– A sua mãe reclama que eu como o queijo dela?

– Diz que você *só* vai lá para comer o queijo dela, Alice. Ela ama aquele queijo.

– Eu também amo. Não acredito que sua mãe reclama disso!

– Ô, se reclama!

Depois me arrependi de ter falado aquilo na frente de uma estranha, Alice certamente ficaria chateada comigo.

– Viu, menina? Isso é que é amizade! Eu e a Malu somos superamigas. A mãe dela até reclama de mim! Isso não é para qualquer pessoa, isso é só pra pessoas importantes na vida da Malu. Por isso, entende, não é nada contra você, só não tem nada a ver a gente ser amiga.

– Vocês são ridículas!

– Não somos não, você não conhece a gente, a gente é legal – eu disse.

– A gente é fofa – completou Alice.

– Duvido. Devem ser as chatas da escola.

– Aiii, não mesmo! Todo mundo ama a gente, a gente é perfeita! – gabei-me, zero modesta.

– Vocês são chatas e bobas, isso sim! Duvido que sejam legais.

– Não diz isso, a gente é o máximo! – elogiei a dupla que formava com Alice.

– São o mínimo! – rebateu a novata.

– A gente não briga, a gente se fala todo dia mil vezes ao telefone, a gente não espalha segredo uma da outra...

– Ah, Alice, que mentira! Você contou pra todo mundo que eu soltei um pum barulhento no banheiro.

– Não fui eu!

– Quem foi, então?

Ela ficou em silêncio. E aquele silêncio me irritou profundamente.

– Você é péssima guardadora de segredos, péssima, Alice. Acabou de confessar que contou.

– Ah, você que é péssima guardadora de segredos!

– Fofoqueira.

– Não sou!

– É sim!

– Ah! Você não tinha nada que ter soltado um pum barulhento e comprido na minha frente! É difícil não contar pra ninguém uma coisa dessas!

E tome sinceridade!

– Alice! – gritei, irritadíssima. – Não foi nada longo! Que mentira! Mentirosa!

– Não sou!

– É sim!

– Não sou!

– Nossa, que amizade linda vocês têm – debochou a aluna nova, num momento ideal para deboche.

– A nossa amizade é linda, sim! Você tem que virar nossa amiga para saber! – decretou Alice.

– É, você vai ver como a gente é legal. Fica amiga da gente! – insisti.

– Hum... não sei... – fez jogo duro a aluna nova.

– Fica, você vai ver como nós duas somos as melhores amigas que uma pessoa pode ter – gabou-se Alice.

– É, vai hoje lá em casa. Onde você mora?

Marcamos e a menina nova foi naquela tarde mesmo conhecer minha casa. Simples assim. A menina nova era a Nanda, nada mais, nada menos que uma das minhas melhores amigas até hoje. Amigona mesmo, pra vida toda.

8

anos

Amiga de amiga

Era mais um sábado ensolarado de janeiro, meio das férias, felicidade total. Tinha aportado num shopping um evento gigante sobre a Barbie, a boneca loura que tem a cintura mais fina e irreal do mundo dos brinquedos. Eu adorava a Barbie, a Alice adorava Barbie, todas as meninas queriam ser a Barbie quando crescessem. Então, obviamente, todas as meninas da cidade estavam loucas para ver a megaexposição cuja protagonista era nossa querida boneca.

A Alice me chamou pra ir com ela e eu topei na hora. Nada melhor do que ir com a melhor amiga num programa desses. Assim, eu teria alguém com quem comentar detalhadamente as roupas da Barbie, as Barbies de todas as partes do mundo, a casa da Barbie e os 987 acessórios da Barbie.

Marquei às duas da tarde na casa dela, mas a ansiedade era tanta que eu bati lá às 13:30.

– Muito empolgada! – gritei, enquanto dava nela um abraço apertado.

– Muito empolgada! – gritou ela de volta, numa alegria infinita.

Ai, como é bom ter oito anos! A gente fica tão feliz por tão pouco.

– Oi, Malu. Chegou cedo, hein? Deve estar ansiosa, né? A Alice só falou nessa exposição a semana inteira – disse a mãe da Alice ao entrar na sala.

– Tia, acho que esse vai ser o melhor dia da nossa vida.

Juro! Eu disse isso. Como eu era fofinha e bobinha...

– Você acha? Eu tenho certeza. Tem uma Barbie real lá, Malu! Real, de carne e osso!

– Para, Alice! – reagi, quase tendo um treco emocional.

– Não paro nada! A gente vai poder falar com a Barbie! Perguntar onde ela compra as roupas, onde faz o cabelo, o que ela come...

– Ai, Alice, não viaja. A Barbie não come. Se comesse não teria aquele corpo magrelo. Minha mãe diz que a Barbie é anoréxica.

– Ano o quê? – Fez careta Alice.

– Anoréxica. É uma pessoa que tem anorexia, que é uma doença. As pessoas param de comer e ficam magras, parecendo uns esqueletos.

– Ai, bem que eu podia ter um pouquinho de anorexia, só um pouquinho... O Diogo do colégio me chamou de baleia ontem. Fiquei tristona.

– O Diogo é um ridículo. E você também, Alice. Anorexia é doença. A minha mãe contou que as pessoas morrem de anorexia. Não fala bobagem. Você não está nada gorda.

– Tô sim.

– Tá não. Está só fortinha.

– Fortinha é gorda.

– Não é, fortinha é fortinha. Gorda é gorda.

– Fortinha é quase gorda.

– É. Mas não é gorda. É só você comer menos pra não ficar gorda.

Alice ficou irritada com meu comentário. E, enquanto armava a tromba, a campainha tocou.

– Deve ser a Alessandra! Oba! – comemorou Alice, antes de correr em direção à porta.

Foi a minha vez de armar uma tromba. Alessandra era vizinha da Alice. E era incontestavelmente a menina mais chata do mundo. Quando ela estava com a gente, parecia que eu não existia. Ela só se dirigia à Alice. Sem contar que a garota não era muito fã de Barbie, achava coisa de criança (e a palhaça era criança, tinha só 9 anos, mas por ser um ano mais velha se achava a mais adulta, a mais madura, a mais inteligente. Argh!). Ridícula.

– Eu chamei a Alessandra, Malu, espero que você não se importe. Seus pais foram ao cinema e pediram pra ela ficar comigo hoje à tarde. Mas a Alê é uma graça, tenho certeza de que vocês três vão se divertir muito na exposição.

– Claro, tia – menti, emburrada.

Eu queria matar a Alice. Custava ela ter me avisado que chamara a Alessandra? A Alice sabia que eu odiava aquela menina de cabelo desgrenhado e cara de ontem. A Alessandra era isso: maior cara de ontem.

– Lembra da Malu, Alê? – perguntou Alice, trazendo a chatinha pra perto de mim.

– Não – respondeu, com aquele olhar irritante de pessoa cansada que ela sempre teve. Alessandra era isso: cara de ontem com olhar cansado.

Não se lembrava de mim? Como assim? Que idiota!

– Não lembra? Fala sério! A gente já se encontrou aqui várias vezes.

Ela ficou muda. Alessandra era isso: a falta de educação em forma de pessoa pequena.

– Vamos lá no meu quarto. Quero te mostrar a colcha nova que a minha mãe me deu. Vem também, Malu!

– Ah, ela vem também? Por quê? Ela já não conhece seu quarto? – perguntou para Alice, bem alto.

– A Malu é minha amigona, ué, deixa ela vir com a gente.

– Tá, né? Fazer o quê? Antes pega um copo d'água pra mim, Malu? – pediu.

Alessandra era isso: tremendamente cara de pau.

Não peguei, claro. Se tivesse pegado, deixaria os bons modos de lado e jogaria todo o conteúdo na cara dela.

No quarto, as duas entraram num blá-blá-blá interminável; Alessandra deixou claro que ali não tinha lugar pra mim. Depois de uns dez minutos...

– Vamos, meninas? – chamou a mãe da Alice.

Pronto. Era chegada a hora de irmos para o evento do mês, do ano, do século.

Foi um inferno.

Eu, que sempre falei pelos cotovelos, fiquei muda. A Alessandra me deixou no vácuo em vários momentos e só me dirigiu a palavra uma vez durante as três intermináveis horas que passamos juntas.

– Você, hein, Maria Clara? Nem pegou a minha água aquela hora... Eu jamais faria isso com uma amiga da Alice que me pedisse alguma coisa.

Maria Clara. A cara de ontem me chamou de Maria Clara!

– O nome dela é Maria de Lourdes. Mas ela odeia o nome e só gosta de ser chamada de Malu – explicou Alice.

– Nossa, coitada. Maria de Lourdes é horrível mesmo. Mas Malu é pior ainda, parece Maluca.

Fiquei com uma raiva daquela mequetrefe... Mas uma raiva...

– Escuta aqui, Alessandra, eu adoro meu nome, quer saber? – menti descaradamente. – Só acho muito comprido. E acho Malu um apelido muito fofo. Bem melhor que Alê. Alê parece ali. Alê em cima da mesa, alê atrás do sofá, alê no banheiro.

– Aaaaaai... Não tem nada a ver Alê com ali! Que viagem, Malu! – irritou-me Alice.

– Deixa. Ela deve estar com inveja do meu apelido, que é muito lindo. Agora vamos lá falar com a Barbie.

Chataaaaaa!!! Mal-educadaaaaa!! Cara de ontem! Olhar de cansadaaaa!!!

– Achei que você não gostasse de Barbie, uma vez você disse que achava coisa de criança – alfinetei.

– Nunca disse isso. A-do-ro a Barbie – rebateu.

Alessandra, além de tudo, era mentirosa.

Eu odiava aquela menina.

Como meu programa vespertino com minha melhor amiga se tornara o pior programa dos últimos anos? Como?

Ela e Alice conversaram o tempo inteiro. Foi como se eu fosse invisível. Nem consegui prestar atenção na exposição, achei tudo muito, muito chato.

Chegamos em casa já era noite e, quando me despedi das duas, Alessandra nem olhou na minha cara. Alice me deu um beijo chocho e continuou a conversar animadamente com sua vizinha mala, como se fossem melhores amigas.

Fiquei um tempão sem falar com a Alice. Quatro dias. No quinto, ela veio me pedir desculpas e dizer que tinha brigado com a Alemala, pois a cara de ontem tinha falado mal do quarto dela.

Continuei melhor amiga da Alice pra sempre, mas a Alê não. Até porque minhas preces foram ouvidas no fim do ano, quando ela e sua família se mudaram para o Sul, beeem longe da minha casa e da minha melhor amiga.

10 anos

Ela é popular

Quando eu tinha 10 anos, minhas melhores amigas eram a Nanda e a Alice. Estudávamos na mesma sala, íamos juntas para casa, fazíamos dever juntas. Um amor de amizade. Num ano juntou-se a nós Sofia, uma menina de longos e grossos cabelos negros, bem branquinha, que usava óculos e era nova na escola. Sofia era tímida, discreta, caladinha. Quando falava, falava baixo; quando ria, ria quase sem mostrar os dentes... Essas características acabaram por deixá-la deslocada na escola. Ninguém queria saber dela, ninguém queria brincar com ela, ninguém chamava a Sofia pra nada, coitada.

Com ela, eu, Alice e Nanda acabamos virando um quarteto bem unido. E, como não éramos populares, mas nos dávamos relativamente bem com todo mundo, tentamos botar Sofia na roda, fazer Sofia ficar conhecida nas outras turmas, deixar Sofia mais à vontade na presença de outras crianças. Coisa de amigas fofas.

Aos poucos, bem aos poucos, Sofia foi saindo do anonimato. As pessoas começaram a notar que ela existia, passaram a falar com ela, mas nossa amiga continuava tímida e quietinha como sempre. Até que um dia o Cao, o cara mais tudo de bom da escola, resolveu olhar pra ela de um jeito diferente. Através de amigos, mandou para Sofia o recado de que ele a achava linda e, mais, muito mais!, ele gostava dela.

Meu mundo caiu! O mundo de todas as meninas da escola caiu! Todas nós nos derretíamos pelo Cao, todas nós achávamos o Cao lindo, inteligente, engraçado, amigo de todo mundo, popular sem ser (muito) metido... Se ele fosse artista famoso certamente gritaríamos “Lindo! Tesão! Bonito e gostosão!”.

– O que será que ele viu na Sofia? Ela é tão sem graça...

– Vai ver ele gosta de menina feia, Alice – comentou Nanda.

– Ela não é feia, gente!

– É sim, Malu! Ela pode ser suuuperfofa, mas é mó feiona! – reagiu Alice.

– E meninos bonitos não gostam de meninas feias.

– Ué, Nanda, isso não tem regra. Tô achando o máximo o Cao gostar da Sô. Ela é super nossa amiga, a gente vai virar o grupo mais popular da escola, vai todo mundo saber quem é a gente! Vamos ficar famosas! – empolguei-me.

No dia seguinte, assim que cheguei à escola fui falar com a Sofia que o colégio inteiro estava comentando sobre ela. De ser inanimado e ignorado, ela virara o centro das atenções, todo mundo olhava, todo mundo apontava, todo mundo queria conhecer a face de Sofia.

– Ai, Malu, não vem com esse papo, por favor. Não é porque o garoto mais popular da escola está a fim de mim que a gente tem que falar sobre isso. Vamos crescer um pouquinho, vamos? – ela disse, nojentésima.

Podia ter acordado de mau humor, então dei um desconto.

– Onde a gente vai ficar no recreio? Embaixo da árvore de sempre ou perto do laboratório, pra fofocar com mais privacidade? – indagou Alice, antes de a aula começar.

– Gente, hoje não vou ficar com vocês no recreio. O Cao me chamou pra ver o jogo de futebol do time dele lá na quadra.

– A gente não vai nem ler trechos daquele livro que a gente pegou ontem na biblioteca?

– Nanda, o Cao, vou repetir, o Cao me chamou pra ver o time dele jogar. Você não acha que vou trocar a animação da quadra pela conversinha que a gente tem todos os dias na hora do recreio, né?

Ui! Sofia, a feia, virou Sofia, a CQI (Crente Que é Importante).

De nossa SAFM (Superamiga Fofa Mesmo) ela passou a ser AECA (Amiga É o Caramba), pois do nada, de um dia pro outro, passou a ignorar suas únicas amigas verdadeiras.

– Na moral, a Sofia mandou mal demais com a gente! – comentou Alice, uns quatro dias depois que nossa quase-ex-amiga descobrira o amor que Cao nutria por ela. – Nós que apresentamos a garota pra todo mundo, nós que a fizemos se sentir gente nesse colégio... Agora ela vira a cara para nós três? Qual é?

– O que é que deu nela?

– Ah, Nanda. Está se achando, né? Agora que não é mais invisível e não precisa mais da gente resolveu nos ignorar.

Nos dias seguintes, Sofia passava por nós como se não existíssemos. Começou a andar somente com os populares da escola e quando falava conosco parecia obrigação. Ficamos bem magoadas, afinal, já estávamos virando uma espécie de quarteto fantástico, tínhamos transformado uma nada em uma pessoa notável.

Uns meses se passaram, Sofia era a garota da escola, popular, simpática, sorridente, empinada, falante... O oposto da menina que conhecemos. Ela mudou por nada e foi muito triste constatar que o ser humano precisa de só um pouquinho de poder (ou, no caso dela, um pseudopoder) para se transformar num monstro. Chateadas, acabamos falando mal dela pelas costas, fizemos músicas que mencionavam sua falsidade e sua mudança repentina de personalidade e questionamos todo o tempo por que ela estava agindo daquela forma.

Em outubro, quase no fim do ano letivo, Cao, o todo-todo, deixou o mundo saber que sua nova paixão atendia pelo nome de Carol. Sofia foi esquecida e voltou a ser uma zé-mané. Então voltou a me procurar.

– Fala sério, Sofia! Amizade, pra mim, é coisa séria. Eu jamais viraria a cara para as minhas amigas se me tornasse popular. Pelo visto, pra você amizade é uma brincadeira. Fiquei muito triste, ainda não estou pronta pra voltar a ser sua amiga, quem sabe um dia.

Não precisei dizer mais nada. Sofia deu meia-volta e nunca mais dirigiu a palavra a mim.

Olhando para trás, acho que fui dura, podia ter dado mais uma chance a ela. Mas, puxa, eu tinha só 10 anos e meu coração ainda estava machucado pelo desprezo de Sofia, de quem eu gostava tanto.

Esquecida, silenciosa e novamente deslocada, ela saiu do colégio no ano seguinte. E eu nunca mais soube dela.

11 anos

Segredo

Adoraria dizer que sou um túmulo, que segredo, uma vez comigo, morre comigo, que se alguém me pede segredo é garantia de que ninguém nunca vai saber... Mas, infelizmente, nunca fui assim. Minha língua coça, minha mão sua, minha cabeça martela... Eu não consigo, é muito, muito difícil guardar segredo.

Claro que existem segredos que não me dizem muita coisa e acabam evaporando em algum lugar misterioso da minha memória, sem que eu nem pense em passar adiante.

Há vários níveis de segredo e várias formas de pedir segredo. O sussurrado e cheio de suspense "Você jura que não conta pra ninguém?" é o que mais atiça a minha curiosidade e o que mais me dá coceira na língua para fofocar com outra pessoa, embora eu saiba a importância de jurar alguma coisa quando se tem 11 anos.

O "Promete que não conta pra ninguém?" já é outro nível de segredo, pois me mostra que a pessoa não está tão preocupada assim se o segredo for passado adiante. Afinal, promessa é muito menos que juramento. Agora o simples "Vou te contar um segredo", pra mim, é sinônimo de "Vou te contar uma coisa". Quando a gente tem 11 anos, a verdade é que muitos segredos simplesmente não são segredos. Pré-adolescentes têm mania de segredo.

Segredos alheios, do tipo fofoca, não vou negar, me interessam. Mas os que me interessam muito, de verdade, são aqueles contados pelos donos dos segredos. Isso me deixa louca e ainda me dá a sensação de que sou importante, de que soube de um segredo direto da fonte.

Um dia, no recreio, Alice, minha melhor amiga desde pequena, passou pelo Paulo Mendes, aluno nem-bonito-nem-feio da sala ao lado da nossa, e sorriu pra Nanda. Nanda cutucou Alice. Alice cutucou Nanda de volta. As duas começaram a se cutucar e a rir exageradamente alto.

– Que foi, gente? – perguntei, já me roendo de curiosidade.

– Nada, nada – Alice apressou-se em responder.

– Nada não é. Ninguém ri por nada – estressei-me seriamente. Estavam me escondendo algo, claro. Só não sabia se era a Nanda ou a Alice. – Conta o que foi, gente.

– Nada, Malu! – exclamou Alice, soltando uma gargalhada irritante. Nanda, cúmplice, gargalhou também.

Amarrei a cara e comecei a comer meu lanche, prometendo pra mim mesma, com todas as forças, que não diria mais nada pras duas e que ficaria em silêncio profundo até o fim do recreio.

– Escuta aqui, Alice, só pra você saber, eu sou sua amiga muito antes da Nanda, tá?

É... quebrei minha promessa assim, fácil, fácil.

– Tá, Malu. Por que isso agora?

– Ah, Alice, não conhece a Malu? De vez em quando ela dá esses ataques de perereca, o que foi que eu te disse ontem?

– É, eu sei...

– O que foi que você disse ontem pra ela, Nanda?

Ai, que óóódio! O que a Nanda e a Alice tanto conversaram sobre mim? Na minha ausência! Que vaquinhas!

– Ai, Malu! Não se pode falar nada! Não tem nada a ver com você, o mundo não gira em torno de você, tá? – irritou-me Nanda.

Julia Saad se aproximou com Camila Albuquerque. As duas nunca foram amigas da gente, estavam classificadas na categoria colegas. Mas descobri que só eu as classificava dessa forma.

– E aí, Alice? – quis saber Julia, curiosíssima.

– E aí? E aí? E aí? – repetiu Camila, olhos brilhando, voz estridente.

Nanda e Alice caíram na gargalhada. Que raiva me deu! E aí o quê? E aí o quê?, eu gritava mentalmente.

– E aí que... ah, gente! – Alice fez charme.

– E aí que rolou. Pronto, falei! – contou Nanda, para risos e mais risos bocós das quatro bocozonas.

Se eu não quisesse disfarçar que estava irritadíssima, meu queixo cairia uns dois metros. Eu odeio me sentir um peixe fora d’água. Odeio! Rolou o quê? A mãe da Alice aumentou a mesada dela? Ela conseguiu tirar o furúnculo de sua coxa? Tinha ficado menstruada pela primeira vez? Ou tinha rolado um desconto na loja que ela tanto amava?

– Rolou o quê? – perguntei, roxa, roxa, roxa de curiosidade, quase babando.

– A Malu não sabe? – espantou-se Camila.

– Não – respondeu Alice.

– Claro que não, vocês não conhecem a Malu, gente? – irritou-me Nanda.
– Ah, isso é – concordou Julia. – Então ela nem suspeita o que aconteceu?
– Não. – Sorriu Alice.
Vaca.
As quatro deram risinhos e mais risinhos.
– Então nem dá pra você contar se foi bom...
– Agora não. Depois, Julia. Depois da aula ela conta – mediou Nanda.
Julia e Camila foram embora e me deixaram com a maior cara de tacho que aquela escola já vira.
– Alice, ou você me conta a-go-ra o que rolou ou vou deixar de ser sua amiga pra sempre.
Alice engoliu em seco.
– Eu se fosse você não contava... Não é segredo?
– Ah, Nanda, mas a Malu é minha melhor amiga...
– Mas ela é fofoqueira.
– Não sou!
– É sim! – as duas disseram em coro.
– Sou sim, tá bem! Mas eu mereço saber. O que foi que rolou, Alice?
– Ai, Alice, olha o segredo... Só a gente que sabe.
– A gente, a Julia, a Camila, a Bené, a Helô, a Flávia, o Paulo, o Vinícius e a irmã do Vinícius.
– Toda essa gente sabe e eu não sei, Alice? Pode me contar. O que rolou?
– Perdi meu BVL.
– Você beijou? Quando? Onde? Quem? Como?
– Anteontem, depois da escola, na ladeira aqui perto, o Paulo Mendes. Como? Ué, a gente encostou uma boca na outra e mandou ver...
Eu estava boba. Aquilo era uma notícia e tanto e a Alice tinha contado pruma galera enorme, menos pra mim!
– E posso saber por que você não me contou?
– Porque você não é boa pra guardar segredo...
– Cara, Alice... Tô chateada com você, sabia?
– Ah, Malu. Não fica... É aquela coisa... Pra cada amiga existe um tipo de segredo...
– Como é que é? – intrigou-se Nanda.
– Ah, Nanda, é assim que funciona. Pra Malu, eu conto umas coisas; pra você, outras; e pra Duca, outras. Por exemplo, a Malu é péssima com segredo de meninos, não dá pra contar nada sobre menino pra ela.
– O quê? Eu adoro saber segredos de meninos, são meus preferidos!

– Você adora *espalhar* segredos de meninos, isso sim! – disparou Alice, jogando a mais pura verdade na minha cara. – Você é boa pra segredo de família.

– De família? Ai, que coisa mais sem graça... – reclamei.

– Mas segredos que têm a ver com família são muito mais importantes do que segredos de meninos.

– Eu não acho, mas vou aceitar sua explicação.

– Vocês estão viajando! Que ideia! Meninas contam todo tipo de segredo para as melhores amigas. Sempre foi assim.

– Nanda, não se faz de desentendida. A regra do segredo é mundialmente conhecida. Todo mundo vive usando. Ou você acha que eu contaria pra Alice que você me disse que ela odeia a mãe da Duca?

– Você contou isso pra Malu, Nanda? Era segredo, garota! E eu não odeio a mãe da Duca, só não vou com a cara dela – justificou-se Alice. – E você, que disse que se irrita com a Malu porque ela sempre pede um pedaço de tudo que a gente come? Guardei superbem esse segredo, nunca disse isso pra ela.

– Você se irrita com isso? Por quê, Nanda? – indaguei.

– Porque você sempre fala que não vai querer comer nada, que não quer engordar e coisa e tal, e é só a gente começar a lanchar que você pede um tasco de todo mundo.

– E não pede só um tasco, pede vários.

– A Alice tá certa. Até de picolé você pede mordida. E não sabe morder, deixa pingar tudo, faz a maior lambança.

– É um saco isso, Malu – frisou Alice.

– Um saco – frisou ainda mais Nanda.

– Saco é vocês ficarem de segredinho sobre o Paulo Mendes. E aí, ele beija bem?

Nesse momento, Duca chegou. Estava suada, vindo do jogo de handebol.

– Se ele beija bem eu não sei, sei que ele falou pra todo mundo que estava lá embaixo na quadra que a Alice beija supermal – disse, antes mesmo de dar oi.

Confesso que fiquei bem alegrinha com a notícia. Ai, como sou má. Ah, que nada! Sou humana, só isso! Quem mandou a Alice não me contar o segredíssimo dela?

– E você disse que ele beijava superbem, né? – questionou Nanda.

– Que ridículo o Paulo Mendes! A gente combinou que era segredo o nosso beijo! – indignou-se Alice.

– Ele não tá fazendo segredo, não. Disse pro Gustavo, que disse pro André, que disse pro Fiúza, que contou pra Dani Sá, que contou pra Manu Mendonça, que contou pra mim que você tem muito mais dente do que devia na boca.

– Palhaço! Tudo bem, nossos dentes bateram um pouco, o aparelho dele machucou a parte de dentro da minha boca e eu babei um pouquinho, mas pra primeiro beijo eu achei muito bom. Pô, eu só vou fazer 12 anos na semana que vem, eu não sou obrigada a saber beijar – contou Alice.

– Normal não saber beijar. Todo primeiro beijo deve ser meio esquisito – confortou Duca.

– Eu acho que não vou beijar tão cedo. Talvez com 14, 15, e olhe lá – manifestou-se Nanda.

– Beleza, Nanda, mas a gente está falando do *meu* beijo. E agora? Tá todo mundo sabendo do meu segredo!

– E ainda sabem que você beija mal – botei lenha na fogueira. – A escola toda sabe e você nem precisou contar pra mim – alfinetei mais um pouco, ainda com meu ego machucadinho por eu ser a última a saber.

– Que vergonha! Gente, o que eu faço? – desesperou-se Alice.

– Espalha outro segredo. Conta pra todo mundo que o Paulo Mendes que implorou um beijo, e que você só deu porque ficou com peninha dele – sugeri.

– Não posso fazer isso... fui eu que pedi pra irmã dele pedir pra ele me beijar.

– Você pediu isso pra irmã dele? – assustou-se Nanda.

– Ué, gente. Ela sempre gostou do Paulo Mendes. O que é que tem? Eu dei a maior força pra ela pedir um beijo para ele – expôs Duca.

– A Duca sabe que você pediu um beijo pro Paulo Mendes e...

– Pra irmã do Paulo Mendes, Malu – corrigiu-me Alice. – É diferente! E claro que ela sabe. Isso é um típico segredo Duca.

– Se você tivesse pedido meu conselho, eu diria pra você nunca fazer isso. Se quisesse beijar o Paulo Mendes direito, que pedisse para beijar outros garotos antes, garotos sem importância, claro. Isso, sim, iria deixar seu beijo bom, nota mil, perfeito para fazer Paulo Mendes cair de paixão por você.

– Pois é, Malu, por isso que eu não pedi pra você. Era só o que faltava eu sair por aí pedindo beijo. Só você mesmo pra me dar um conselho doido como esse.

– Desde quando você gosta do Paulo Mendes? – quis saber.

– Desde que ela parou de gostar do Eduardo Bueno, hello-ou! – revelou Duca.

– Você não gosta mais do Eduardo Bueno? Por quê? E por que não contou nada pra mim? Achei que você gostasse dos dois. E de mim, mas pelo visto, você gosta mesmo é da Duca – argumentou Nanda.

– Eu não gosto mais do Eduardo desde que ele falou mal da Malu.

– O Eduardo falou mal de mim? O que ele falou? – irritei-me.

– Ah, não posso dizer, é segredo.

– Conta agora, Alice! – insisti, revoltada.

– Ah, ele disse que você tem mania de ficar batendo as unhas na mesa e atrapalha a concentração dele. E que você não sabe pedir cola, te chamou de lesa e tudo.

– Eu nunca peço cola! Que absurdo!

– Pois é, mas ele disse isso. E me pediu segredo.

– Eu vou lá agora falar com ele.

– Não vai, não. Ele me pediu segredo, lembra?

– Sabe o que eu estou percebendo? Não sou só eu que não guardo segredo nessa escola. NINGUÉM aqui guarda segredo.

– É verdade. Nin-guém – admitiu Alice. – O que eu faço agora? Como é que eu vou olhar pras pessoas?

– Deixa com a gente – afirmei.

– Como assim?

– Alice, olha só: eu, Nanda e Duca, antes de bater o sinal, podemos espalhar um segredinho do Paulo Mendes por aí...

– Que segredinho?

– Que tal fazer como ele e dizer que quem beija mal é ele?

– Mas ele beija bem...

– Pra quem você contou isso?

– Pra vocês.

– Só pra gente? – achei melhor confirmar.

– Só.

– Então, Alice, seu segredo está guardado. Mesmo. Não é, meninas?

– Claro, pode confiar na gente, Alice – disse Duca.

– Pode ter certeza de que esse segredo vai morrer comigo – prometeu Nanda.

– Então está feito. Vamos jogar o jogo dele, vamos contar pras pessoas que o Paulo Mendes beija mal. Mas, como somos garotas, vamos dar essa informação com riqueza de detalhes.

– Boa, Malu! – vibrou Duca.

– Vamos dizer que ele tem uma língua de elefante que é áspera que nem uma lixa de unha.

– Jura? Vocês fariam isso por mim?

– Claro – garantiu Nanda.

– E todo mundo vai cair, porque é o menino que guia o beijo, se ele diz que você beija mal, a culpa é dele. Vai ser muito mais fácil para as pessoas acreditar que ele é mau beijador, não você – incentivou Duca.

– Então... mãos à obra, galera! – comandei o grupo da fofoca. – Duca, me dá uma mordida da sua maçã?

– Olha aí! Nem maçã você perdoa, Malu! Caraca! – brincou Nanda.

Em menos de dois minutos a escola inteira estava sabendo que Paulo Mendes beijava mal e tinha uma imensa e áspera língua. Se arrependimento matasse, Alice estaria mortinha da silva, pois sua boca apresentava machucados horríveis (graças à língua de lixa e ao aparelho colocado por um dentista barato) e suas costas e braços tinham arranhões enormes (resultado das unhas mal cortadas do garoto).

É, aumentamos um pouco a mentira inicial. Mas limpamos a reputação de nossa amiga e voltamos para a sala de aula felizes.

À tarde, fui pra casa da Alice para saber do primeiro beijo da minha amiga, a primeira do grupo que tinha beijado. Uau! E ela me contou com detalhinhos, respondendo todas as minhas perguntas. Sem fazer segredo de nada.

Joana Risonha

A Joana era uma menina muito fofa da minha escola. Ela era grande, a mais alta da turma, meio desengonçada, usava aparelho, tinha o cabelo cor de cenoura e a maior mão que eu já vi na vida, o que a fez ganhar o apelido de Joana Mãozona. Não colou. Ela era a primeira a rir quando alguém fazia piada com a sua mão.

– A minha mão é do tamanho de uma pá, se precisar de ajuda pra cuidar do jardim nem precisa de jardineiro, é só me chamar – brincava quando "brincavam" com ela.

Isso é que é saber viver. E ela só tinha 11 anos!

Joana, que logo virou Joanona, era alegre, amiga de todo mundo e ria com vontade de si mesma – atitude importantíssima quando somos pré-adolescentes e cada projeto de espinha nos deixa à beira de uma depressão profunda. Enfim, Joanona era o máximo! E não ria só de si mesma. Joanona gostava de rir. Ria muito, ria alto. Era daquele tipo de gargalhada com direito a barulho de porco no fim, na hora de pegar ar pra rir mais um pouco, sabe?

Mas a alegria de Joanona era como de pobre: durava pouco. Se ela caísse na tentação de ter um ataque de riso, a consequência era desastrosa. Ela sempre avisou que se achasse muita, mas muita graça mesmo em uma piada ou situação, a ponto de não conseguir parar de gargalhar, ela fazia pipi na calça.

– Ah, para! Que exagero! – comentou Alice, enciumada do meu grude com minha nova amigona. – Ninguém mija quando ri.

– Alice! Que palavra é essa? Ninguém urina quando ri, você quis dizer – corrigi.

– Ah, é, Malu. É isso mesmo que você fala quando vai ao banheiro. Eu vou ali urinar e já volto.

– Eu falo xixar, você tá cansada de saber! É muito mais bonitinho. Esse verbo que começa com 'mi' e termina com 'jar' é coisa de menino. Deixa de implicância com a Joanona.

– Não é implicância. Eu só sei que é mentira dela. Isso não existe. Até porque ela vive rindo e eu nunca vi xixi saindo dela.

Alice pôde comprovar a veracidade do xixi risonho de Joanona poucos dias depois desse diálogo.

Joanona explodiu num riso sem volta quando ouviu uma piada sem graça que o Alexandre, o engraçado da turma, contou pra gente na hora do recreio.

Ataque de riso clássico, com direito a lágrimas saindo pelo canto dos olhos e mão na barriga. Até que...

– Ups... Fiz...

– Não! – gritei.

– Sim! Eca! Ela fez xixi na calça! – gritou mais ainda Diana, uma aluna da nossa turma.

– Menina, então é verdade! Você faz mesmo xixi quando ri... – comentou Alice.

– Quando ri muito! – frisei.

– Ai, que vergonha! – disse Joanona, vermelha feito um pimentão. – E agora? Alguém me empresta um casaco?

– Pra você botar na cintura e disfarçar a calça molhada? – perguntou Diana, voz de megafone.

– É! – respondeu Joanona, aflita.

– Neeeeem pensar! Que nojo!

– Fala sério, Diana! Que horrível você dizer isso!

– Horrível é fazer xixi na calça, Malu.

– Gente, que vergonha... – lamentou Joanona, já escondendo o rosto entre os braços.

– A Joanona fez xixi na calçaaa! – berrou Diana, descendo a escada aos berros.

– Vamos para o banheiro, Jô. Eu e a Alice vamos atrás, fazendo paredinha, ninguém vai perceber. A gente liga pra sua mãe e pede pra ela trazer uma calça nova e vai ficar tudo bem. Eu fico lá esperando com você.

– Mas e a aula? O recreio já vai acabar...

– Eu peço pra coordenadora me liberar, deixa comigo.

Dito e feito. A coordenadora ficou com peninha da Joanona, que tava tão envergonhada que parecia uma Joaninha, de tão vermelha e encolhidinha, e me deixou ficar com ela no banheiro enquanto não chegava sua nova peça de roupa.

Alice bem que tentou fingir solidariedade para matar aula, mas a coordenadora disse que não havia necessidade de uma festa no banheiro. A minha companhia bastava para atenuar o constrangimento da Joanona. Bem feito! Ela sempre implicou com a Joanona.

Sentadas no chão gelado do banheiro, conversamos sobre tudo. Sobre o Tavares e sua barriga mole, sobre a metidice da Mendonça, sobre a festa de aniversário da Bittencourt... E quando nem nos lembrávamos do assunto xixi...

– Ih, olha aí a mijona! – disse uma menina que entrou no banheiro.

– Ela não é mijona! – defendi fofamente.

– Quem mija nas calças é o quê? Mijona! – argumentou a amiga da primeira, explodindo numa gargalhada.

Logo entrou outra menina.

– Você que fez xixi na calça? Nossa, não se fala noutra coisa na escola. Você vai botar uma roupa limpa em cima do xixi, é?

– Já vai ter secado quando a calça nova chegar! – Parti em defesa da minha amiga novamente.

– Não interessa! Ela já virou a mijona do colégio. Joanona Mijona!

Ai... Joanona Mijona foi péssimo. Péssimo! Abaixei a cabeça e olhei pra ela com um olhar triste, ela não merecia aquilo tudo... Eu estava pronta para dar meu ombro para que ela chorasse mais um pouco quando...

– Joanona Mijona? Joanona Mijona? Rárrarrá! Joanona Mijona é muito bom! – disse Joanona, rindo.

As meninas no banheiro olharam para ela espantadas, boquia- bertas. Aquela era a minha Joanona!

– Gente, Joanona nasceu pra rimar com Mijona! Ai, para, não posso rir muito se não faço de novo! – disse, entre risos dados com vontade.

– Se for xixi, tá valendo. Pum é que não rola. Porque xixi não tem cheiro, né? – Riu a primeira a entrar no banheiro, já contagiada pelo bom humor e pela leveza da grande Joanona.

Rimos juntas por alguns minutos até que a roupa da Joanona chegou.

– Agora com licença, que a mijona aqui vai trocar de roupa – avisou, enquanto ia em direção ao sanitário. – Tem chuveirinho, né? Tem. Viva o chuveirinho! Vou sair novinha em folha. Nem vou precisar tomar banho quando chegar em casa – disse, debochada, fazendo todas nós abrir um sorriso.

Voltamos pra sala e um engraçadinho logo falou:

– Mijona!

– Sou mesmo! Mas não repete esse apelido, porque eu achei hilário! Se eu ouvir mais um mijona vocês estão ferrados, porque aí é que eu vou desandar a fazer xixi. E vou pedir o casaco de todo mundo pra sentar em cima e não sujar a cadeira, porque agora não tenho mais roupa limpa!

Todos riram, inclusive a professora.

– Boa, Joana! É assim que se faz!

Assim, com a reação de Joanona, o episódio xixi sequer repercutiu na escola. Hoje sei que gente com anos de análise não é capaz de reagir de forma tão inteligente a uma situação parecida com essa. Mas Joanona parece ter nascido analisada, Joanona sabia das coisas. Ela optou por ser feliz, por olhar a vida com óculos cor de rosa, por ser grande por dentro. Viva ela! E viva o que eu

aprendi com ela. Que amizade é coisa séria, que amigo é aquele que está perto da gente não importa o momento, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza.

12 anos

Festa surpresa

– É da casa da Maria de Lourdes? – perguntou uma voz de mãe do outro lado da linha.

– É – respondi.
– Estou ligando pra confirmar a festa de hoje à noite.
– Festa?
– É, gostaria de saber que horas acaba, porque meu fil...
– Mãe! – cortou uma voz desesperada de menino. – É surpresa! É uma amiga dela que tá organizando!
– Ah, é, Nicolau? Não sabia! Desculpa, então, moça, desculpa, foi engano.
E assim, eu soube, em cima da hora, que teria minha primeira festa surpresa. Fiquei tãããão empolgada! Adoro festa surpresa! E adorei mais ainda minhas amigas por me darem uma festa surpresa totalmente surpresa. Que fofas! Não deixaram escapar nada! Se não fosse a mãe do Nicolau eu jamais saberia. Duca, Alice, Nanda, ou ainda Helô, Bené (amigas novas, que entraram no colégio na quinta série, mas já muito queridas)... certamente não era apenas uma delas, todas estavam envolvidas, cuidando de tudo para ser a festa mais perfeita que a Tijuca já vira.
À tarde, liguei pra Alice.
– E aí? O que você vai fazer hoje à noite? – mandei na lata, para testá-la.
– Não sei... Acho que vou ao cinema com a minha mãe.
– Cinema, é? Hummm...
– Que foi?
– Nada, é que amanhã é meu aniversário e eu ainda não sei o que vou fazer...
– Amanhã você pensa nisso, né, Malu?
Naquele momento, tive a certeza de que Alice estava no comando de tudo. Certamente já tinha visto o rango que seria servido, os convidados, o horário, a

decoração... Resolvi ficar quieta, pra não mostrar a ela que eu já sabia de tudo.

Fiquei pensando em como sou uma pessoa querida, adorada por tudo e todos. E em como é bom fazer aniversário!

No início da noite, Ana Luiza, do meu curso de inglês, me chamou para ir à lanchonete. Nunca tive muita intimidade com ela, provavelmente não tinha sido convidada para a minha festa, já que minhas amigas não a conheciam direito, mas eu não podia dizer não, Ana Luiza era fofa. Disse a ela que tinha que ser um lanche rapidinho, porque minha mãe queria que eu ajudasse a dar uma arrumada na casa para o fim de semana.

Às 18:30 estava eu com Ana Luiza na lanchonete tomando milk-shake. Como nunca tivemos muito assunto, ela propôs que falássemos em inglês, para praticar o idioma. Que mico! *What do you think* pra lá, *Oh*, *yes* pra cá, *Not very much* aqui, *I hate it* acolá, passou-se uma hora.

– Vamos pra minha casa?

O-ou... Pra casa dela? Impossível! Tinha uma festa surpresa esperando por mim, mas eu não podia contar nada pra Ana Luiza porque ela provavelmente não tinha sido convidada. Que situação!

– Não posso... Minha mãe tá me esperando...

– Imagina, eu ligo pra sua mãe – retrucou, já discando pra minha casa. – Oi tia, é Ana Luiza, do inglês da Malu, tudo bem? Desculpa, tia, eu quis dizer Maria de Lourdes... Então, ela pode ir para a minha casa? Pode? Sem problemas? Valeu, tia. Beijo.

Eu ia matar a minha mãe! Agora meus convidados estariam esperando na casa da Duca, da Nanda, da Alice, ou mesmo na da Bené ou da Helô, enquanto eu ia pra casa da fofa-porém-meio-chatinha Ana Luiza, com quem eu não tinha a menorrrr intimidade. Que tensão, meu Deus! Prometi pra mim mesma que ficaria no máximo meia hora na casa dela. Não queria estragar a minha própria festa.

O telefone tocou:

– Onde você tá, Malu?

Era a Bené.

– Tô indo pra casa de uma menina do inglês, a Ana Luiza. Por quê?

– Nada não – respondeu, desligando em seguida.

A minha festa devia estar prontíssima, só faltava eu. Consegui visualizar a cena, todos escondidos no escuro, calados, apreensivos, esperando pela minha chegada triunfal para gritar em coro: FELIZ ANIVERSÁRIOOOO!!! Que droga! Que Ana Luiza mais sem noção!

Quando chegamos na casa dela...

– SUR-PRE-SAAAA!!! – berraram várias pessoas com balões de gás na mão.

– Feliz aniversário, Malu! – abraçou-me Ana Luiza.

Gente! Não acredito! As meninas resolveram fazer a festa na casa da Ana Luiza! Super bem pensado, eu jamais desconfiaria! Palmas pras minhas amigas do peito! Elas pensaram em tudo.

Quando as luzes se acenderam, vi as pessoas, os doces, a decoração. E meu sorriso de satisfação foi dando lugar a um sorriso de estranhamento. O que a minha mãe e o meu pai estavam fazendo ali? E minha avó? E meus irmãos? Por que as meninas convidaram eles? Festa surpresa é só pra galera da nossa idade, nada a ver com família. E quanta gente do inglês! Eu só via aquele povo duas vezes na semana, por que eles estavam lá com cara de felizes? O Mark, professor do curso de inglês, também estava lá! Como é que minhas amigas convidaram o Mark?

– U-hu, Maria de Lourdes! Tá virando gente, hein?, 12 anos! Tá ficando velha! – berrou minha mãe, me matando de vergonha. – Palmas pra minha menina-mulher!

Aplausos e mais aplausos se fizeram ouvir pra menina-mulher aqui, que dava tudo para virar um avestruz e enfiar a cabeça num buraco para fugir daquele pesadelo anunciado. Enquanto lançava para minha mãe meu melhor olhar enfezado, senti cair sobre mim uma chuva de pétalas. Pétalas de rosas. Rosas brancas e amarelas. Jogadas por Malena, minha irmã caçula, minha avó e, claro, Ana Luiza.

– Feliz tudo, Malu! – gritava a anfitriã enquanto jogava em mim aquelas pétalas bizarras.

– Muita paz! E muito ouro pra você, minha filha! – comemorava minha mãe, explicando, assim, o simbolismo das rosas enquanto deixava marcas de beijo por todo o meu rosto.

– Feliz aniversário, filhota – disse meu pai, ao meu ouvido, enquanto me abraçava. – Antes que você brigue comigo, eu fui contra a ideia das flores. Desde o começo disse pra sua mãe que você não ia gostar, mas você conhece sua mãe, não ouve ninguém.

Sorri amarelo para ele, pra mamãe e pra Ana Luiza, e fui correndo falar com Alice, que conversava com Duca, Nanda, Helô e Bené num canto.

– Vocês piraram? Quem foi que deixou rolar essa chuva de pétalas? Que coisa mais brega! Achei que vocês gostavam de mim!

– Aceita um brigadeiro, aniversariante? – perguntou um garçom.

– Não, obrigada – recusei. – Fala sério, gente! Brigadeiro com granulado? Eu odeio granulado, vocês sabem! E não tem um brigadeirozinho branco? Puxa

vida, achei que vocês me conheciam bem, mas tô vendo que estava enganada.

– Ô, Malu! Não viaja! A gente não tem nada a ver com essa festa, a gente está aqui como convidada – reagiu Alice.

– Ou você acha que a gente aceitaria a ideia da sua mãe de distribuir para todos os convidados esse cartão aqui? – comentou Duca, botando na minha mão um cartãozinho ilustrado com uma foto minha e os seguintes dizeres ao lado:

Aos gatões da minha turma que querem me namorar,
Papai e mamãe me acham muito nova para começar a beijar.
Mas se um garoto bonito e inteligente por mim se apaixonar
Que fique bem claro: sou menina direita, para casar.

Detalhe importante: a foto que minha mãe escolheu para o tal cartão era de quando eu tinha uns 5 anos e estava pelada, na banheira, aos prantos, com sabonete ardendo no meu olho.

Eu quis morrer.

– Vocês são convidadas? – perguntei chocada, ainda boquiaberta com o cartão.

– É. A ideia toda foi dessa Ana Luiza; ela te ama – explicou Nanda.

– Ela que chamou todo mundo. Cheguei a pedir pra supervisionar os convidados, mas ela quis cuidar de tudo sozinha – disse Alice.

– Sozinha, não. Com a sua mãe – corrigiu Bené.

– Ou seja, muito pior do que sozinha! – argumentou Helô.

– Muito pior! – concordei. – Se ela tivesse pedido ajuda para o meu pai, ia ser melhor. Eu acho...

– Quando ofereci ajuda, ela negou dizendo que te conhecia superbem, que era sua melhor amiga do inglês – contou Alice.

– E ela é a maior puxa-saco da sua mãe. Organizou tudo com ela. Até as músicas elas escolheram juntas – comentou Duca.

Nesse momento, uma música tipo anos 1980 começou a tocar e eu ouvi minha mãe berrando, de mãos dadas com Ana Luiza:

– Vem aqui, Maria de Lourdes! Vamos dançar juntas! Agora não é mais mico sua mãe dançar nas suas festinhas, né, filha? Agora você já é uma mocinha. Mo-ci-nha! Mo-ci-nha! Vamos lá, pirralhada! Quero ver todo mundo gritando! Mo-ci-nha! Mo-ci-nha!

E os convidados de Ana Luiza, numa felicidade imensa, acompanhavam minha mãe:

– Mo-ci-nha! Mo-ci-nha!

Se o inferno existisse, tenho certeza de que ele seria parecido com aquela festa. Antes de dirigir-me à sala que fazia as vezes de pista de dança, disse para as meninas:

– Pelo menos elas não chamaram a Leila Loredano. Eu ia morrer se aquela enjoada com cara de pinguim estivesse aqui. Odeio ela! Odeio!

– Feliz aniversário, Malu – cumprimentou-me (acredite!) Leila Loredano, depois de me cutucar com uma cara irritada, demonstrando que, sim, tinha ouvido perfeitamente minha descrição pouco amorosa sobre sua pessoa.

– Leila, desculpe...

– Não precisa se desculpar – respondeu, fula da vida. – Eu também não vou com a sua cara, vim só pra filar rango de graça e ver sua mãe pagar mico, porque ela é mestra nisso, né?

Olhei com cara de bunda para as meninas, que pareciam se solidarizar comigo, e, como quem vai para a forca, andei até a pista improvisada, para dançar com minha querida mãezinha, que estava mais empolgada que o normal depois de duas latinhas de cerveja.

– Mãe! Mãe bêbada ninguém merece! – sussurrei ao seu ouvido.

– Que bêbada, Maria de Lourdes! Eu estou feliz! Vem, vem dançar, sua chatonilda! Vamos lá, aquele passo dos soquinhos. U-u! Vai! U-u! U-u! Ooi!

O inacreditável “passo dos soquinhos” consistia no seguinte: ela dava dois “socos” no ar com cada mão, como se estivesse lutando boxe com um Popó invisível e, a cada soquinho, um “u-u!”.

Era o fim! O fim! Em pouco tempo, a festa inteira imitava mamãe e dançava o passo dos soquinhos como se não houvesse amanhã. A festa inteira berrava “u-u!” no ritmo da música, a festa inteira queria me matar de vergonha. Minha mãe parecia uma Sílvia Santas, só faltava o microfone colado no peito, estava se sentindo a própria animadora de auditório, suuuper à vontade naquele papel. Que lástima!

Quando achei que nada de pior poderia acontecer, avistei Paloma Albuquerque Figueiroa Forli Calheiros Rieggs de Carvalho, uma menina que era minha amiga desde o jardim de infância, mas com quem deixara de falar havia uns três anos, quando ela espalhou pra escola toda que para fazer conta eu usava até os dedos dos pés.

Como Ana Luiza estava animadíssima ao lado de minha mãe, resolvi puxá-la pro canto e perguntei o que aquela menina estava fazendo ali, já que ela era praticamente minha inimiga mortal.

– Sua mãe adora ela. Quer que vocês voltem a ser amigas.

– Eu não gosto dela.

– Mas ela toca violino.

– Eu odeio violino.

– E daí? Os pais dela têm casa em Itaipava. Sua mãe adoraria que você passasse alguns fins de semana na serra. De preferência, aprendendo a tocar um instrumento. Violino é tão chique, tão imponente, Maria de Lourdes...

Inacreditável, mas Ana Luiza tinha virado uma minimamãe. Imponente? Que pessoa de 12 anos usaria uma palavra dessas? Era a palavra mais mamãe que eu conhecia.

A festa rolou por umas quatro intermináveis horas. Durante o Parabéns, mamãe puxou o “Com quem será? Com quem será? Com quem será que a Maria de Lourdes vai casaaaar?”. Na hora do “Vai depender, vai depender se o fulano vai querer”, ela e Ana Luiza disseram bem alto o nome do Augusto, o nerd gordinho e deslocado, que usava óculos fundo de garrafa e ficou isolado o tempo inteiro na festa.

– Manhê! – bronqueei.

– Ele só tira nota boa, Maria de Lourdes! É de um namorado assim que você precisa! Fica quieta, mamãe sabe o que é bom pra você.

– Sua mãe sabe o que é bom pra você, Malu – repetiu Ana Luiza. – Quer dizer, Maria de Lourdes. Desculpa, tia.

Todos se empanturraram de bolo e se divertiram a valer. Menos eu. Ana Luiza e/ou mamãe se esqueceram (acredito que de propósito) de chamar pessoas que eu gostava, chamaram outras nada a ver e ainda tive que aturar todo mundo pedindo autógrafo na foto do cartãozinho. Que humilhação!

Depois que todos os convivas foram embora, despedi-me da Ana Luiza e de seus pais e fui para casa a pé, com Malena, Mário Márcio – vulgo Mamá, o meu irmão do meio – e mamãe (vovó tinha ido mais cedo, achou as músicas muito antigas, queria ouvir “um som mais da moda”. Eu também, deveria ter dito a ela). Caminhamos em silêncio até o meu prédio. Quando abri a porta do meu apartamento, Alice, Duca, Nanda, Helô, Bené, Vinícius, Guilherme, Diego e outros poucos amigos queridos me saudaram com um sorriso e um “FELIZ ANIVERSÁRIOOOO!” que encheu meu coração de alegria.

– Pronto, Malu. Agora chegou a vez da sua festa VIP. Só pessoas realmente importantes estão aqui – anunciou Alice, sob o olhar carinhoso, cúmplice e sapeca de mamãe e meus irmãos, mostrando as oito pessoas lindas que estavam reunidas lá em casa para comemorar a minha data querida.

Dei um abraço apertado e coletivo na minha família e depois corri pra esmagar a família que eu escolhi, os meus melhores amigos.

Ficamos até de madrugada comendo brigadeiro do jeito que tem que ser, com colher e sem granulado, ouvindo músicas que minha mãe julgou “barulhentas” e com pessoas que eu realmente amava e queria pra sempre comigo. Não só no dia do meu aniversário, mas em todos os dias da minha vida.

Assunto delicado

Como é que a gente daria aquela notícia à Helô? Era um assunto delicado, não era fácil puxar uma conversa daquelas. Mas era necessária. Imprescindível.

– Eu não vou começar – avisou Alice.
– Nem eu – manifestei-me.
– Tá bem, gente, eu falo! – resignou-se Duca. – Mas... e se ela receber mal a notícia? O que a gente faz?
– A gente fala uma coisa alegre, uma coisa que faça a Helô feliz – sugeriu Alice.
– Chocolate! – exclamei.
– Não é hora pra comer chocolate, Malu! – bronqueou Duca.
– Claro que não! Tô dizendo que a Helô aaama chocolate, é bom puxar um assunto sobre isso, caso ela reaja mal.
– Falar o que sobre chocolate? A cor, a textura, a história do chocolate através dos séculos? – quis saber Duca.
– Isso!
– Péssimo esse assunto, Malu! – exclamou Alice.
– Péssimo! Mil vezes péssimo! Chocolate tá fora de cogitação, temos que pensar em coisas *realmente* legais pra dizer... – decretou Duca.
Helô chegou e nos viu sentadas na minha cama.
– Iiiih! Que foi? Conheço essas caras. Aconteceu alguma coisa? – ela logo perguntou.
Droga! Intimidade é isso!
– Vou pegar sorvete na cozinha, alguém quer? – perguntou Alice, saindo voada do quarto.
Que cara de pau!, pensei. A Alice é assim, deixa a gente na mão às vezes, sem a menor cerimônia. Mas tudo bem, aquele assunto era mesmo delicado. Normal amarelar.
– Helô... – comecei.
Duca ficou em silêncio, parecia querer que eu dissesse mais coisas.
Olhei pra ela e ela muda, mudinha da silva.
– A gente quer te falar uma coisa... Né, Duca?
– Arrã – foi tudo que ela disse.
Não acredito!, pensei. A Duca também vai dar pra trás! E a gente quer falar com a Helô há dias! Demoramos tanto tempo planejando... Como percebi que

Duca não se manifestaria mesmo, fui em frente:

– Helô, o negócio é o seguinte...

– Dezenove não são vinte! – Duca fez graça sem graça e, nervosa, teve um ataque de riso.

É... Até Duca, a rainha da sinceridade, não estava a fim de falar com a Helô sobre o que eu, ela e Alice concordávamos e que tive a coragem de dizer na lata depois de respirar fundo:

– Helô, amada, você precisa mudar de cabeleireiro.

– Como é que é?! – indignou-se Helô, mãos na cintura.

– É isso mesmo! A gente não gosta do corte do seu cabelo. Ele não te cai bem, não cresce bonito e a gente acha você muito gata pra ter um cabelo mal cortado desse jeito. Pronto, falei.

Helô continuava indignada.

– A gente quem? Quem acha meu cabelo feio?

– Não é isso, Helô, não entende mal, não distorce! Eu, a Alice e a Duca achamos seu cabelo lindo, ele só precisa de um corte bonito. Não é, Duca?

Com os olhos grudados nos meus, Duca disse, sem pestanejar e sem culpa:

– Vou lá ver se a Alice tá precisando de ajuda na cozinha. Ela tá demorando, né? Será que aconteceu alguma coisa? Vou lá ver! Beijo! – disse, dissimulada, antes de sair correndo do quarto e me deixar naquela saia justa.

Fiquei desconcertada, com um sorriso amarelo... Não daria para fugir daquele assunto. Nem Helô deixaria a conversa tomar outro rumo.

– Desde quando vocês não gostam do meu cabelo?

– Desde que você começou a cortar com o Edmílsonys. Ele não nasceu para trabalhar com tesoura, amada.

– Malu, o Edmílsonys é tudo pra mim! É amigo, é terapeuta, é ombro, é carinho, é paz. Não vivo sem o Edmílsonys. Corto com ele desde pequena!

– Você corta com ele há um ano. Há um ano você estragou o seu cabelo.

O clima estava pesando. Conversinha delicada... Como é que você diz para uma amiga que ela tem que trocar de cabeleireiro? Seria melhor não dizer? Mas amigas devem dizer a verdade sempre, não é?

– Olha, Helô, você não precisa concordar com a gente! Só precisa ouvir. Se você gosta do seu cabelo, beleza. A gente só queria te dar um toque... – expliquei.

– Por que você não volta para o Silvestre? – perguntou Duca, invadindo o quarto, puxando Alice pelo braço.

– O Silvestre? Gente, eu não posso ter um cabeleireiro com esse nome. Silvestre é sinônimo de selvagem! E é um tipo de morango! É tudo, menos nome de cabeleireiro!

– Fala sério, Helô! – gritamos as três em coro.

– Silvestre é um nome péssimo, povo! – exaltou-se Helô, veias saltando do pescoço.

– Ah, claro. Edmílsonys é que é lindo. Isso, sim, é nome de cabeleireiro – debochou Duca.

– Eu gosto de Edmílsonys. Acho muuuito nome de cabeleireiro. E cabeleireiro que vai fazer o maior sucesso no futuro.

– Ele vai ser um fracasso no futuro! – comentou Alice.

– Ele já é um fracasso no presente. O salão dele fica numa galeria suja num lugar estranho. Quem é que corta o cabelo lá? – disse Duca.

– Eu corto! Cortava, pelo visto. Vem cá, essa nossa conversa não podia ter rolado antes? Deixaram o cara cortar meu cabelo um ano para me dizer isso?

– A gente não sabia se você reagiria bem... – contou Alice.

– E a gente precisava ter certeza de que ele cortava mal. Não podíamos criticar o cara sem saber se ele era ruim ou se estava num dia ruim quando cortou seu cabelo nas duas primeiras vezes.

– Ele é péssimo, Malu! Todos os dias são ruins pra ele! Aquela pessoa deixou a Helô com cara de pavão eletrocutado todas as vezes que cortou o cabelo dela – sentenciou Duca.

– Pavão eletrocutado? Sério? Vocês acham tão feio assim?

– Horroroso – afirmou Duca.

– Medonho – opinou Alice.

– O ó! – Fui sincera.

– Por isso que vocês nunca queriam que eu cortasse o cabelo...

– Isso. Porque seu cabelo fica bem melhor sem esse corte – afirmou Duca.

Helô começou a chorar.

Chorar!

A gente não estava preparada pra ver a Helô chorando. Tadinha! A gente fez nossa amiga chorar!

– Ô, Helô, não chora! – pedi.

– Desculpa, vai! – disse Alice, fazendo jorrar uma cachoeira maior ainda dos olhos de Helô. – Fica feliz de novo, por favor!

– Chocolate! Chocolate! Chocolate! – gritou Duca, num claro sinal de desespero.

Nós devíamos falar de coisas que a Helô gostasse para ela ficar bem, não exatamente a palavra “chocolate” repetidas vezes. A ideia da Duca foi absurdamente idiota. Mas o que dizer pra tirar nossa amiga daquele chororô? O quê?

– É tudo mentira, eu acho seu cabelo bonito e não queria falar nada. Isso tudo foi ideia da Malu!

Para tudo!

Eu ia matar a Alice depois que todo mundo fosse embora. Ia arrancar com pinça cada cabelo da perna dela! Isso era coisa pra se falar numa hora daquelas?

– Alice! – estrilei.

– É isso mesmo! Eu acho seu cabelo bonito, Helô!

– Tá louca, Alice? Deixa de show! Você odeia o cabelo dela, diz que parece um poodle encardido – argumentou Duca, com tanta sutileza e sensibilidade que fez Helô chorar ainda mais alto.

– Tá, tá! Desculpa a mentira, eu não gosto mesmo do seu cabelo, ninguém acha bonito – admitiu Alice.

– Buáááááááááááááá!!!!!

– Eu se fosse você, parava de chorar e ia me olhar no espelho. Se eu gostasse do meu cabelo, ignoraria a opinião das pessoas, mas, se não gostasse, começaria a pensar em trocar de cabeleireiro.

Como num passe de mágica, Helô estancou o choro.

– Você tem toda razão, Malu! Toda razão – acatou, dirigindo-se ao espelho da porta do meu armário. Olhou-se longamente. – Eu estou horrorosa. Já estava achando meio ruim esse corte, mas como é que eu vou fazer para trocar de cabeleireiro? Dá tanto trabalho isso...

– O que dá trabalho? Parar de ir a um salão e passar a ir noutro? – quis saber Duca.

– Não... É o processo do abandono do cabeleireiro que me angustia. Acho tão triste essa história de simplesmente deixar de ir, desaparecer da vida dele... E acho meio traição trocar de cabeleireiro. Ele vai ficar magoado... Já tô vendo a cena.

– Deixa magoar! Você não pode continuar pagando para esse cara cortar seu cabelo! – palpitei.

– Não é assim, Malu! Eu preciso conversar direito com ele, olhar no olho, pegar na mão, explicar com muito cuidado os motivos que levaram à nossa separação... Tenho que ser digna até a raiz do cabelo.

– Ah, deixa de ser cafona, Helô! – brigou Alice. – Que mané separação? Ele é seu cabeleireiro, não é seu namorado, não!

– Mas eu gosto dele! Como é que a gente diz pra um cabeleireiro que ele corta mal?

– Aí, cabeleireiro, você corta mal – sugeriu Duca. – Mas, sinceramente, acho que você não tem nada que falar com o cara. Ele logo vai entender que se você deixou de ir é porque ele não estava agradando.

Terminamos a tarde devorando o tal sorvete que a Alice tinha ido pegar na cozinha. E levando nossa amiga ao meu cabeleireiro, já que ela sempre adorou meu cabelo. Helô saiu de lá outra pessoa. Linda, linda, linda. E nunca mais abandonou Luiz Cláudio, seu mais novo amigo de infância. Quero dizer, seu novo cabeleireiro.

13
anos

Ponto de interrogação

Fim de sábado, pôr do sol bonito, clima agradável, horas no computador no quarto com a Alice... Precisava de algo gostoso para fazer aquele cenário perfeito, mais especificamente de uma coisa gelada entrando em contato com minhas papilas gustativas. Alice pareceu ler meus pensamentos e perguntou, iniciando um diálogo sem precedente em nossas vidas:

– Sorvete?
– Baunilha?
– Com chocolate?
– E amêndoa?
– Muita calda de chocolate por cima?
– Ou de morango?
– Morango combina com baunilha e chocolate?
– Por que não combinaria?
– Sorvete do Bob’s ou do McDonald’s?
– Que diferença faz?
– Nenhuma, os dois fazem doer os dentes, né?
– Seus dentes doem com sorvete, Alice? Desde quando?
– Seus dentes não doem com sorvete?
– Os seus doem? Como? Por quê? Isso é normal? Isso pega?
– Por que os seus não doem?
– Por que eu sou fofa?
– Acha que eu vou levar essa resposta a sério, Malu?
– O que você queria que eu dissesse?
– Meu dente é feio?
– Quer mesmo que eu responda isso?
– Por que não?
– Quer que eu diga a verdade?

– Dá pra parar de suspense? É ou não é feio?
– Isso lá é pergunta que se faça?
– Feio e fresco, é isso que você acha e não quer me dizer, não é?
– Fresco? O certo não seria sensível?
– Dente sensível? Isso é um problema?
– E não é? Se não é problema é o quê, então? Dor não é problema?
– Tenho que ir a um médico? Será que é grave? Será que estou com uma doença seriíssima?
– Quer parar de dizer bobagem?
– Você não se preocupa comigo?
– Já não disse que seu dente é só sensível?
– E feio?
– Por que você não faz um clareamento?
– Meus dentes são feios, sensíveis e encardidos? Você não tem nada mais animador para dizer?
– Seu pai não tem um amigo dentista?
– Você acha que eu vou pagar para sofrer no dentista?
– Você não vai ao dentista, Alice?
– Você vai?
– Meus dentes doem, por acaso?
– É porcaria não ir ao dentista, sabia?
– Eu lá disse que não ia? Quem puxou esse assunto de dentista?
– Se não foi você, quem foi?
– Ai, Alice, vamos parar com isso?
– Se eu for ao dentista, será que ele vai cuidar direito de mim?
– Menina, existe outro profissional, que não um dentista, capaz de dar um jeito nos seus dentes esquisitos?
– Esquisitos?
– Eu disse esquisitos?
– Malu, por que você está debochando? Não vê que estou preocupada com a situação?
– Dente é importante assim para você?
– Dente não é importantíssimo para todo mundo?
– Todo mundo quem, cara-pálida? Coração, fígado e intestino não são muito mais importantes? O que é um dente perto de um fígado? Tem coisa mais linda e importante que o fígado? E o coração, então?
– Se eu tiver que arrancar todos os meus dentes, você vai comigo para apertar a minha mão?

– Não sabe que eu desmaio vendo sangue? Por que você não chama a Duca?

– Por que não você?

– Se eu for, você me mostra como bota e como tira a dentadura?

– Você vai querer mesmo que eu te ensine essa nojeira?

– Você não tem curiosidade de saber como é viver todos os dias da sua vida com uma dentadura te incomodando a boca?

– Vamos ligar pra minha mãe e pedir para ela marcar logo uma consulta pra mim?

– Você vai se acostumar a ser banguela pra sempre?

– Será que vai ser difícil?

– Promete uma coisa? Quando você se acostumar a ser uma menina desdentada, posso contar pra todo mundo que você usa dentadura?

– Para me matar de vergonha?

– Tem algum mal nisso?

– Eu vou ser a única pré-adolescente do mundo a usar dentadura?

– Isso não tem cara de manchete de jornal?

– Eu vou virar uma aberração?

– Aberração famosa não é bom? Já imaginou você, mesmo desdentada, ganhando convites para festas e conhecendo os artistas todos?

– Você acha isso bom?

– Espetáculo não seria uma palavra melhor?

– Você tá delirando?

– Diz pros jornalistas que eu fui arrancar os dentes com você, Alice? Será que assim fico famosa? Já pensou que chique? Eu e você, celebridades instantâneas?

– Eu vou perder todos os meus dentes com 13 anos e você acha isso bom?

– Posso ficar com um de recordação?

– Você não está percebendo o tamanho do meu drama? Não dá pra dizer alguma coisa que me deixe felizinha?

– Será que você vai aguentar essa vida banguela?

– Eu posso enforcar você, Malu?

– Vamos fazer uma festa de despedida dos seus dentes?

– Sério, posso enforcar você?

– Por que tanta agressividade, Alice?

– Você acha que eu tenho cabeça para pensar em festa no meio dessa tragédia dentária?

– Por que a gente tá falando assim?

– Assim como?

– Reparou que a gente não usou um ponto, a não ser o de interrogação, para terminar as frases desse diálogo?
– Tá falando sério?
– E eu ia brincar com uma coisa dessas? Você não sabe que meu ponto preferido é o de exclamação?
– É?
– Ou é o ponto final?
– Não era você que gostava de reticências?
– Sabe que não lembro?
– Como isso começou, Malu?
– Não tá muito engraçado?
– Será que a gente só vai conseguir falar assim daqui pra frente?
– E enlouquecer todo mundo?
– Não ia ser divertido?
– Você se imagina rindo com dentadura?
– Acha mesmo que posso ficar sem os dentes?
– Ficar sem os dentes e se tornar a menina mais esquisita do mundo? Acho. Ufa! Não usei o ponto de interrogação. Que alívio. Essa conversa não estava te irritando?
– Você começou de novo, Malu?
– Comecei o quê?
– A só falar com interrogação?
– Isso não está te irritando?
– Pode parar?
– Por que *você* não para?
– Quer que eu vá embora?
– Acha melhor?
– A gente se fala mais tarde?
– Eu te ligo?
– Às oito, na hora do jornal?
– Pode ser oito e quinze?
– Por que não?
Alice saiu voada do meu quarto. Será que estava tão horrorizada quanto eu? Estranho aquele diálogo... Muito estranho...
Melhor ligar pro médico?, pensei. Que nada, tinha uma opção muito melhor:
– Manhêêê! Vem aqui, por favor?
Contei para a minha mãe o drama da interrogação doida. Estava em busca de carinho, compreensão, um pouco de conversa sem esse ponto insistente, uma

palavra amiga, que só as mães sabem dar:

– Maria de Lourdes, você acha que eu não tenho mais nada a fazer a não ser pensar nessa maluquice de “mundo bizarro da interrogação”?

– Vai me deixar aqui sozinha? Não acha que eu e a Alice estamos ficando malucas?

Ela já tinha ido embora do quarto, com uma batida de porta equivalente a mil pontos de exclamação.

Apelido

A caminho de uma festa, levadas por minha mãe, eu, Duca, Nanda e Alice conversávamos animadamente no banco de trás do carro. A minha mãe sempre fez o estilo mãe-que-gosta-de-ser-amiguinha-das-amigas-dos-filhos, o que me irritava profundamente. Era do tipo que perguntava:

– E aí? Vocês não estão beijando nessas festas, não, né? Beijo na boca é troca de bactéria, beijo na boca dá doença, beijo na boca é um passo pra sexo, e sexo sem proteção além de doença dá neném e neném afasta namorado e acaba com a vida de uma adolescente. E da família da adolescente. Então, juízo, hein, meninas? Vocês se acham gente, mas são todas umas pirralhas. Pirralhas melequentas! – dizia, e rolava de rir de si mesma. Sozinha, claro.

Enquanto conversávamos, minha mãe, como sempre, prestava atenção.

– Duca, me empresta seu blush? – pedi.

– Chega de blush, Maria de Lourdes, suas bochechas estão parecendo duas maçãs. Blush é pra passar com moderação – minha mãe se meteu. Chata.

– Mas olha a bochecha da Duca, tia, fica supervermelhinha, parece que ela tomou sol – explicou Nanda.

– Só vocês que acham, eu olho pra Duca e penso “nossa, essa menina exagerou no blush pra todo mundo pensar que ela foi à praia”. – Foi sincera minha mãe.

– Sério, tia? – perguntou Duca, já passando a mão sobre as bochechas, para tirar o excesso de maquiagem.

– Sério, Duca – respondeu minha mãe. – Duca, você gosta desse apelido. Duca?

– Não muito. Mas todo mundo me chama assim há tanto tempo que eu nem ligo.

– Ah, mas não pode não ligar! Apelido é uma coisa que acompanha a gente pra vida toda! E seu nome é tão bonito: Maria Eduarda. Duca é horroroso, parece Ducacete, Ducaraca...

– Mãe! – briguei.

– Mas é, Maria de Lourdes! Duca é patético! Se ela tivesse o nome feio, mas Maria Eduarda é lindo! Por que você não troca de apelido, Duca?

– Como é que eu vou trocar de apelido, tia?

– Ué, pede pra não te chamarem mais de Duca. Melhor! Não atende mais quando te chamarem de Duca.

– Sério? Será que rola?

– Claro que rola! Quem for sua amiga de verdade vai parar de te chamar de Duca.

– Estão ouvindo, meninas, nada de Duca. Valeu, tia!

– Não se muda de apelido! – exclamei.

– Quem disse? – indagou mamãe.

– Eu disse – rebati.

– Ah, Duca é tão fofo... Vamos chamar você de quê? De Duda? Toda Eduarda é Duda, coisa mais sem graça... – opinou Nanda.

– Que Duda, que nada! Maria Eduarda! Vocês devem chamá-la pelo nome dela, Maria Eduarda! – ordenou minha mãe.

– Ah, eu já estou superacostumada com Duca, vai ser difícil!

– Desacostuma, Maria de Lourdes. Desacostuma! Acho que você podia aproveitar a onda da Maria Eduarda e pedir para suas amigas passarem a te chamar pelo nome. Maria de Lourdes é um nome tão imponente, tão chique...

– Ah, tia, a Malu é Malu desde que a gente é pequena.

– Eu sei, Alice. Você que deu esse apelido medonho para a minha filha.

– Malu é tão fofinho! – disse Nanda.

– Malu é horrorosinho. Eu, se fosse a Malu, daria mais valor ao nome dela.

– Mas eu odeio meu nome, mãe. Você sabe.

Duca, quer dizer, Maria Eduarda, estava muda, sem participar da conversa. E assim permaneceu durante a festa. Ficou calada, meio que fora dali, em um lugar muito, muito distante de nós. No dia seguinte, na escola, veio com a novidade:

– Eu não quero mais que vocês me chamem de Duca – decretou.

– A gente já sabe isso, Duda.

– Duda também não, Alice.

– Sério que você quer que a gente te chame de Maria Eduarda? É muito grande, dá uma preguiça de falar tudo... – reclamei.

– Eu tenho uma sugestão de apelido.

– Apelido a gente não sugere, a gente ganha, Duca – comentou Nanda.

– Pois é. Mas comigo vai ser diferente. A partir de hoje eu quero ser chamada de Cleópatra, a Rainha.

Antes de explodirmos numa gargalhada coletiva, fizemos silêncio, pra ver se ela estava falando sério.

Ela estava.

– Qual é a graça, posso saber? – irritou-se a... rainha.

– Nenhuma. É suuuupercomum esse apelido. Tia, Cleópatra, a Rainha, está em casa ou saiu? – brinquei.

– Cleópatra, a Rainha, quer fazer parte do meu time de handebol? – zoou Alice.

– Cleópatra, a Rainha, seu tênis está desamarrado, quem vai amarrar? Um dos seus súditos? – acrescentou Nanda.

Duca, quero dizer, Cleópatra, a Rainha, não pareceu contente com as brincadeiras.

– Vocês não deviam falar assim comigo. Sempre fui legal com vocês.

– Mas esse apelido de Cleópatra é ridículo.

– Nanda, Cleópatra, *A* Rainha, por favor, ênfase no “a” – corrigiu.

– Fala sério, Duca!

– Quem é Duca, Malu? – perguntou Duca, cínica. – A partir de agora eu sou Cleópatra, A Rainha. Qual o problema?

– Todos os problemas! Se você se chamasse Cléo, ou se fosse parecida com a Cleópatra, beleza, mas a gente não tem nenhum motivo pra te chamar de Cleópatra, Duca! – afirmou Alice.

– Tem um motivo, sim. Eu *quero* ser chamada assim.

É... Duca, quer dizer, A Rainha, estava decidida. Nós achamos ridículo, claro, e, no dia seguinte, depois de espalharmos o novo apelido da Duca pelo colégio, aconteceu o inevitável:

– Fala, Cleochata! – gritou Zé Armando, o gaiato da escola.

– Olha a Duca aí, a Chatinha do Egito! – brincou outro gaiato, o João.

– Qualé, Pirâmide? – cumprimentou Lelé.

Duca-Rainha-Cleópatra-Pirâmide nos fulminou com os olhos.

– A culpa não é nossa, Cleópatra, A Rainha! – logo me defendi.

– A gente só falou pro povo parar de te chamar de Duca, ó, Cleópatra, A Rainha – acrescentou Alice, debochada.

– Mas você sabe como os meninos são criativos, né, Cleópatra, vírgula, a Rainha? – completou Nanda.

– Cleópatra, A Rainha, é ridículo, né, Cleópatra, A Rainha? – perguntei, sem esconder o riso zombeteiro.

Duca deu o braço a torcer. Disse pra todo mundo que queria voltar a ser chamada de Duca.

Tarde demais. Durante muitos meses ela só foi chamada de Arainha. Isso mesmo, uma aranha pequena. A explicação? Elementar: a + rainha é igual a arainha. Esses meninos... Quanta criatividade na hora de debochar!

Sovaco

– O que vocês acham do meu sovaco? – indagou Bené, como se aquela fosse a pergunta mais normal do mundo.

– Como é que é? – reagi, espantada.

– Ué, Malu, quero a opinião de vocês sobre o meu sovaco. Vocês acham que ele é bonito?

– Desde quando sovaco é bonito? – desabafei.

– Ninguém olha pra sovaco! – intrometeu-se Duca.

– Axila, povo! Vamos chamar de axila, por favor! – estrilou a fresca da Nanda.

– Podem morrer de inveja, porque o meu sovaco chama a maior atenção – contou Bené, metida que só ela, verdadeiramente orgulhosa de seu sovaco.

– Não diz besteira! – exclamei.

– Não é besteira, um cara se apaixonou pelo meu sovaco hoje na padaria. O que eu posso fazer se meu sovaco é irresistível?

Ficamos completamente mudas diante de tamanha revelação. Nojenta revelação, vamos combinar. Boquiabertas estávamos quando Bené resolveu desenvolver o assunto:

– Levantei o braço para prender o cabelo enquanto esperava os pães e o cara que estava perto de mim disse que eu tinha o sovaco mais lindo que ele já tinha visto – explicou. – Não me olhem desse jeito, ele deve ser um sovacólogo! Quem sabe meu sovaco é diferente? Quem sabe ele não tem uma coisa especial que o de vocês não tem?

– Bené! Para com isso! A sua axila é normal. O cara é que é um doente! – reagiu Nanda.

– E não existe uma pessoa especialista em sovaco. Sovacólogo foi a coisa mais absurda que eu já ouvi! – completou Duca.

– Pois eu acho que vocês estão com inveja do meu sovaco, porque sabem que eu posso ganhar muito dinheiro com ele – gabou-se Bené, enquanto batia com a mão na axila do braço que estava levantado. Cena ridícula.

– Como é que se ganha muito dinheiro com sovaco? – quis saber, absolutamente chocada com aquela conversa.

– Sendo modelo de sovaco, ué – respondeu a dona do sovaco lindo, com uma naturalidade assustadora. – Posso fazer comerciais e anúncios de desodorante, de sabonetes, que precisam mostrar sovacos ensaboados, de

refrigerantes que mostram pessoas de braços levantados, de protetor solar... Gente, meu sovaco pode virar uma estrela, pode ficar famoso. E eu posso ganhar muito com ele.

Por incrível que pareça, Bené estava falando sério.

E parecia tão feliz com seu sovaco fenomenal que desistimos, pelo menos temporariamente, de fazê-la entender que nenhum sovaco, nenhum mesmo!, é especial. Isso é uma coisa que simplesmente não existe. Mas, naquela hora, achamos melhor não contrariá-la.

– Três vivas para o meu sovaco milionário! – gritou Bené.

E nós, amigas muito amigas, com as axilas ao vento, gritamos junto:

– Viva! Viva! Viva!

Dias depois, puxamos um novo diálogo sovacal e conseguimos convencê-la a não ficar triste caso ela não ganhasse rios de dinheiro com sua exuberante axila. Ela entendeu, mas a pré-fama de seu sovaco parecia ter subido à cabeça. Ou melhor, descido para os...

– E meu pés? Hein? São bonitaços, né? Posso fazer comercial de esmalte, de sandália, de tapete... Posso ficar ricaça com eles.

Nanda, Duca e eu nem precisamos nos olhar para mandar um pausado, alto e cheio de energia:

– Fala sério, Benééé!!!

14
anos

Brincando de escritora

– “E aí ela se rebela como jamais fez nenhuma princesa no mundo das princesas, aquele mundo encantado e repleto de sortilégios que todos os leitores bem conhecem. Em vez de beijar o guapo e valente príncipe que a salvou do feitiço da horripilante e malévola bruxa, Branca, ela mesma, a sua, a minha, a nossa Branca de Neve, repele o príncipe como se ele fosse um assustador e nojento sapo, olha para os lados e, entre os sete anões, seus fervorosos e devotos amigos de baixíssima estatura, procura pelos olhos dele, de seu amor verdadeiro. Assim que o encontra, Branca, com sua voz doce e afetuosa, declara sua avassaladora e esplendorosa paixão pelo anão mais carismático das histórias de princesa.

“– Ó, Zangado! Você é o amor da minha vida, meu anão querido. Eu te amo, ó, Zanga, te amo mais que tudo. Você é o maior, ou seria menor?, amor da minha vida.

“– Ó, Branca, minha Branquinha da pele alva e das feições magistrais e escorreitas... Ó! Ó!

“Mesmo atônito e surpreso, Zangado vira-se para Branca e retribui seu imenso e verdadeiro amor com um beijo apaixonado, lento e vigoroso, como todos os beijos de fim de história devem ser.

“Eis que no meio do...”

Não resisti e me intrometi na história surtada da Duca:

– Você está falando sério? Você acha que as pessoas vão achar normal a Branca de Neve ficar com o Zangado, aquele anão narigudo e mal-humorado?

– Sshhh! Ainda não acabou! – Duca me recriminou. Pigarreou e continuou a ler seu projeto de livro, que, segundo ela, seria um marco na história da literatura infantil.

Supermodesta.

– “Eis que, no meio do ósculo...

– Desculpa, mas que palavras são essas que você está usando, Duca? Ósculo? – irritou-se Nanda.

– E guapo? O que é guapo? Pra mim guapo era uma comida, uma espécie de primo do nabo e do chuchu, nada a ver com príncipe – acrescentou Alice.

– E escorreito? E sortilégio? Isso é elogio ou xingamento? De onde você tirou essas palavras? – botei lenha na fogueira.

– Do dicionário, tá? Escorreito é sinônimo de correto, de falta de defeito e sortilégio, hello-ou! Fala sério, gente! Vocês não sabem o que é sortilégio?

– Claro que não! – respondemos em coro.

– É feitiço, gente! Ai, como vocês são burras! Tenho que usar palavras difíceis, mostrar conhecimento da língua portuguesa. Se eu escrever como uma adolescente nenhuma editora vai querer publicar meu livro.

Alice, Nanda e eu nos entreolhamos. Alice resolveu dizer o que nós três pensávamos naquele exato momento:

– Nenhuma editora vai querer publicar seu livro, Duca.

– Que pessimismo idiota, Alice! – estrilou a nova escritora.

– Duca, você nunca gostou de ler, por que agora resolveu escrever um livro? – quis saber Nanda.

– Porque nunca li nada bom, por isso resolvi escrever um livro com conteúdo inédito e perfeito, uma coisa bombástica, como dar outro fim para histórias conhecidas de todo mundo. Quero entrar nesse mercado de cabeça, estou a fim de revolucionar a literatura.

Silêncio profundo, muito profundo, no quarto da Duca. Ela estava realmente se levando a sério.

– Posso continuar minha história agora ou vocês têm mais perguntas chatas e opiniões irritantes e devastadoras sobre a minha carreira de escritora?

Não aguentei e caí na gargalhada.

– Devastadora, Duca? Você tá muito engraçada falando e escrevendo desse jeito, desculpa.

– Devastadora é tudão, né? A minha avó que me ensinou. Ela me deu várias dicas de palavras maneiras.

– Dá pra perceber que você andou conversando com gente bem mais velha que você... – implicou Alice.

Nossa neoescritora se empinou na cadeira, bebeu um gole d’água e, com postura de iogue, recomeçou a ler seu texto que, segundo ela, revelaria em breve “novas e angustiantes surpresas”. Tive de me controlar para não ter um acesso de riso.

– “Eis que no meio do ósculo um tremendo estrondo se fez ouvir no mundo encantado e repleto de sortilégios das princesas.”

– Você já não disse isso antes? Mundo encantado e repleto de sacrilégios?

– Ai, Alice, é sortilégio. E eu tô só reforçando, criança é meio burrinha, tem que escrever várias vezes a mesma coisa pra frisar bem a história na cabeça delas.

– É? – perguntei, cabreira.

– Quem disse isso? – perguntou Nanda.

– Não sei, mas alguma pessoa importante deve ter dito isso. Agora posso continuar?

– Não, deixa que eu continuo – avisei, roubando os papéis da mão da minha amiga. – Não faz essa cara irritada, é bom outra pessoa ler pra ver se você escreveu direito. Você já sabe a entonação, como termina a história, tudo. Eu lendo posso ter outra visão dos personagens. Vamos lá.

Pigarreei, empinei-me e comecei a ler a surreal história que, antes que eu me esqueça, tinha o curioso título de "O Fim e o Fim de Branca de Neve".

Não me pergunte o significado. Acho que era só a Duca querendo ser moderninha.

– "Eis que no meio do ósculo um tremendo estrondo se fez ouvir no mundo encantado e repleto de sortilégios"... Jura que você quer usar mesmo essa palavra?

Ela não respondeu, apenas me lançou um olhar bravo, muito bravo. Entendi a bronca e continuei:

– "... sortilégios das princesas. As duas luas do vasto e verde reino se uniram e a noite virou dia com a forte e inesperada explosão que tomou conta do céu cor de ouro das fábulas infantis."

– O céu das histórias infantis tem cor de ouro? Desde quando? – cortou-me Alice.

– Eu sou a autora, eu acho que o céu de lá é cor de ouro e acabou. Continua, Malu – estressou-se Duca. – A parte que vem agora é genial – garantiu a cada vez menos modesta escritora.

– "Seria um meteoro lançado pelos autores da história original, revoltados com o novo e apoteótico fim? Seria..."

– Maria Eduarda! Nenhuma pessoa tem o poder de lançar meteoros, ficou louca?

– Cala a boca, Alice! Deixa a Malu continuar, depois vocês criticam. – Duca aumentou o tom de voz. – Continua, Malu.

Pigarreei novamente e dei prosseguimento à leitura:

– "Seria Dumbledore, ele mesmo, o do Harry Potter, extremamente insatisfeito e infeliz com a perda de espaço na mídia depois do provável suceço

da nova aventura de Branca de Neve?” Ai, Duca, eu não acredito que você escreveu sucesso com cê-cedilha.

– Não é com cedilha? Tem certeza?

– Absoluta! É com dois esses, anta! – exaltei-me. – Como é que você quer entregar pra uma editora um livro com erro de português? Eles não dão segunda chance, não, viu?

– Eu ouvi dizer que as editoras grandes costumam receber mais de duzentos projetos de livros por mês, Duca. O seu tem que estar simplesmente perfeito para encarar tanta competição – argumentou Nanda.

Duca armou uma tromba e, quando todas pensávamos que ela partiria com argumentos agressivos pra cima da gente, ela começou a chorar.

– Já entendi. Vocês acham que eu não tenho jeito pra coisa...

– Duca, não é isso, é que...

– É isso, sim, Alice! Eu não sou idiota! – revoltou-se. – Eu só queria ter uma profissão ainda adolescente. Pra modelo eu não sirvo, não tenho altura. Atriz eu não acho a menor graça, achei que ser escritora podia me dar uma graninha e, além de tudo, sucesso, com dois esses, porque errar é humano, mas persistir no erro é burrice.

Puxa, ela estava triste, mas mantinha o bom humor. Muito legal isso.

– Ô, gente, na boa, sinceramente, eu acho a minha história super ultra megaoriginal.

Parei pra pensar e refleti que se tinha uma verdade ali, era que a história da minha amiga era original.

– Duca, você tá certa, sua história é original, sim... – dei força.

– Ela só precisa de mais molho, de menos embromação, de menos palavras difíceis... – acrescentou Alice.

– Ainda mais se você quer que o livro seja direcionado para o público infantil – Nanda completou o raciocínio.

Duca nos ouviu atentamente.

– Na boa, sem querer te botar pra baixo, mas já botando, ninguém lê neste país. Em vez de rica, você pode acabar morta de fome – opinou Alice.

– Ou virar um sucesso mundial, tipo a J. K. Rowling, tipo o Jorge Amado, o Paulo Coelho... Já imaginou eu virar uma Paula Coelha, mundialmente famosa, mundialmente rica? Posso ser milionária antes de fazer 18 anos, olha que máximo!

– Duca, bacana seu otimismo, mas, se você quer mesmo apostar nessa carreira, tem que se dedicar mais, ler mais, escrever mais... E todo dia. Além disso, seria legal você ler, reler e reler seus textos antes de mostrá-los para outras pessoas... – aconselhei.

– Está tão ruim assim?

– Tá horroroso, Duquinha. Eu, se fosse você, aproveitaria a história, que é irada, mas reescreveria tudo, com palavras mais normais, sabe? Com a sua cara – aconselhou Nanda.

– É... acho que vocês estão certas. Valeu, gente! Mesmo me botando pra baixo, vocês me ajudaram bastante.

– Amiga é pra isso mesmo, né? – disse Alice. – Mas agora conta: o que era o tremendo estrondo no mundo encantado das princesas?

– Na hora do estrondo rola uma chuva de personagens infantis, todos fugindo de suas histórias originais para entrar na história da minha, da sua, da nossa Branca de Neve. Todos insatisfeitos com o esquecimento e a monotonia de suas vidas, em busca de mais quinze minutos de fama no mundo encantado e repleto de sortilégios das princesas. O estrondo vinha das pisadas do gigante do João e o Pé de Feijão, que é pesado à beça.

Que explicação fofa. E, vamos e venhamos, original, divertida e inusitada.

– Acho que você leva jeito pra coisa. – Aproveitei o desfecho da história surreal pra botar a Duca pra cima.

– Eu também. Só acho que você tem que praticar mais – opinou Alice.

– Nenhum escritor começa a escrever de um dia pro outro, nenhum livro nasce de um dia pro outro. Quanto mais você escrever, melhor você vai escrever. E quer saber uma coisa? Estou começando a achar que você tem muita chance de dar certo. – Fui sincera.

– E a gente vai ficar superorgulhosa de ter uma amiga escritora – arrematou Nanda.

Duca deu um sorriso.

– Jura, gente? Oba! Então vou hoje mesmo reescrever essa história e a outra que já está na minha imaginação. A da menina sem cabeça que se apaixona pelo Tom, o mesmo do Jerry. Juntos, eles vão viver aventuras românticas inesquecíveis.

– Você sabe que o Tom é gato, né? Teoricamente ele não poderia namorar uma menina – colocou Alice.

– Dã-ã! Quem disse que a menina é menina mesmo? Quem disse que ela não é uma gata siamesa que está sob o efeito de um sortilégio? Aguardem cenas dos próximos capítulos... – disse Duca, cheia de suspense, mostrando pra gente que estava mesmo a fim de correr atrás dessa carreira com garra e determinação.

Só isso já deixou a gente com um baita orgulho dela.

E ficamos agradecidas também. Ah, vai! Se não fosse ela, como é que a gente ia conhecer tantas palavras novas num só dia? E olha que Duca, uma menina guapa com certeza, com um texto nada escorreito, nem precisou fazer

sortilégio para isso. Apenas leu sua obra avassaladora pra gente. Palmas pra ela! Terminamos o dia comendo brigadeiro de panela e dando na nossa amiga escritora muitos ósculos e amplexos. Essa última palavra eu aprendi quando cheguei em casa e fui fuçar o dicionário. Significa abraço, uma das coisas que mais gosto na vida.

Ciúme de amiga

Nunca entendi direito esse negócio de sentir ciúme de amiga. Não sou uma pessoa ciumenta. Nem com namorados, nem com família, muito menos com amigas. Mas na quinta série conheci uma menina, a Raíssa, que era um tantinho ciumenta. Um tantinho, nada. Era bem, bem ciumenta. Tinha ciúme até da minha sombra. No começo eu achava engraçadinho:

– Tenho que ir, Raíssa, a Alice vai lá para casa daqui a pouco.

– Sério? Não chega de Alice por hoje, não? – perguntava a ciumenta.

– Claro que não, a Alice é que nem irmã, a gente se conhece desde pequena.

– Na boa, eu acho a Alice meio chatinha. Muito grudentinha, muito metidinha a mulherzinha.

– Ela não é nada disso. Você nem conhece ela direito. A Alice é um amor de pessoa.

Raíssa resignava-se, mas não dava o braço a torcer. Cheguei a achar que era implicância, mas o problema não era só com a Alice.

– Não acredito que você chamou a Helô para ir ao cinema também. Achei que seríamos só nós duas.

– Mas a Helô é ótima, superdivertida, as saídas são muito melhores com ela.

– Não sei por quê. Eu e você juntas somos muito melhores do que eu, você e a Helô juntas. Odeio andar em trio.

Aos poucos, percebi que Raíssa era o ciúme em pessoa. Ela conseguia arrumar defeito em todas (to-das!) as minhas amigas.

– A Helô se acha engraçadíssima, mas eu não consigo achar graça em nada que ela fala. A Duca me irrita com aquele cabelo enorme e oleoso, a Bené não gosta de morango, ou seja, uma idiota, a Nanda é uma mosca-morta e a Alice é repetitiva, fala pelos cotovelos. E come cachorro-quente sem mostarda e sem ketchup, quer dizer, além de chata, ela é burra!

– Raíssa, elas são minhas amigas e eu gostaria que você aprendesse a gostar delas. Todo mundo tem defeito.

– Eu não tenho – gabou-se, cheia de si.

– Claro que tem! Você é ciumentésima!

– Ciúme? Eu? Essa é boa!

– Então por que você fica chateada quando eu chamo minhas amigas pra sair com a gente?

– Porque eu gosto de estar só com você. Não gosto delas.

– Impossível não gostar delas. Ainda mais por esses motivos ridículos que você mencionou.

Numa certa tarde, a par do ciúme que Raíssa tinha de mim, a implicante da Alice resolveu botar lenha na fogueira:

– A Malu é minha melhor amiga, Raíssa. Eu amo a Malu. A-mo! – disse, antes de me abraçar e beijar seguidas vezes minha bochecha.

– Amizade bonita igual a dessas duas está pra nascer. – Nanda deu uma assoprada no fogo.

– Eu também adoro a Malu e ela me adora, né, Malu? Né? – perguntou Raíssa, agoniada.

– Claro que adoro, Raíssa!

– Não como você adora a Alice. A Alice é muuuuito sua amiga. Depois da Alice você gosta de mim, da Duca, da Helô, da Bené e por último da Raíssa, né, Malu? – zoou Nanda.

– Nanda, para com isso! Gosto de todo mundo igual!

– É, todo mundo igual – repetiu Raíssa, aprovando minha frase. Mas não demorou para mudar de opinião: – Todo mundo igual?

– É. O que é que tem?

– Não existe gostar de “todo mundo igual”, Malu. A gente sempre gosta mais de uma que de outra. – Alice piorou a situação.

Ela e Nanda estavam se divertindo, rolando de rir por dentro, mas estavam me botando na maior saia justa com a minha amiga ciumenta.

– É, não existe mesmo – decretou Raíssa. – Numa ordem de zero a dez que nota você dá para a amizade de cada uma aqui?

O quê? Como? Hum... Dá pra repetir?

– Não fica me olhando com essa cara, Maria de Lourdes! – Raíssa deu bronca como minha mãe. Ela nunca tinha me chamado de Maria de Lourdes. Ups! Raíssa estava tensa, muito tensa. E tudo por causa da brincadeirinha sem graça da Nanda e da Alice.

Constrangida, sem ter nada diferente para dizer...

– Dez, todo mundo é nota dez. Agora vamos escolher o filme que a gente vai ver nesse fim de semana?

– Você gosta mais delas, né, Malu? Eu nunca vou chegar perto do nível de carinho e amizade que você tem pelas suas outras amigas.

– Claro que ela gosta mais da gente, Raíssa! Você entrou na escola há três meses, não dá pra virar melhor amiga assim.

– Mas a gente virou, Nanda! A Malu disse que eu sou irmãzinha dela!

– A Malu fala isso pra todo mundo! – entregou Alice.

– Inclusive pra gente que ela mal conhece. Pro jornaleiro, pra pipoqueira, pro cara do ônibus... até pra mulher da padaria ela disse que era irmãzinha. Todo mundo é irmão pra Malu.

– Gente, esse assunto tá chato – comentei. – Olha, vocês precisam ler o livro que eu tô lendo. Muito bom!

– Não quero livro nenhum, quero notas, números! Quero saber quanto vale a minha amizade. De zero a dez, Malu. Anda! – enervou-se Raíssa.

Glup! Parecia que eu estava sendo interrogada por policial de filme americano. Parecia que tinha cometido um grande crime e que precisava confessá-lo imediatamente para não ser torturada.

Vamos combinar que aquilo não era ciúme, era quase uma obsessão! Garota mais doida! Mais descontrolada! Tentei dar uma melhorada no clima:

– Raíssa, amizade não se julga dessa forma. Não é com nota.

Raíssa parou. Refletiu sobre a insanidade daquele ciúme. E respirou fundo antes de se manifestar:

– Você tem toda razão – concordou, para meu alívio. A discussão estava finalmente encerrada. – Escolhe uma cor, então. Se eu fosse uma cor, que cor eu seria? Também quero saber a cor da Nanda e da Alice. Diz.

Era isso mesmo que eu tinha ouvido? Raíssa era doida de pedra, como diria minha avó.

– Cor? Você realmente disse cor?

– É, cor! Vermelho, laranja, cinza, berinjela, verde-azeitona, rosa...

– Eu sei o que é cor! – reclamei.

– Então vai, desembucha! – ordenou Raíssa.

– Mas...

– Não tem mas, nem meio mas, Malu! Responde logo à Raíssa pra acabar com isso! – sugeriu Nanda.

– É! Tô bem a fim de saber a minha cor – intrometeu-se Alice.

– Gente, vocês só podem estar brincando! Que mané cor? Não tem cor, não vou falar nada disso, acabou esse assunto mala!

– Aí, tá fugindo. Sabia! Eu devo ser cinza pra você. A Nanda rosa e a Alice roxo batata.

– Aaaai! Aaaaiiii! Nem conhece a Malu direito! A Malu odeia roxo! – gritou Alice.

– Eu odeio roxo! – confirmei.

– Então eu sou roxo, Malu! – lamentou Raíssa, com os olhos cheios d’água.

Fiquei com peninha.

– Ô, Raíssa, foi mal! A gente não achou que essa conversa ia por esse caminho. A gente tava só zoando... – explicou Nanda.

– A Malu gosta muito de você. E eu e a Nanda também gostamos muito de você.

Silêncio. Raíssa olhou para Alice, depois olhou para Nanda, depois para mim, depois para Nanda e para Alice. Olhou para o chão, por uns três, quatro segundos.

– Eu não tô nem aí pra vocês. Eu não gosto de vocês duas, muito menos da Duca. E também não vejo a menor graça na Helô e na Bené. Se vocês não existissem seria bem melhor.

Nós três arregalamos os olhos.

– É isso mesmo! Eu gosto da Malu e, por causa dela, aturo vocês.

– Raíssa! – recriminei.

– Ah, é mesmo. Um saco, vocês estão sempre juntas, eu não tenho tempo de ficar sozinha com a Malu, sempre tem alguém com a gente! Preferia ficar amiga da Camila Abreu, a Camila Abreu é muito mais legal. Aí, sim, a gente ia formar um grupo ótimo de amigas.

– A Camila Abreu? Ela quase não fala comigo! – irritei-me. – Não tenho a menor vontade de ser amiga dela.

– A gente não precisa ficar amiga da Camila Abreu agora, a gente pode ficar amiga só nós duas. Depois a gente abre espaço pra Camila Abreu. Se você quiser, claro. Mas o ideal seria eu não precisar estar o tempo todo com essas malas que se dizem suas amigas.

– A Malu não é sua exclusiva, não, tá, Raíssa? – irritou-se Alice.

– A Malu não é exclusiva de ninguém. A Malu sai com quem ela quer, a hora que ela quer – gritou Nanda. – E mala é você!

Que conversa era aquela, meu Deus!? Se eu contasse que estava sendo disputada pelas minhas amigas, ninguém acreditaria. Cena patética! Se ainda fossem três garotos lindos brigando por mim! Mas não, era o oposto disso! Que discussão mais sem graça para uma quarta-feira chuvosa!

– Gente, acabou! Chega! Acho melhor todo mundo ir pra casa pensar no que aconteceu aqui. Ninguém quer magoar ninguém, aqui todo mundo é amiga...

– Ah, Malu! Você também só sabe ficar em cima do muro. Assume, assume que gosta mais delas do que de mim, assume! Fala sério!

– Fala sério, você, Raíssa! Eu, hein! Tá doida, tá? Eu não sou nada em cima do muro, eu só não tô a fim de discutir. Ainda mais um assunto desses.

– Beleza, beleza, vou embora. E amanhã não precisa sentar do meu lado, não. Fica com as suas... amiguinhas do coração.

Raíssa foi embora do meu quarto batendo a porta. Também foi embora das nossas vidas no fim do ano, quando o pai foi transferido para Roraima e ela teve

de se mudar para lá. No dia seguinte, porém, estava pra cima e pra baixo com Luciana, sua mais nova melhor amiga.

Até o fim do ano letivo, voltamos a nos falar, mas a amizade nunca mais foi a mesma. Demorei alguns anos para entender que Raíssa não era uma menina chata. Era apenas uma menina carente. Muuuuuuito carente!

"Ixcrevendu Axim"

Depois de meia hora com as meninas no MSN, resolvi desabafar, dizer o que me angustiava havia dias, meses. Respirei fundo, criei coragem e soquei com vontade as teclas do computador:

– Eu ñ gostu di ixcreve axim. Mi xintu 1a prfeita idiota.

Duca, Alice e Nanda logo começaram a bombardear minha tela:

– 100 noçaum, Malu! – bradou Alice.

– A gnt aaaama ixcreve axim, fofuxa – teclou Nanda.

– A gente odeia! A gente está assassinando o português! – reagi, indignada.

– Ki eh ixo, miguxa? Q foi ki akontxeu?

– A gente não tem miguxa, a gente tem amiga, Nanda! Amiga! Fala sério! – esbravejei.

– Miguxa Malu fico bava... – ironizou Duca.

– Miguxa Malu tem todo o direito de ficar brava! Miguxa Malu não tem cinco anos pra falar ou escrever axim. Miguxa Malu tem zero paciência com essa língua pateta – teclei emburrada.

– Ki papu caidu! – reclamou Alice.

– Caída foi minha nota em português. Mandei um “vc” e um “tb” na prova. Por causa desse internetês tirei cinco. Cinco! Nota ridícula. Agora estou de castigo!

– Noxa lingua eh soh p/ tecla, ñ p/ botah na prova.

– Eu sei, Duca, mas acabei botando na prova! Por isso, e por detestar essa maneira de escrever, de agora em diante só digito em bom português, para nunca mais perder ponto por bobeira.

– Tah xertu, vc q xabi. Mais kero continua a tkl axim. Eh mt mais facil.

– Olha aí! Olha aí! Se a gente usa essa língua idiota para abreviar as palavras, por que escrever “mas” com “i”? Esse primeiro “mas” que você usou, Duca, é sinônimo de porém, portanto é sem i! SEM I!!! Vocês não percebem que a gente está ficando burra? A gente está virando um bando de antas! Eu sou filha de jornalista, não posso escrever errado!

– Eu smp ixcrevi axim i vo kontinuah ixcrevendu – Nanda me irritou.

– Então tá. Mas quero avisar que a partir de agora, além de escrever corretamente, eu não vou mais ficar horas no computador jogando conversa fora.

– Ñ dix bextera! Nós amamus e dolamus jogar konverxa fora.

– Que dolamus, o quê, Alice? Dolamus nada!

– Dolamus xim! Pq tnt raiva du computer? Eli soh quer faze a gnt si aproxima, tornah a vida maix alegri...

– Eu não sinto nenhuma alegria quando estou tentando estudar e um monte de gente puxa assunto no MSN e me desconcentra.

– Eh soh ficar invisivel – sugeriu Duca.

– É um saco ficar invisível, a galera sabe que a gente fica invisível quando não está a fim de teclar e fala da gente pelas costas. Além disso, MSN é a maior fofocada!

– A gnt ADORA fofok! A gnt é suuuperfofokera! – divertiu-se Nanda.

– A gente não é fofoqueira! Entrar na internet só para falar da vida dos outros é perda de tempo. Vocês acham que eu não tenho nada melhor pra fazer?

– Axamus – responderam as vacas.

– Vc tah xata, Malu! E tah mintindu! Vc gosta de fofoka, vivi falandu de td mundu!

– Eu? Que absurdo! Nunca falo dos outros!

– Vc disse q o Nico colo na prova du Serjaum – teclou Nanda.

– E ki a Solange passa cuxpi na sobranxelha – escreveu Duca.

Chatas. Mil vezes chatas.

– Tá bom! Eu fofoco uma vez ou outra... Mas não quero mais perder tempo com bobagem. De hoje em diante, só telefone. Beleza?

– Blz – as três responderam.

– Mais eu num fofoku pur tel – decretou Duca.

– Neim eu – escreveram Nanda e Alice.

– Então quando eu quiser saber uma fofoca eu entro no MSN rapidinho, só para vocês me contarem.

– Ou você continua no MSN ou fica sem saber das novidades – digitou Alice.

No dia seguinte, desisti de abandonar MSN, Orkut e afins. Mas continuei a escrever corretamente. Tudo.

Até as fofocas.

15 anos

Amiga feia

Menina tem mania de dizer que só tem amiga linda. Taí uma das maiores mentiras de todos os tempos. A natureza não é tão legal com todo mundo. Existem garotas lindas, garotas bonitas, garotas charmosas, garotas S.O.S. (sigla para Só o Olho Salva), outras que têm o corpo ou o cabelo fenomenal, garotas ajeitadinhas e garotas feias. E existem amigas de todos esses tipos. Duvido que todas as meninas acreditem que só têm amigas lindas. A palavra "lindas" poderia ser facilmente trocada pela palavra "fofas", mas linda impressiona (e agrada às ditas amigas) muito mais.

Nunca disse na cara de ninguém "eu te acho feia, pronto, falei!", esse é o tipo de coisa que acho melhor não dizer jamais, nem sob tortura. Até porque existe a beleza interior, que contribui muito para a exterior. O problema é que garotos de 15, 16 anos não estão nem aí para a beleza interior. Ainda mais quando só querem beijos numa noite e nada mais. Aí é que a beleza interior vai pro brejo.

Esse era o problema da Analuzia (assim mesmo, tudo junto). Analuzia era uma menina nova na escola, cheia de beleza interior. E inteligente, alto-astral, engraçada, espirituosa, ótima no handebol, aluna exemplar, um amor de pessoa. Mas feia-feia-feia. Ela estava meio deslocada no seu primeiro dia de aula e eu, fofa como sempre, puxei assunto com ela e a apresentei pra galera. Em pouco tempo, passamos a estudar juntas (ela era ótima em matemática e me ajudou bastante na matéria), a ir juntas ao shopping, a festas, shows, micaretas... Aí que começou meu problema.

Além de feia, Analuzia era zero charme, zero atitude, zero estilo, cabelo esquisito. Uma menina apagadinha, sabe? Bem-intencionada, suuuuper gente boa, inteligente e blá-blá-blá... mas apagadinha. Analuzia nunca pegava ninguém quando a gente saía. E minhas amigas sempre pegavam alguém. Eu sempre

pegava alguém. Desde que o alguém em questão me agradasse, que fique claro! Nunca fui dessas que beijam só por beijar.

Resultado: Analuzia ficava sozinha num canto, triste, cabisbaixa, olhando fixamente pra gente, de longe, com a cara amarrada. Não bastasse isso, ela interrompia nossos beijos de cinco em cinco minutos pra perguntar “vamos demorar muito pra ir embora?”.

Essa situação aconteceu quatro desagradáveis vezes. Nas quatro, a gente ficou com pena e foi embora pra não deixar a Analuzia mal.

Como eu era a menina do grupo com quem Analuzia tinha mais intimidade, um dia, na saída do colégio, sua carinha fofa deu lugar a uma fisionomia séria como eu nunca vira até então.

– Malu, não adianta, eu não consigo ficar bonita.

– Ô, Analuzia, não fala ass...

– Shhh! Não me interrompe!

Assustada, calei minha boca na mesma hora.

– Você até tem me ajudado, falou para eu mudar de xampu e depilar o bigode, me deu dicas de roupas e tal, mas eu continuo sendo nada para os meninos.

– Ô, Analuzia, os meninos são uns idiotas, não sabe que menino é tudo idiota?

– Podem ser idiotas, mas não são cegos. Se eles não olham pra mim...

– É porque você um dia vai achar seu príncipe...

– Quem falou em príncipe? Eu sou princesa, por acaso? – estrilou ela. – Eu quero é beijar!

– Mas você vai beijar!

– Mas eu quero beijar agora, não quando ficar mais velha!

– Você não pode querer beijar só porque suas amigas beijam, isso é ridículo!

– Não é por causa disso, Malu! É porque daqui a pouco eu faço 16 anos e até agora só beijei dois caras na vida. Um, jogando Verdade ou Consequência no sítio do meu avô, ou seja, um beijo por obrigação, e o outro foi o filho da minha vizinha, um pirralho de 12 anos que pediu para me beijar pra ver como era e saiu chorando lá de casa.

Fiquei com peninha.

– É só esperar que um dia um garoto especial vai olhar pra você e...

– Caraca, Malu! Que saco! Não quero garoto especial nenhum! Quero um garoto, ponto!

Uau! Ela estava decididésima.

– Eu quero beijar, como você e as meninas beijam! E pra isso eu preciso da sua ajuda!

Engoli em seco. O que será que vem por aí?, encasquetei.

– Se você não me ajudar, eu vou ser a menina mais infeliz do mundo e a culpa vai ser toda sua. Você quer ter esse peso nas costas ou vai me ajudar?

– Como é que é?

– Eu vou ser a menina mais infeliz...

– Do mundo e a culpa vai ser minha, eu entendi, não precisa repetir, Analuzia. Eu só não sei o que fazer para te ajudar. Você quer o telefone do meu cabeleireiro, é isso?

– Não, Malu. Eu tenho um plano – disse, enigmática.

Gluuuup! Sempre tive medo de planos.

Ela continuou:

– A partir de agora, eu quero que você só fique com um menino depois que ele arrumar um amigo para ficar comigo.

– Quê?

Analuzia detalhou seu plano. Eu não poderia sequer dar conversa para um garoto sem antes abrir o jogo e contar da minha amiga que queria ser beijada.

– Mas você quer que as pessoas te beijem por pena? A coitadinha que não se acha bonita e não beija nunca? Vai queimar seu filme!

– Claro que não, Malu. Você é ótima com as palavras, por isso pedi a *sua* ajuda. Você vai dizer para os meninos que eu sou gente boa, engraçada e ótima companhia, o que é verdade, mas que eu também sou megatímida, o que também é verdade. Aí é só terminar falando que você me adora, que é mais atirada que eu e, por isso, está quebrando esse galho pra mim, que tô muito a fim de beijar. Simples assim. Pode até dar uma mentidinha, dizer que eu tenho fama de ser boa de beijo.

Eu estava absolutamente atordoada. Chocada, ou melhor, cho-ki-ta.

– É sério isso?

– Seriíssimo. Meninos gostam de meninas que querem beijar, não gostam?

– Sei lá, acho que sim.

– Então. Aí eu não vou mais ficar pra escanteio.

– Mas...

– Sem “mas”, Malu... Por favor! Você tem que prometer que não vai ficar com ninguém se eu não ficar também. É muito ruim ficar sozinha, abandonada nos lugares – choramingou. – E se eu não sair mais com vocês, eu vou ficar sozinha, triste à beça, comendo chocolate, engordando e vendo TV no meu quarto o dia inteiro.

Que situação! Eu não tinha outra alternativa.

– Tá bom, prometo.

– Oba! – Ela pulou em cima de mim pra me dar um abraço gordo.

Na semana seguinte, fomos a um show. Lá, um gatinho se aproximou de mim.

– Oi, tudo bem?

– Tudo. Mas não vou ficar com você até você arrumar um amigo pra minha amiga, aquela ali, a Analuzia, que é suuuupertímida, mas muito gente boa.

– Fala sério, amor! Tô a fim de você desde que você chegou.

– Que "amor", o quê! Deixa de ser abusado, menino! Nem sabe meu nome! "Amor"...

– Hum... é bravinha... As bravinhas são as minhas preferidas – sussurrou, agarrando minha cintura.

– Não insiste, se você quiser ficar comigo, tem que ser desse jeito; se não for, não vai rolar conversa, nem beijo entre a gente. Porque eu também não sou dessas que beija sem conversar, não.

– Caraca, garota maluca! Garota dodói! Cada uma que me aparece... – resmungou antes de sair soltando fumaça pelo nariz.

Depois de três garotos fazerem o mesmo, eu estava a ponto de dizer para Analuzia que aquilo não ia dar certo quando...

– Oi. Eu tô muito a fim de ficar com você – foi direto um bonitinho de olhos verdes.

Expliquei tudo e vi que ele estava a fim mesmo de ficar comigo. Falou e argumentou bastante com seus oito amigos, o que levou uma meia hora, e o último resolveu ficar com a Analuzia. Ela amou.

Eu é que não gostei muito de ficar com o garoto, que tinha o beijo meio esquisito, a boca molenga demais. Ainda bem que ficamos pouquíssimo, porque, depois de tanto blá-blá-blá pra desencalhar a Analuzia, o show já estava na última música quando eu finalmente beijei.

Mas tudo bem. Olhei para o lado e a Analuzia estava feliz da vida, beijando como louca. Pronto, ela era uma menina feliz. E por minha causa.

Sensação muito boa essa de ajudar uma amiga. Fiquei orgulhosa.

O problema foi que a notícia se espalhou entre as feias do colégio, e eu comecei a perder ótimos partidos porque, além de botar a Analuzia pra beijar, eu tinha que arrumar um garoto pra Lara, outro pra Elisa, outro pra Tula, um pra Catarina, outro pra Suzana...

"Zuzo" bem?

Nunca quis festa de 15 anos, preferi ir pra Disney e não me arrependo. Mas tem muita gente que não abre mão de fazer festão. A Sabrina, uma loirinha da minha turma, era uma dessas pessoas. Passou a vida planejando a comemoração de seus 15 anos. Aos 10 já escolhera o modelo do vestido, aos 12 sabia que músicas gostaria de dançar, aos 13 decidira o lugar da festa e aos 14 o número de convidados: trezentos. Era gente à beça. O local escolhido foi o salão do Jóquei Clube do Rio, chique, chiquésimo, chiqueretesésimo.

Os pais da Sabrina tinham grana e graças a Deus não precisaram se endividar (como muitos pais que conheço) para realizar o sonho da filha. Aliás, sempre achei um absurdo o fato de muitas meninas, só porque festa de 15 anos está na moda, fazerem os pais gastar o que têm e o que não têm para encher a barriga e os olhos dos outros. Comemorar aniversário é estar com quem a gente ama, se é numa festona ou comendo um bolinho na sala do apartamento não importa.

As meninas foram se arrumar na casa da Alice, mas minha mãe não deixou. Disse que queria me ver pronta, já que não dei a ela o gosto de ser uma debutante, pelo menos ela iria me ver de vestido de festa, de salto alto, perfumada e maquiada. Queria tirar fotos (olha que cafona!), eu sozinha, eu com ela, eu com meu pai, eu e meus irmãos, eu e minha avó... Cafona, cafona, cafona!!! Como sempre fui fofa e ótima filha, cedi aos apelos e marquei lá em casa com João Paulo, o maquiador super bem recomendado pela Bené. Assim que ele chegou, minha mãe saudou-o de maneira peculiar:

– Ué, você não é travesti? A Bené não disse que o maquiador era travesti, Maria de Lourdes? – berrou, causando um avermelhamento instantâneo no pobre do João Paulo.

– É... Assim... Às vezes, *às vezes*, eu me visto de drag – disse ele, embaraçado.

– Vixe Maria... Drag é abreviação de dragão, é?– perguntou minha mãe, mostrando zero entendimento do mundo gay.

– Darling, dragão é tudo o que eu não sou. Drag é abreviação de drag queen. Quando saio montada, à noite, eu uso peruca rosa e atendo pelo nome de Joanita Rasga-Meia, porque minhas meias rasgam todas. Unha postiça é péssimo para meia-calça – explicou, com naturalidade, enquanto adentrava minha sala.

– Não repara, não, João Paulo. Vamos lá pro quarto – pedi, puxando-o pelo braço.

– Ei! Aqui, ó! Olha pra cá, menino! – pediu minha avó, me matando de vergonha. – Ah, você não tem a menor cara de transformista! – comentou. – Angela Cristina, faça-me o favor, quando me chamar para ver um transformista, eu quero ver um transformista, não um gay comum.

– Ele é travesti, mamãe! – corrigiu minha mãe.

– Eu sou drag queen. Drag queen! E às vezes, só às vezes! – João Paulo aumentou o tom de voz.

– Ainda bem que a Zélia e a Amelinha não puderam vir, não perderam nada – comentou vovó, ainda desapontada.

– Ih, o travesti não é travesti... – constatou Malena. – Que droga!

– Não, eu não sou travesti. Não sou travesti. Não sou travestiiii!!! – irritou-se João Paulo.

Pobre maquiador! Carreguei-o pro quarto, deitei na cama e estava pronta para ficar linda quando ele puxou assunto:

– E aí, Malu? *Zuzo* bem com *vozê*?

Zuzo? *Vozê*? Será que ele tinha problema de dicção? Alice não tinha me deixado a par desse detalhe.

– Qual a cor do seu *vextido*? Qual o *extilo* dele? – perguntou, carregando nos esses, com a voz meio melosa.

Assim que chegou perto de mim e deu a primeira respirada perto do meu rosto, deu para perceber o quase inacreditável fato de que João Paulo, o maquiador, estava bêbado. Bebinho, bebinho, com um bafo de cachaça de assustar até gambá.

Como eu não tinha intimidade com a criatura, não pude comentar seu estado alcoólico e, antes de começar a maquiagem, pedi licença para sair do quarto para falar ao telefone.

– Fala sério, Bené! O cara tá bêbado!

– Ele bebe um pouco de vez em quando.

– Ele não bebe. Ele entorna. E entornou todas antes de vir pra cá. Vai me deixar horrorosa. Você é louca de me indicar um profissional desses, né?

– Relaxa, Malu. O João é ótimo. Vai lá, deita e aproveita.

Difícil seguir um conselho daqueles com um bafo tamanho família na minha fuça. Descrevi o vestido, como ele me pedira, e encostei-me à cabeceira da cama rezando para ele não fazer besteira na minha cara. Quando pousou o pincel sobre meu rosto, ele deu uma cambaleada e o pincel foi parar quase no meio dos meus peitos. Desculpou-se e continuou a passar base, corretivo, pó e essas coisas de maquiagem que não sei o nome.

– Diva! Você tá uma di-va! Meu Deus, tenho que fotografar você assim, não se mexe, não se mexe!

Uau! Ele me chamou de diva.

Estava muito bêbado messssmo.

Sacou o celular do bolso e tirou várias fotos, exclamando a cada um dos 23 cliques:

– Que pele! Que textura! Que *mazã* do rosto! Que cabelo! Que tudo! Tu é perfa, Malu. Per-fa!

– Perfa é ótimo! – Achei graça.

Nossa, que fofo o bebum. Pedi para olhar no espelho, para ver toda aquela beleza perfeita. Ele ficou magoado.

– Espelho? Tá louca? Não confia em mim? Eu trabalho com isso há mais de dez anos, é muito tempo de experiência. O resultado você vê depois que estiver pronto. Agora relaxa e aproveita, minha mão é levíssima – disse, enquanto acertava com um lápis minha sobrancelha.

Como ele estava havia um bom tempo se dedicando às sobrancelhas, resolvi desabafar:

– Cuidado, eu não gosto muito de sobrancelha artificial, com lápis muito forte, acho que fica muito marcada, muito novela mexicana, não tem nada a ver comi...

– Shhh! – ele me cortou. – Ssshhh! – fez de novo. – Shhh! – reprimiu-me mais uma vez. – Não fala mais nada – concluiu antes de continuar desenhando sobre minha pobre sobrancelha. A impressão que eu tinha era a de que ele estava me transformando na Frida Khalo ou na Malu Mader com suas sobrancelhas grossas, tamanha atenção dada à sobrancelha.

Fiquei quieta, aturando seu bafo de bebida.

– Você quer alguma coisa pra beber? – Entrou no quarto minha avó.

– O que é que tem?

– Água, coca, guaraná, mate, suco de laranja, suco de caju e café.

– Não tem cerveja?

– Deve ter. Espera aí que vou lá na geladeira ver.

– Quer também, Malu? Pra me acompanhar? – ele ofereceu, sentindo-se super em casa.

– Não, obrigada, eu não bebo.

Ele continuou o make-up. Enquanto passava sombra nos meus olhos, resolveu divagar sobre seu trabalho, com a voz arrastada típica dos bêbados-muito-bêbados.

– Sabe, Malu... O make-up artist é um profissional muito importante na vida das pessoas, sabe? Eu me acho muito mais importante que um médico, por

exemplo, sabe? Médico não deixa você mais bonita. Só cirurgião plástico, e plástica dói, machuca, fere, faz dodói, sabe? Eu não. Olha o seu caso. Eu venho aqui, passo meia hora com você e te deixo uma mulher completamente diferente, linda de doer.

Pausa! Depois de me chamar de diva, ele disse na minha cara que eu era feia, na maior cara de pau. Naquele momento, perdeu a gorjeta que eu planejava dar.

Continuou o discurso, dessa vez largando o pincel e botando a mão na cintura. Ou seja, parando completamente de me maquiar.

– Sabe, eu venho de família humilde, sabe, Malu? A gente sofre muito nessa vida. Minha mãe nunca acreditou que eu podia ser maquiador e olha eu aqui. Vim e venci. Tá? Saí de Japeri e se Deus quiser vou ano que vem fazer um curso em Nova York, porque é lá que está o mundo, né, meu amor? Eu sou muito talentoso pra ficar neste país. Você não me acha talentoso, Malu? A Bené não falou bem de mim pra você? Então, eu sou ótimo. Todo mundo sabe que eu sou ótimo. Todos me amam. Gente, olha o que eu fiz com você em dez minutos. Você está linda. E pensar que eu já quis desistir, acredita? Às vezes me batia uma depressão, ficava andando pelas ruas à noite pensando se escolhi a profissão certa, se não teria sido melhor fazer Direito, mas aí eu penso, sabe? Penso, penso, penso... Sabe assim, quando você pensa?

– Arrã... – reagi ao monólogo, sabendo que minha resposta era o que menos interessava a ele.

– Então, eu pensei, e é isso mesmo que eu quero fazer da vida: maquiar as pessoas, deixar as pessoas felizes. Sabe, Malu, eu sou muito bom no que eu faço. Muito bom mesmo. Sou um luxo. Amo meu trabalho, amo a vida. E me amo muito, muito. Mas *tchi* amo também, viu? Não precisa ficar com ciúme de mim porque eu *tchiamuuuu*! Cê sabe que *tchiamu*, né, darling?

Putz! Ele era bêbado do tipo "eu te amo". Eu quase disse: "Que me ama, que nada! Nem me conhece!", mas preferi ficar calada. O relógio corria enquanto ele divagava sem nem encostar na minha cara.

– Olha a cerveja geladinhaaaa! – anunciou minha avó ao entrar no quarto. – Nossa, como você tá ficando linda, Maria de Lourdes!

– Sua neta é linda. A senhora é linda, a mãe da Malu é linda. Família linda, quase não estou tendo trabalho aqui – elogiou João Paulo logo depois de dar um gole gigante na cerveja.

Fiquei com medo. Não dele, mas da minha avó. O padrão de beleza dela não é parecido com o meu. Tudo dela é over, ela sai de batom vermelho e vestido amarelo-ovo, colado no corpo, às oito da manhã. E acha normal. Pra ela ter me achado bonita, boa coisa eu não devia estar.

– Posso olhar no espelho agora?

– Shh! – fez ele. – Fica quieta, Malu, quem manda aqui sou eu.

– Isso mesmo, traveca! Dá duro nela, ela é muito petulante – irritou-me minha avó.

– Vovó querida do meu coração, eu *tchi* amo, *tchi* amo muito, muito messssmo, mas a próxima vez que a senhora me chamar de traveca, travesti ou qualquer coisa péssima do gênero, eu derramo toda essa cerveja no seu cabelo mal tingido e ainda amasso a latinha na sua cabeça. Porque eu tenho dignidade.

Ui! João Paulo era bravo. Mas também minha avó pediu, né? Traveca ninguém merece!

Ela ficou quietinha, pediu desculpas e saiu de mansinho do quarto. Bem feito! Quem mandou dar força pro maquiador bêbado?

Ele continuou. Maquiou um olho, depois outro. Ficou olhando para a minha cara como se ela fosse uma obra de arte.

– Os olhos são impressionantes, né? Sabe, Malu, os olhos são a janela da alma. Pelo olhar a gente já conhece uma pessoa, sabe? A gente penetra na alma através dos olhos e enxerga a vida de outra maneira. O que é a vida, Malu? Qual o sentido da vida, Malu?

Não sei, não sei, tô nem aí pra o que é a vida! Só sei que quero ficar pronta logo! Daqui a pouco as meninas chegam pra me buscar e eu não estou nem metade pronta, seu maluco que não para de falar!, tive vontade de berrar. Mas não berrei. João Paulo não dialogava. João Paulo, o maquiador bebum, gostava mesmo de monologar.

– A vida é um sopro, sabe? Uma energia muito louca, muitos enigmas, mistério de tudo quanto é lado, uma quebra de paradigmas atrás da outra. A verdade é que a gente não sabe nada da vida, sabe? E não sabe nada do mundo, você não vê como é que está esse mundo? É guerra daqui, é bomba de lá, geleiras derretendo, bichos morrendo, políticos malucos. Falando em maluquice, me-ni-na!, tomei um chá alucinógeno que você não sabe! Achei que a árvore do meu quintal queria me abraçar e saí correndo. Veja você, o que é a vida, né? Nunca usei droga nenhuma, quando tomo um chazinho de cogumelo, fico desse jeito. Chorei que nem criança fugindo da árvore, depois voltei e discuti com a árvore, bati na árvore e quase quebrei minha mão. Porque cê sabe, né? Bicha não sabe dar soco, não! Ainda mais em árvore. Nunca mais, menina. Nunca mais tomo chá de nada! Drogas, tô forésima. Gosto mais de mim.

Entre pinceladas, olhadas demoradas para a minha cara para analisar seu trabalho e elogios enormes que ele fazia para si mesmo, quase dormi, mas, uma hora e meia depois, João Paulo finalmente terminou.

– Deusa! Diva! Você está uma loucura, Malu! Se eu fosse homem, te pegava! – brincou, tirando um sorriso sincero do meu rosto com a piada boba.

Com medo, muito medo, fui para o espelho e tive a surpresa. Eu realmente estava linda. Mesmo bêbado, João Paulo mandou bem. Fiquei encantada comigo mesma, mal podia acreditar. Deusa, diva... Eu estava muito mais que isso. Botei meu vestidinho preto e fui pra sala mostrar o make-up pra galera, todo mundo amou. Tiramos fotos, dei uma desfilada, uma cafonice só, mas tudo muito divertido.

Quando voltei para o quarto para pagar e parabenizar meu maquiador tagarela, ele roncava na minha cama e babava no meu travesseiro, agarrado a um pincel e com a latinha de cerveja vazia repousando no chão.

Um tempo depois, descobri que uma amiga tanto insistiu que convenceu João Paulo – cuja clientela estava cada vez mais escassa por conta das bebedeiras constantes – a frequentar as reuniões dos Alcoólicos Anônimos. Ele foi, gostou e, com disciplina e determinação, se curou do vício do álcool. Meses depois conseguiu, sóbrio e mais talentoso do que nunca, uma vaga num salão chique de Londres, onde está até hoje.

Presente de grego

Sempre gostei de cantar. Sou uma feliz e, modéstia à parte, talentosíssima cantora de chuveiro e certamente faço a alegria dos meus vizinhos na hora do banho. Imito com perfeição Alcione, Beth Carvalho, Dorival Caymmi. Também faço imitações primorosas de Seu Jorge, Ivete Sangalo e Clara Nunes. Vez ou outra ataco de Elis Regina com uma categoria invejável. Mas, admito, para essa última preciso estar inspirada.

Como imito todas essas vozes poderosas, sempre acreditei levar jeito para ser cantora. Eu só estava esperando encontrar a minha identidade, o meu próprio caminho, o meu tom, o meu timbre, o meu ritmo.

Na véspera do meu aniversário chegaram lá em casa Alice, Duca e Nanda com uma caixa grande e caras ansiosas:

– Surpresaaaa! – gritaram em coro, mostrando a caixa.

– Ô, gente, não precisava... – fiz charme. – Mentira! Precisava sim! Adoooro ganhar presente! – concluí, sorriso escancarado no rosto.

– A gente sabe! Por isso a gente trouxe logo, antes de você ir pra Disney. É amanhã que você vai, né? No dia do seu níver – comentou Alice.

– É, é amanhã. Vou amar, tenho certeza, mas já estou morrendo de saudade de vocês – fui melosa.

– A gente também. Agora anda, abre! – ordenou Alice.

– Nossa, que enorme! O que será que tem aqui, hein, suas danadinhas?

– Ih! Ih! Ih! Só vai saber se abrir! Ih! Ih! Ih! Só vai saber se abrir! – Duca puxou, acompanhada empolgadamente por Alice e Nanda.

– Tá, tá! Para com essa cantoria ridícula, povo, já estou abrindo.

Ih! Ih! Ih! Estava bem difícil de abrir!, eu quase cantei, mas achei melhor ficar calada pra não dar ideia. Tentei com as unhas, depois peguei uma caneta, para ajudar a rasgar as quinhentas fitas adesivas que fechavam a caixa.

– Pega a tesoura! Pega a tesoura! – gritou Duca.

– Aqui! Aqui! – Surgiu, saltitante, Alice, já com a tesoura da cozinha na mão.

As três estavam agitadas, apreensivas, ansiosas, um tanto tensas, eu diria. Com uns sorrisos... estranhos. Aquilo parecia zoação. Mas elas não iriam me zoar na véspera do meu aniversário de 15 anos.

Claaaro que elas me zoariam na véspera do meu aniversário de 15 anos!

– Ah, vocês não vão dizer que é uma caixa enorme com um monte de caixas dentro. Isso é a maior bobeira, a gente não é mais criança! – avisei.

– Claro que não é isso, né, Malu?! Abre logo! – respondeu Nanda. Arranca daqui, rasga de lá, levei alguns bons minutos para conseguir abrir meu misterioso presente.

– Tchanããããã! – fizeram as três, em corinho. Corinho que já estava me irritando, vale mencionar.

– Ooolha... uma... guitarra... Ou isso é um baixo? – reagi, zero animação e zero conhecimento musical.

– Guitarra, né, Malu? Baixo tem quatro cordas, guitarra tem seis! Dã-ã! – explicou Alice, apontando para as cordas do evidentemente velho e usadíssimo instrumento.

– E então? Que tal? – quis saber Duca.

– Eu... eu não sei tocar guitarra...

– Pois é! Agora vai aprender! – esclareceu Alice. – U-huuu!

– Ah, tá. O problema é que eu não tenho muita vocação para instrumentos de corda. Dá calo na mão. Se era pra ganhar um instrumento, que fosse uma bateria... – disse, sem esconder minha decepção.

– Bateria é da Alice! – adiantou-se Nanda.

– Bateria é da Alice? Que frase é essa? – perguntei.

– Na nossa banda só faltava uma guitarrista. Agora tem. E é, tchã nã nã nããã... VO-CÊ! – anunciou Duca, empolgadíssima.

– Guitarrista? Banda? Que banda, mulherada? Vocês ficaram malucas?

– Ué, a gente falou tanto na semana passada que ia ser tudo de bom ter uma banda... – lembrou Nanda.

– Não era uma conversa séria, era só... uma conversa.

– Mas a gente levou a sério, Malu. Todas nós estamos empolgadíssimas com a criação da Cavaleiras Iradas da Apocalipse em Busca de Pôneis Pretos – revelou Nanda.

– Cavaleiras Iradas do Apocalipse. *Do* Apocalipse! – corrigi, chocada (com o nome da banda e, claro, com a novidade).

– Eu não falei que apocalipse era substantivo masculino, gente? Eu falei, eu falei – reagiu Nanda.

– Ótimo! Cavaleiras Iradas DO Apocalipse em Bus...

– Para, Alice! Acorda, Alice! Foca, Alice! Cavaleiras Irad... Esse nome é ridículo! Que nome é esse?!

– A gente achou muito grande! A Alice que cismou com esse “Em Busca de Pôneis Pretos” – dedou Duca.

– É. Desde o começo a gente gostou de Cavaleiras Iradas da Apocalipse. Mas claro que só vão chamar a gente de Cavaleiras, vocês vão ver só.

– Nanda, presta atenção: Cavaleiras, Cavaleiras Iradas... Cavaleiras Iradas *do* Apocalipse... Tudo a mesma porcaria! Todos são escancaradamente péssimos! Fadados ao fracasso! Taí, esse seria um bom nome para a banda: Fadadas ao Fracasso. Ou Nascidas para Fracassar. Que tal?

– Ai, Malu! Que pessimismo! – chiou Alice.

– Não sou pessimista, sou realista! De onde surgiu esse nome?

– Cavaleiras porque a gente adora cavalos, iradas porq... – começou Alice.

– Eu odeio cavalo! Quase me quebrei toda por causa de um quando era pequena! Como assim vocês batizaram a banda e eu não estava presente? E que banda é essa? Nunca disse que queria ter uma banda! Só disse que devia ser maneiro fazer parte de uma. Agora vêm vocês e simplesmente me comunicam que nós vamos ter uma banda?

– Isso! – vibrou Duca.

– E então, Malu? Vamos tentar, vamos ver qual é! – animou-se Alice.

– Mas guitarra? Poxa... Preferia baixo... Acho o som melhor.

– Ah, não dá, a Duca já ficou com o baixo. E tinha que ter uma guitarra na banda – justificou Nanda.

– Por que a Duca ficou com o baixo? Por que vocês não deram a guitarra pra ela?

– Eu já tinha baixo, é da minha irmã. Ela toca e vai me ensinar – explicou Duca.

Fiquei emburrada. De bico mesmo.

– Olha só, vamos começar a fazer aula e quando a gente estiver mandando bem começa a tocar em festas pra ver se rola uma energia. Já pensou se a gente se dá bem? Mó grana! – empolgou-se Alice.

– Mó grana?! Fala sério, Alice! Essa banda não tem a menor chance de dar certo!

– Não tem a menor chance de dar errado! – brigou Nanda.

– Claro que tem. A começar pela escolha da guitarrista. Eu nunca gostei de guitarra. Nunca quis aprender guitarra. Por isso essa banda já começa errada! Sinceramente, eu odeeeeio guitarra – revelei, para espanto geral. – Eu tinha que ser vocalista. Por que vocês não me botaram pra cantar? Eu canto superbem desde pequenininha.

Silêncio. As três se entreolharam muito antes de abrir a boca:

– Malu, você não canta superbem... – opinou Duca.

– Tá, tá, me expressei mal. Eu *imito* superbem. Mas só imito cantores excelentes. Quer dizer, se eu tenho capacidade de imitar bem tanta gente

talentosa, eu tenho pra cantar também.

– Malu, amada, você não imita superbem. Suas imitações são péssimas – confessou Alice.

– Sua Ivete Sangalo é idêntica ao Dorival Caymmi, que por sua vez é idêntico à Alcione, que é igualzinha ao Elvis.

– Eu não imito o Elvis Presley, Nanda! Em inglês quem eu imito é a Tina Turner.

– Pra você ver como você é ruim. Eu jurava que era o Elvis.

– Sério? Eu tinha certeza que era o Michael Jackson – palpitou Duca.

– Você não tem o menor jeito pra coisa. – Foi sincera Alice.

– Para com isso, gente! Eu sempre fui ótima imitando! Vocês sabem! Vocês sempre adivinham quem eu estou imitando.

– Claro, você só imita uns cinco, seis cantores, e são todos idênticos. A gente sai chutando, uma hora acerta – entregou Duca.

– Você é desafinada! – acusou Nanda. – Admite, Malu.

– Eu sou ótima!

– O que mata você é esse seu ego gigante! – estrilou Alice.

– Gigante e surdo, vamos combinar! – completou Duca.

– A vocalista da banda vai ser a Nanda. Ela, sim, canta bem – contou Alice.

– A Nanda? A Nanda?! – indaguei, alguns decibéis acima do normal.

– É, eu mesma. Por quê? Alguma coisa contra?

– Todas as coisas contra! Você não canta!

– Canto melhor do que você, Malu.

– Nunca te vi cantando!

– A gente está nesta vida pra aprender.

– Pois é, Nanda, a diferença entre nós duas é essa, eu não vou precisar aprender, eu já sei cantar.

– Você não sabe cantar! – gritou Nanda.

– Calma, meninas, não vamos brigar. Bandas só brigam depois de um tempo de carreira – apaziguou Duca. – Eu sabia que essa parte ia ser difícil, Alice, eu te falei.

– Quer saber? Quer saber? Eu não vou fazer parte dessa banda. Se vocês acham que a Nanda canta melhor do que eu, podem arrumar outra pessoa para completar o grupo.

Silêncio. Muito silêncio mesmo.

– A Nanda parece um ganso engasgado cantando – ataquei.

– E você parece uma cigarra com diarreia – atacou de volta Nanda.

– Meninas, meninas, muita calma nessa hora! – pediu Alice.

A confusão estava armada. Eu emburrada olhando para a parede, Nanda emburrada olhando para a parede oposta, Duca e Alice olhando uma para a outra na tentativa de resolver a confusão que armaram na minha casa.

– Caramba, vocês precisavam fazer isso hoje? Justamente no meu aniversário?

– Hoje ainda não é seu aniversário, é só amanhã – corrigiu-me Duca.

– Valeu, gente, muito obrigada, mas não tô a fim de brigar. Muito menos de aprender a tocar guitarra.

– Ô, Malu, não faz assim... A Cavaleiras precisa de você...

– Eu não tô nem aí pras Cavaleiras, Alice. As Cavaleiras são péssimas. Não é assim que se monta uma banda, gente... Agora, por favor... eu quero ficar sozinha.

As três se entreolharam, cabisbaixas. Não sei se já tinha caído a ficha da besteira que haviam feito ou se estavam chateadas por eu acabar com o sonho de uma banda com um futuro promissor daqueles.

Elas saíram e eu fiquei triste, tristona. Arrasada mesmo. Como é que alguém dá um presente desses? Logo elas, que me conheciam tão bem! Eu ia ser a pior guitarrista do mundo! Que véspera de aniversário horrível!

– Eu quero cantar, cantar! – gritei no silêncio do meu quarto.

Uma hora depois, minha mãe bate à porta:

– Tem visita.

– Não quero.

– Mesmo você não querendo, a gente vai entrar. Erramos e queremos pedir desculpas – avisou Alice.

– Da nossa maneira, da maneira Cavaleiras Iradas *do* Apocalipse – acrescentou Duca.

– Da gente pra você, com todo amor, com todo o coração, “Carinhoso”, de Pixinguinha e Braguinha – anunciou Nanda, antes de pigarrear para soltar a voz e mandar, acompanhada pelas outras: – “Meu coraçãããããão, não sei por quêêêê, bate feliiiiz quando te vêêê...”

Chorei.

Não de emoção, mas de tristeza.

– Vocês são muito ruins! Muuuito ruins! Deus me livre! – brinquei diante da desafinação conjunta.

As três se jogaram na minha cama, me encheram de beijos e pediram desculpas. E ainda disseram que, se eu quisesse, podia ser vocalista junto com a Nanda.

Fiquei de pensar.

Mas, estava claro, a Cavaleiras Iradas do Apocalipse em Busca de Pôneis Pretos não ia sair daquele quarto, muito menos da nossa imaginação. Era só um sonho muito do fajuto que elas resolveram levar adiante porque estavam sem nada pra fazer. E porque tinham 15 anos, aquela fase da vida em que tudo é intenso, tudo é vibrante, tudo é possível.

À meia-noite, todas cantaram *Parabéns pra você* com direito a velas e uma torta de chocolate que a mamãe comprou na minha casa de doces preferida. Até nos "Parabéns" elas desafinaram. Mas pelo menos comemos muito depois. Oba!

Nem vi a hora passar conversando, e cantando, com minhas melhores amigas. Doidas, descompensadas, desafinadas. Mas melhores amigas.

Seja Feliz no Amor

Não sei ao certo a quantidade, mas numa manhã, abri meu e-mail e dei de cara com pelo menos umas quarenta mensagens, uma atrás da outra, de um remetente desconhecido, um tal de Pai Jalum de Nanã, que dizia no espaço reservado ao assunto “Seja Feliz no Amor”, assim mesmo, com letras maiúsculas iniciando as palavras, como se fosse título de livro de autoajuda. Apesar de saber que essas coisas não funcionam, de ter certeza absoluta de que isso é uma balela com o objetivo de fazer pessoas desesperadas gastarem dinheiro com a esperança de serem felizes, confesso que fiquei com vontade de ligar para o número que Pai Jalum dava no fim do e-mail, depois dos “depoimentos” de pessoas que encontraram a felicidade e a cara-metade com sua ajuda.

Eu acabara de terminar com o Fred (entrei com o pé, não com a bunda, que fique claro), nossa relação amornou e achei melhor cada um ir para o seu canto. Mas andava meio tristinha, em dúvida se tinha feito a coisa certa, com saudade de ficar abraçadinha com ele olhando o nada, falando nada, fazendo nada. A gente sempre se deu tão bem... Será que era a hora de tentar mais uma vez ou de partir pra outra? Ou melhor, pra outro? Talvez uma pessoa entendida em assuntos do coração pudesse me dar uma luz, me dizer como agir numa situação dessas. Fiz o que deveria fazer:

– Alice, você vai comigo num pai de santo pra ele ver meu futuro?

– Tá louca, Malu? Isso não existe, ninguém vê futuro de ninguém!

– Mas nos e-mails que recebi tinha um monte de relatos de pessoas que não acreditavam nessas coisas, mas que conseguiram resolver suas vidas depois da ajuda de Pai Jalum de Nanã.

– Ih, acho que isso não dá pra resolver por telefone. Tô indo praí!

Alice era amiga pra todas as horas mesmo. Enquanto ela não chegava, comecei a pensar nas suas palavras, na grande besteira que era acreditar em alguém que diz ter poder com o povo do além e, com isso, é capaz de fazer uma pessoa feliz. Isso não existe!, dizia para mim mesma quando tocou a campainha.

– Nada de Pai Xalum de Tantã, Malu!

– Jalum de Nanã! – corrigi.

– Foi o que eu disse. – Alice odiava admitir seus erros. – Vamos conversar. O que é que está te atormentando? Eu te ajudo. Eu sou sua amiga e estou aqui pra isso. Abre seu coração.

Óóóó! Tive vontade de agarrar a Alice e encher sua bochecha de beijos. Com essa pergunta fofa, ela queria me dizer que quem tinha Alice não precisava de Pai Jalum nenhum. Ela estava ali para me dar o ombro, para me dar conselhos, broncas, sorrisos, o que eu precisasse. Que amiga mais linda! Fiquei orgulhosa de mim por ter escolhido uma pessoa tão bacana para fazer parte da minha vida.

– Tira esse pai Xazan da cabeça, tá, Malu?

– Já tirei, lindona!

– Promete?

– Prometo.

– Se quer saber se vai voltar pro Fred, você deve procurar a maga Amparo Reisbadir. Ela, sim, é séria. Ela vê coisas. Sente coisas. E joga tarô, menina. A prima da irmã da manicure da amiga da minha mãe foi e disse que a maga é um *petáculo*. É maga, né? Outro nível. Não tem nada a ver com pai de santo. A mulher é maga. Ma-ga!

Abri a boca e de boca aberta fiquei por alguns segundos.

– Eu sou sua amiga, Malu, não me olha com essa cara. Se está a fim de gastar dinheiro com essa bobagem de saber o futuro, vai em alguém com referência. Esse pai Kagun não tá com nada! Ninguém que é bom anuncia seus serviços pela internet, vamos combinar, né?

Eu estava estupefata.

– Não existe maga! Nunca ouvi falar em maga!

– Ué, maga é o feminino de mago, qual o problema? Olha o preconceito, Malu. Só porque é mulher não serve?

– Não é nada disso, é que esse nome, Amparo... Soa tão comercial, tão falso...

– Ah, claro. Verdadeiro e confiável é o pai Gogum de Maçã, que divulga seu trabalho por e-mail. A maga Amparo traz a pessoa amada em treze dias. Treze dias! Sabe lá o que é isso? Os concorrentes trazem em trinta, no mínimo!

– Os concorrentes trazem em três! No máximo em sete! Não lê os anúncios colados nos postes?

– Você acha que alguém que emporcalha a cidade colando anúncio em poste é uma pessoa que merece confiança? Ninguém traz pessoa amada em sete dias! Muito menos em três! Isso é maluquice. Treze é mais verossímil. E digo mais: treze é coisa de profissional sério.

– Fala sério, Alice! Há dois minutos você não acreditava em nada disso! Agora está chamando essas pessoas de profissionais! Alou!

– Malu, continuo não acreditando, só estou dizendo o que me disseram sobre a maga Amparo Reisbadir.

Pensei, pensei...

– E ela não é careira. É maga, ou seja, tem interesse apenas na riqueza espiritual, não está nem aí pro dinheiro.

– Que pessoa é essa que não quer dinheiro? Deve ser um E.T.! – debochei.

Depois de uma breve discussão, deixei minha amiga me convencer e marquei com a tal maga na sexta-feira, depois da escola.

A casa da maga era um carnaval imobiliário. Luzes de néon verde e rosa contrastavam com imagens coloridíssimas de Buda, orixás e todo tipo de santo que repousavam sobre o telhado pintado de branco. Na porta, um cartaz meio puído anunciava em letras garrafais: PESSOA AMADA EM 13 DIAS. Uma fila de gente aguardava os treze minutos que maga Amparo Reisbadir reservava aos simples mortais sem ligação com o além.

Foram quase duas horas de espera até que um anão albino chamou meu número.

É. Um anão albino. Preciso dizer mais alguma coisa?

– Daqui pra frente é só você, Malu. Boa sorte. Te espero aqui fora – disse Alice.

Antes de soltar a minha mão por inteiro, porém, ela me alertou:

– Entra muda e sai calada. Não comenta nada, não faz cara de espantada se ela acertar alguma coisa, não entrega nada da sua vida. Assim a chance de ela te enganar diminui.

Ouvi com atenção e entrei na sala de paredes azuis e brancas muitíssimo mal iluminada. Deparei-me com uma mulher um pouco acima do peso, que envergava um vestido roxo e rosa esvoaçante, meio transparente e um tanto encardido que parecia uma mistura de roupa surrada de faxina com cortina velha e fantasia de odalisca arrependida. Na cabeça, um turbante amarelo e verde completava o visual exótico. Ela foi logo perguntando:

– Você quer seu amor de volta, não é?

– Uau! Como é que você sabe que eu quero voltar com o Fred? – perguntei, burramente, ignorando por completo o conselho da Alice e também o slogan da maga, “Trago seu amor de volta em 13 dias”. Burra. Burrona. Burralda!

– Porque você está triste. Infeliz.

– Não sei se triste é a palavra. – Fui sincera. – Nem infeliz. Tô só...

– Amuada.

– Que é que é isso?

– Enfadada, chateada, mal-humorada – explicou, parecendo enfadada, chateada, mal-humorada.

– Não sei se é isso também.

– Maga entendeu. Agora senta, porque você só tem treze minutos com a maga. Se quiser mais tempo, maga pede gentilmente cinco reais e noventa e nove centavos de contribuição para cada minuto excedente.

– Cadê a maga? Eu vim aqui falar com ela. Você é secretária da maga, um genérico da maga ou uma pré-maga pela qual a gente passa antes de ir pra maga? Sem ofensas, mas eu quero a maga.

– Eu sou a maga – disse, cheia de vigor e orgulho. – E a maga está aqui para escutar você, para ajudar você. Maga é toda ouvidos.

Só então entendi. Maga tinha o terrível e inacreditável hábito de falar na terceira pessoa. Odeio isso. Sempre odiei.

– Maga te achou muito bonita.

– Obrigada.

– Muito bonita mesmo – reforçou, antes de dar uma respirada profunda e soltar: – Parece um peixe.

Peixe? Peixe!? Que elogio torto era aquele? Peixe é o maior bicho feio, pô! Achei melhor não contrariar a maga. Um minuto já devia ter passado e eu não queria pagar nem um minuto a mais.

– Maga quer saber seu nome.

– Maria de Lourdes.

– Nome lindo, nome forte, nome potente. Você deve adorar seu nome.

– Eu odeio meu nome.

Maga Amparo Reisbadir olhou por alguns segundos para o copo com água pela metade sobre a mesa.

– E aí, maga? O Fred vai voltar pra mim? Tá vendo alguma coisa aí nesse copo?

Ela me olhou nos olhos e disse:

– Maga acredita que sim. Mas você vai ter que mudar. Você é muito geniosa, autoritária, dona da verdade. O Fred quer mais carinho e menos chateação. Por isso ele terminou com você.

– Fui eu que terminei com ele.

– Dá no mesmo.

– Nanão! Não dá no mesmo, messssmo! *EU* que não aguentava mais o Fred. *Ele* que é chato, autoritário e dono da verdade. E reclamava que eu falava muito, e que eu ficava muito tempo na frente da televisão e que...

Calei minha boca de repente. Droga! Eu estava exagerando. Dando todo o serviço pro bandido. Contando minha vida praquela maga com cara de bruxa de história infantil e dando munição para ela se esbaldar com suas “adivinhações”.

– A culpa do fim do relacionamento foi sua – disse, como se tivesse descoberto a pólvora.

– Claro que foi, não acabei de dizer que eu que terminei com ele?

– Você terminou por quê?

– Porque a relação desgastou.

– Não foi não.

– Ah, não? Foi por quê, então?

– Porque, me desculpe a sinceridade, mas maga só diz a verdade, nada mais que a verdade. Você é chata. Exigente, perfeccionista, quer sempre o melhor, o mais inteligente, o mais bonito...

– Eu não gosto de garoto bonito, prefiro os feios.

– Então você quer sempre os *mais* feios. Pra você é oito ou oitenta. Não basta um feio, tem que ser muito feio.

– Aí também não, né, maga? Aí a senhora está me esculachando. Muito feio ninguém merece.

A maga estava começando a me irritar. E pensar que eu já tinha morrido numa grana para ouvir aquele papo-furado.

– Posso fazer uma pergunta?

– Maga está aqui para responder, Maria de Lourdes.

– Você avisa quando os treze minutos acabam? Porque não vou querer pagar nem mais um min...

– Shh! – ordenou, olhando com ar misterioso e chocado para a fumaça do incenso, que estava indo toda para a minha cara. – Olha aí! Olha aí! Olha aí! – gritou, estalando os dedos.

– Olha aí o quê?

– A resposta que você estava querendo.

– Que resposta? Acabaram os treze minutos?

– Não, Maria de Lourdes! Acorda, Maria de Lourdes! Maga está vendo agora o motivo que você precisa saber, o verdadeiro motivo que te fez terminar com o Fred.

Fiquei curiosa.

– A fumaça te disse alguma coisa?

– A fumaça sempre diz muita coisa pra maga.

– O que ela te disse?

– Não é óbvio?

– Não.

– Ela está toda indo na sua direção.

– E daí?

– E daí que sua energia não está boa, a fumaça indo para você é um sinal claro de que você precisa de um banho de purificação. Sua vida amorosa não anda por causa dessa energia parada, estagnada.

– A fumaça só está vindo pra cima de mim porque o vento está soprando na minha direção. Que mané purificação, maga? Eu sou superpurificada! Com uma energia superfluida.

Ela não se abalou.

– Com essa energia não tem Fred, nem ninguém – decretou, solene. E completou: – Você está fadada à solidão. E sabe por quê?

– Por quê? – indaguei, assustada.

– Porque sua energia é podre.

Nossa! Pegou pesado!

– Podre? – repeti, para confirmar se tinha ouvido direito.

– Po-dre.

– Para! Que horror! Isso quer dizer que eu vou ficar encalhada?

– Parece que sim, sua situação é bastante séria... A saída vai ter que ser o banho de purificação da maga, que é excelente e ainda por cima traz sorte pra vida toda.

– Mas eu não quero tomar banho nenhum, eu só queria...

– Tira uma carta – pediu, cortando-me sem cerimônia, abrindo um leque de cartas de tarô na minha frente.

Tirei uma carta com uma caveira.

– Olha aí. A carta da Morte – revelou, soltando um suspiro.

– Alguém vai morrer? Eu vou morrer? Ai, por favor, diz que não!

– A sua relação morreu!

– Claro que morreu, maga! Foi a primeira coisa que eu disse quando entrei aqui, quando perguntei se ia voltar com o Fred.

– Você quer saber se a relação vai ressuscitar, não é?

– É pra isso que eu estou aqui, né não?

– Eu sabia!

– Sabia o quê?

– Que você veio aqui para recuperar um amor. Um grande amor perdido. Eu sabia! Maga não erra jamais!

– Maga erra totalmente! Maga erra o tempo todo! Ele não é um grande amor. Foi um amor importante e tal, mas não sei se o Fred entraria na pasta dos grandes amores da minha vida.

– Hum... Hummm...

– Quê?

– Maga vê que sua cabecinha não é boa.

– Está me chamando de burra ou de maluca?

– Menina Maria de Lourdes não é burra. Nem maluca. Maga está vendo que Maria de Lourdes é indecisa. Que cabecinha de Maria de Lourdes é lotada de

pontos de interrogação.

– Não me acho exatamente indecisa, não, viu? Sou indecisa às vezes.

– Você não sabe se quer ou não voltar para o Fred, a verdade é essa.

– Ah, isso é verdade mesmo. Até que enfim deu uma dentro, hein, maga?

Ela levantou uma sobrancelha e me lançou um zangado olhar penetrante com cara de poucos amigos. E continuou sua... hum... análise da minha... cabecinha:

– Sua família gosta do Fred, a família do Fred te adora, ninguém entende o fim desse namoro.

– Xi! Bola fora, maga! Foraça! A mãe do Fred me odeia. E eu acho o pai do Fred um chato. E a minha mãe também não morre de amores pelo Fred. Nem eu gosto tanto do Fred assim, o que eu não estou gostando é de ficar sozinha.

Ela me ignorou.

– Posso trazer o Fred de volta em treze dias. Treze!

– Treze dias ou meu dinheiro de volta? – arrisquei, numa jogada de mestre.

Maga ficou sem ação. Maga foi pega de surpresa! Maga mala se ferrou! Se ferrou!, vibrei por dentro.

– Maga não faz devolução. Maga quer que você seja uma menina mais confiante. Não só na maga, mas na vida, no ser humano.

– Aqui, maga, já tô legal dessa... dessa... consulta.

Levantei, peguei minha bolsa e, arrasada por ter gastado metade da minha suada mesada com aquela maga de araque, saí da sala.

– E aí? – quis saber Alice assim que me viu.

– A maga é péssima. A maga não é de nada. A maga é uma farsa! Não sei como deixei você me convencer a vir aqui.

– Eu sabia! Essas coisas não existem.

– E quer saber? Falei tanto do Fred que não quero mais nada com ele. Nem que ele venha pintado de ouro implorando pra voltar! Não volto, não volto, não volto! Nunca mais encosto minha boca na dele. Tá decidido.

Uma semana depois (ou seja, muito antes de treze dias) tive uma recaída e, sim, dei umas bitocas no Fred. Mas ficou por isso mesmo. Não voltamos a namorar. E eu segui feliz na minha solteirice. Certa de que o destino é a gente que faz. E que nunca mais, nunca mais mesmo!, eu iria perder meu precioso tempo numa vidente, cartomante, maga ou algo do gênero.

16 anos

A conta, por favor!

Ficar de papo pro ar nas férias, sem fazer absolutamente nada, é simplesmente a melhor coisa do mundo. Porém, naquelas férias de fim de ano, Alice decidiu trabalhar e arrumou um trabalho como garçonete. Seu objetivo: juntar grana para estudar inglês durante um mês nos Estados Unidos.

Quando ela me contou a novidade, achei bacana a ideia de trabalhar para fazer uma viagem, mas não levei muita fé na Alice como garçonete. Ela é estabanada, impaciente, facilmente irritável, esquecida, preguiçosa... Portanto, não reúne exatamente os pré-requisitos para ser uma boa profissional das bandejas.

Descobri que estava certa quando fui à lanchonete com Duca e Nanda.

– Oi, Alice! Vê uma porção de batata frita e três milk-shakes! Um de chocolate pra mim, um de morango pra Nanda e um de baunilha pra Duca. Beleza?

– É pra já, Malu!

Eu, Duca e Nanda falamos de tudo. Da vida, do avanço tecnológico, das novelas, dos filmes, do cabelo medonho do menino ao nosso lado, da cara de panela da menina na nossa frente, do cardápio, do tempo, dos penteados das aeromoças, das pedras portuguesas, das vacas, do futuro das vacas, do leite das vacas, das tetas das vacas... Quando o assunto morreu, olhamos no relógio e constatamos que estávamos lá há exatos 47 minutos. Quase uma hora, e Alice ainda não tinha vindo com nosso pedido.

– Alice! – chamei.

– Oi, gente! – exclamou, puxando uma cadeira e sentando-se na nossa mesa. – E aí? Como é que tá a vida? Gostaram daqui? Maneirinho, né? Estão vendo aquele cara de camiseta vermelha? Tá todo-todo pra cima de mim. Que vocês acham? Dou mole ou ignoro? Ai, desculpa, é tanta correria que nem consegui parar para conversar com vocês.

– Alice, a gente conversa todo dia com você – disse Duca, sincera como sempre. – A gente não quer conversar. A gente quer nossos milk-shakes e nossa batata frita.

– A gente tá aqui há quarenta minutos – contou Nanda.

– Não, 49 agora – corrigiu Duca.

– Assim não vai ter gorjeta – brinquei.

– Não, eu quero uma gorjeta gorda de vocês. Desculpa, gente! Já, já volto com tudo – avisou e foi correndo para a cozinha.

Na mesa ao lado, um casal reclamava:

– Mas será possível que um suco de laranja demore tanto para ser feito? Foram colher as laranjas? – irritou-se o homem.

– Chama a garçonete e reclama, amor – pediu a mulher.

– Cadê que eu consigo chamar a garçonete? Os garçons, inclusive a menina que está atendendo a gente, em vez de olhar para as mesas para ver se algum cliente deseja alguma coisa, estão de costas conversando, rindo, olhando pra ontem, pensando na morte da bezerra...

– O atendimento aqui é péssimo – fez coro a mulher. – Não vamos dar gorjeta nenhuma na hora de ir embora.

Pobre Alice! Teríamos que dar uma gorjeta gorda pra ela mesmo, já que a mesa ao lado acabara de decidir o que fazer na hora de pagar a conta.

De repente, chega Alice esbaforida, com o pedido da mesa reclamona. Ainda bem, se fosse simpática poderia ganhar uma gorjeta do casal, mesmo com o atraso no atendimento, era só botar a culpa na cozinha.

– Aqui está, suco de melancia e quiche de alho-poró pro senhor e um milk-shake com salada verde pra senhora.

– Eu pedi suco de laranja e quiche de cebola! – resmungou o homem.

– Xiii, é, é? Olha, na boa, o de alho-poró é muito melhor! O de cebola é ruim e tá há um tempão na geladeira. O suco foi erro meu. É que eu adoro melancia.

– Eu não quero saber do que você gosta, eu quero o que eu pedi. É tão difícil beber um suco de laranja nessa lanchonete?

– Olha, eu pedi guaraná light, não milk-shake. Estou de dieta.

– Mil desculpas, mil desculpas. Eu sou nova aqui. Já, já volto com os pedidos de vocês. Quanto à dieta, a senhora está certíssima. Mulher grávida não pode perder a linha senão vira um balão. E depois, pra perder todo o peso, parece que é um trabalho danado – disse antes de sair correndo pra cozinha.

– Luís Fernando, essa garçonete me chamou de gorda, não chamou? Eu não estou nada grávida. Ai, meu Deus, não quero mais salada, não quero mais comer! Nunca mais! – choramingou a mulher, que, diga-se de passagem, estava,

sim, um pouco acima do peso. Mas Alice jamais poderia ter dado um furo horripilante desses, ainda mais com uma cliente da casa.

No caminho para a cozinha, ela derramou numa pessoa o suco de melancia que trocaria pelo de laranja.

A confusão estava feita. Fiquei com pena da minha amiga. Várias mesas chamavam por ela, os clientes estavam insatisfeitos, os tons de voz aumentaram, gritos de "Cadê o gerente?" começaram a pipocar pelo salão e Duca, irritada e impaciente, berrou mais alto que todo mundo:

– Cadê meu milk-shake?

– Ducaaaa! – briguei.

– Ah, Malu! Que é? A Alice não tem competência para ser garçonete. Tô morta de fome e de sede, e a mala ainda não trouxe o que eu pedi!

Nossa amiga saiu da cozinha com uma bandeja lotada de coisas que oscilava na sua mão. Foi servindo as mesas até chegar na nossa, com os milk-shakes e... uma vitamina de banana. Que ninguém pediu.

– Baunilha pra Malu, Chocolate pra Nanda e vitamina pra Duca.

Ô-ou...

– Vitamina? Quem foi que pediu vitamina aqui, Alice?

– Você, ué. E pediu bem, a vitamina de banana daqui é uma delícia.

– E eu lá gosto de vitamina de banana? Coisa mais sem graça! Nós três pedimos milk-shake, Alice! Nada mais fácil do que trazer três milk-shakes. Qual é o seu problema, hein?

Alice olhou nos olhos de Duca com as veias saltando do pescoço, e resolveu responder a pergunta:

– Sabe qual é o meu problema, Duca? É que, em vez de aproveitar as minhas férias, eu estou aqui trabalhando para juntar dinheiro para estudar, porque minha mãe não tem grana para pagar o curso que eu quero fazer nos Estados Unidos.

– Ninguém está te obrigando a trabalhar, você que quis arrum...

– Shh! Ainda não acabei! – cortou Alice, alguns decibéis acima do necessário, já chamando a atenção das pessoas em volta. – Enquanto vocês estão voltando da praia, eu estou aqui há quatro horas, aturando gente chata, feia, mal-educada e pão-dura, incapaz de me dar uma gorjeta boa.

– Quem vai dar gorjeta boa pra você? Você é péssima garçonete, Alice!

– Ducaaa! – intervimos Nanda e eu.

– Ah, é isso mesmo. A Alice precisa ouvir umas verdades. Eu só falo a verdade, vocês sabem.

– Escuta aqui, Duca. Quem foi que te ajudou quando você estava com problema de prisão de ventre? Quem foi que botou supositório em você, hein?

– Eca! – reagi.
– Ecaaaa! – reagiu Nanda!
– Meninas, isso aqui é um restaurante! – gritou o menino do cabelo esquisito.
– Você botou supositório na Duca? Por quê? – perguntei, chocada.
– Porque eu tinha nojo. Nojo e medo. E a Alice foi supersolidária fazendo esse favor pra mim. Pronto, falei! Algum problema? – irritou-se Duca.
– Quem foi que convenceu o Mauro a ficar com você?
– Já entendi, Alice, vou calar a boca, não vou mais reclamar de nada, você é ótima garçonete. – Duca botou o rabo entre as pernas.
– Você ficou com o Mauro? Mauro Testão? – Nanda e eu perguntamos em coro. – Ecaaa!!!
– A testa dele é do tamanho da minha perna! – exagerei.
– Ah, para, gente! Eu queria saber se era verdade a história que ele tinha um dente de leite com 16 anos – rebateu Duca. – Não sei pra que trazer esse assunto à tona, Alice! Isso aconteceu há séculos, quase dois meses!
– Eu conheço o Mauro Testão. Ele é namorado da minha melhor amiga. Há seis meses eles estão juntos! – entrou na conversa a menina com cara de panela da mesa em frente, confirmando a tese que diz que o Rio de Janeiro tem só dezesseis pessoas.
– Sua amiga é chifruda, então, gata – respondeu Alice, sem se tocar da enorme baixaria em que estava se metendo.
– O Testão não chifrou a namorada. Eles estavam terminados nessa época! O Testão é gente boa! Mó gente boa! – gritou um garoto sentado no canto direito do salão.
– Testão, seu cachorro sem alma! Não acredito que você está aqui! Vocês não estavam terminados! A Isabela tinha só ido viajar com os pais no fim de semana! – reagiu a cara de panela. – Vou ligar pra ela agora.
– Gente, a conversa está ótima, mas, minha filha, dá pra trazer o cheeseburguer que eu pedi há meia hora? – berrou um senhor.
– Eu não sou sua filha! Odeio que me chamem de “minha filha” – resmungou Alice. – Não tô dizendo que o povo que vem aqui é mal-educado?
Enquanto Alice tirava o suor da testa com a bandeja apoiada na nossa mesa, aproximou-se um barrigudo careca e pediu que ela fosse com ele para sua sala. Droga. Todas nós ali já sabíamos o que iria acontecer.
– Antes de ser demitida, eu tenho uma coisinha pra dizer, Osvaldo – comentou Alice. Silêncio total no restaurante. – Eu sou uma menina legal, que só pensa no bem dos outros, que tem uma mãe que me cria sozinha e que não tem grana, mas que torce pra que eu realize meu sonho. Eu nunca trabalhei na vida,

esse é meu primeiro emprego. E, como está dando pra ver, eu não nasci pra servir mesas. Desculpa, todo mundo. Eu sou péssima, péssima. Eu só queria realizar meu sonho de conhecer os Estados Unidos e pagar a passagem e o curso com o meu dinheiro ia me dar o maior orgulho. Mas tudo bem. Vou tentar arranjar outro emprego. E vou conseguir, tenho certeza.

– Claro que vai, fofinha – gritou uma senhora de uns 70 e muitos anos.

– Valeu, vovó! – agradeceu Alice. – Eu sei que não tenho paciência, não tenho agilidade, não sei lidar com pessoas da maneira como achei que sabia. Ser garçonete é muito mais difícil do que eu pensava. E tudo o que eu queria hoje era atender bem vocês e as minhas amigas, minhas melhores amigas, pra depois ir correndo pra casa com elas pra ver o último capítulo de *Vale das tristezas*.

– Fala sério, Alice, não precisa dizer para o mundo que a gente vê aquele lixo! – briguei.

– O que é que tem? Novela mexicana tem seu valor e *Vale das tristezas* aproximou mais ainda a gente! Tudo o que eu queria era terminar rápido e ir pra casa com vocês, pra gente fazer pipoca e descobrir que a Malva Malabesco não é mãe do Porfírio Camacho e que, portanto, ele não é irmão da Elisa Mara Monteverde.

– Sério? Então os trigêmeos que ela espera não são fruto de um incesto?

– Não, Nanda, são filhos de um amor legítimo!

– A Malva Malabesco não é mãe do Porfírio Camacho? Estou passada! Como você sabe? – perguntou uma quarentona sentada perto da porta.

– Internet, minha senhora. Além disso, a Margarete Pucharo não é cega, nem usa perna mecânica. Ela mentia para as pessoas ficarem com pena dela e não desconfiarem que ela é a grande vilã que soltou os ratos no restaurante do irmão.

– Para demolir tudo e construir a clínica de estética Paraíso da Juventude Eterna? – sucumbi à curiosidade.

– Que vaca! – exclamou outra senhora, mostrando, para minha total surpresa, que mais pessoas, alem de nós, acompanhavam a lacrimejante trama mexicana.

– E o mordomo moçambicano? É mudo mesmo? – quis saber Duca.

– É, e foi ele que matou envenenado o Guadalberto Ferrara. Estava o tempo todo mancomunado com a Malva Malabesco.

– Meu Deus! – espantou-se a velhinha que primeiro se interessara por nosso diálogo novelesco.

– Muito bem, Alice, a conversa está ótima, mas vamos para minha sala agora – alterou-se o gerente.

Péssima garçonete que era, Alice deixou a bandeja na nossa mesa e sumiu com o chefe. Estávamos mal. Éramos, por conta da Duca, um pouco culpadas pelo carnaval que a lanchonete acabara de presenciar. Nossa amiga estava se sentindo a pior pessoa do mundo, incompetente, incapaz, infeliz, sem dinheiro para realizar seu sonho. Nosso silêncio consternado foi quebrado por Nanda.

– Será que o Guadalberto Ferrara morreu mesmo? Li que ele ia voltar no último capítulo para degolar a Malva Malabesco.

– Eu adoro a Malva Malabesco – comentou Duca.

– Aquela sobrancelha alta dela é demais! Supervilã! – concordei. – Não quero que ela morra.

Um bando de insensíveis, eu sei. Mas *Vale das tristezas* era realmente viciante. Um dramalhão com pessoas maquiadíssimas e roupas estranhíssimas que realmente uniu a gente todo dia em frente à TV. Cada dia na casa de uma de nós.

Alice voltou, já sem o uniforme. Sentou-se com a gente.

– Fui demitida.

– Ô, Alice... – consolei.

– Beleza, vou tentar emprego de recepcionista no salão de uma amiga da minha mãe. Vai ser bem mais fácil, só atender telefone e marcar os horários. Acho que disso eu vou dar conta.

– Claro que vai – apoiou Duca, botando sua mão sobre a de Alice. – Desculpa, tá?

– Não tem nada que pedir desculpa. Você odeia banana, eu esqueci. É que acabou o sorvete de morango.

– Eu pedi milk-shake de baunilha – corrigiu Duca, com um sorriso no rosto. – Mas tudo bem.

– Como foi a conversa?

– Chata. Mas, além da bronca, ganhei uma graninha, o que é ótimo.

– Que bom! Vamos pagar a conta e ir lá pra casa esperar *Vale das tristezas*?

– Não, Malu. Hoje sou eu que pago a conta. E a gente vai pra minha casa assistir ao último capítulo.

– Mas promete que não vai nem chegar perto da cozinha, tá? A gente serve as guloseimas – brincou Nanda.

Terminamos nossas bebidas e não reclamamos da batata frita que não veio. Nossa amiga fofa/péssima garçonete já tinha sofrido o bastante naquela tarde. O problema é que ia sofrer mais ainda depois, no lacrimoso fim da nossa novela mexicana preferida.

Três dias depois, Alice conseguiu emprego de recepcionista no tal salão de beleza. Além disso, passou a dar aulas de português para uma galera mais nova.

Tudo deu certo e em julho ela embarcou para os EUA para, enfim, e com sua grana (e uma ajuda grande e inesperada dos avós), realizar seu sonho.

Ex-melhor amiga

Tem uma fase da nossa vida em que a gente acha que todo mundo é melhor amigo. É só entrar num site qualquer de relacionamento que lemos coisas do tipo:

“Eu te amoooo, Tê! Você é uma pessoa muito especial, que me entende, me ajuda quando eu preciso, me dá carinho, me faz rir. Você é tudo pra mim. Minha melhor amiga. Obrigada por existir! Mesmo te conhecendo há três dias, e só pela internet, parece que te conheço há uma eternidade. Ass.: Ju.”

Hoje acho graça, mas confesso que já fui assim. Assim, não. Quase assim. Nunca virei amiga de verdade de gente que eu conheci na web, mas bastava conhecer uma pessoa para lhe contar meus segredos mais íntimos, trocar experiências, conversar sobre tudo, dizer eu te amo a torto e a direito... Foi assim com a Liliana, uma loirinha que era do meu curso de astronomia. Sim, eu achei legal passar um tempo da minha vida estudando as estrelas, a Lua, o céu...

Passava as noites olhando para cima, para tentar achar e identificar constelações e quem, sabe, ter a sorte de ver uma estrela cadente que, eu aprendi, não é uma estrela. Na verdade, são meteoroides que entram na atmosfera terrestre e sofrem um intenso atrito com o ar que envolve nosso planeta. O aquecimento gerado por esse atrito faz com que os meteoros peguem fogo. Com isso, ocorre a emissão de luz própria, permitindo que eles possam ser vistos, e isso dá a impressão de que tem uma estrela caindo do céu. Daí o nome estrela cadente. Arrááá! Malu também é cultura!

Eu me interessei pelo assunto depois que vi uma matéria sobre os maiores planetários do mundo num programa de tevê. Achei o máximo e me matriculei num curso de astronomia. Lá, conheci Lili, a única menina de uma turma formada por mais três pessoas: o Josias, de uns 18 anos, o Zé, que era DJ e adorava as estrelas, e o Dario, que era filho de astrônomo.

Eu e Lili ficamos grudadas. Duca, Alice, Nanda, Helô e Bené até ficaram com ciúmes. Mas não tinha jeito, em um mês de curso, Lili já tinha se tornado minha nova melhor amiga. Fazíamos tudo juntas. Íamos à lanchonete, ao cinema, estudávamos as estrelas... E decidimos fazer uma viagem de dois dias para um acampamento nas montanhas do Chile para ver uma chuva de meteoros prevista para julho do próximo ano. Era outubro, mas nós estávamos tão empolgadas que resolvemos comprar logo.

– Mãe, por favor, faz uma vaquinha com o papai e me dá essa passagem! Eu vou ver uma chuva de meteoros! Vou conseguir estudá-los, vou entender melhor quando ler nos livros. Deixa, vai!

– Maria de Lourdes, eu vou conversar com seu pai. Por um lado, eu acho idiota você querer ir lá pra longe só pra ver um bando de meteoros, por outro, estou orgulhosa. É a primeira vez que você me pede para ir a um lugar para aprimorar seus conhecimentos, para estudar.

Meu pai também achou legal a ideia, e eles dividiram as despesas.

Aquela viagem certamente ficaria nas nossas memórias para sempre. Conheceríamos pessoas novas, viveríamos incríveis aventuras, visitaríamos um país novo, veríamos neve pela primeira vez e ainda assistiríamos de camarote a uma chuva de meteoros. Juntas! Como duas irmãs! Era muito bom pra ser verdade!

– Vai ser a viagem da nossa vida, Malu!

– Eu sei, Lili! Já pensou nós duas, sem ninguém pra encher nosso saco, no Chile?

Em uma semana estávamos com tudo agendado e comprado: passagem, hospedagem e aluguel de telescópios no tal acampamento.

Passaram-se dois meses e meu interesse por astronomia sumiu em meio à Via Láctea, virou poeira de estrela. Passei a achar uma perda de tempo o estudo dos astros. Tô nem aí pra Saturno! Tô nem aí para os buracos negros! Danem-se as estrelas! Como é que pode ter alguém que goste disso?, desesperei-me no dia em que decidi parar.

Saí do curso e Lili ficou. Resultado: a gente acabou se afastando.

Naturalmente, sem mau humor, sem estresse, sem culpa. Simplesmente os telefonemas diminuíram, as confidências idem. Às vezes nos esbarrávamos na rua, nos cumprimentávamos, nos abraçávamos, falávamos da vida, fazíamos festa, mas nada comparado aos três meses de amizade intensa que vivemos enquanto tínhamos os astros e as estrelas em comum.

Não era exagero: agora, Lili era minha ex-melhor amiga.

– Isso não existe, Maria de Lourdes!

– Claro que existe, mãe! A gente mal se fala agora.

– Você vivia pra cima e pra baixo com essa menina!

– Eu sei!

– O que foi que aconteceu?

– Não sei! A gente tinha a astronomia em comum. Eu saí do curso e nossa amizade começou a ficar morna. Amornou tanto que esfriou geral. Por isso não vai dar mais para viajar com ela!

– Como... como é que é, Maria de Lourdes? Repete isso, Maria de Lourdes!

Uuups! Mamãe parecia brava. Bem brava. Ela não tinha gostado de ouvir aquilo, mas eu precisava repetir:

– Eu não posso mais viajar com a Liliana.

– Ah, você pode viajar com a Liliana sim, senhora! A senhora vai viajar com a Liliana e sabe por quê, Maria de Lourdes? Porque eu e seu pai ainda estamos pagando essa bendita dessa viagem, Maria de Lourdes!

– Pede para eles devolverem o dinheiro!

– Acorda, Maria de Lourdes! Eles nunca vão devolver meu dinheiro, Maria de Lourdes! Eu e seu pai teríamos prejuízo se isso acontecesse, Maria de Lourdes. Pagamos em dez vezes essa porcaria dessa viagem, Maria de Lourdes! Dez vezes! *Você tem que ir*!

– Não quero, não tem mais clima para viajar com a Lili, vamos trocar a passagem, mãe, por favor!

– Que trocar a passagem, o quê? Tá maluca? Isso não é assim, não!

– Mãe, eu não tenho mais a menorrrr intimidade com a Liliana, como é que eu vou ficar num acampamento com ela? Sobre o que eu vou conversar? Eu nem gosto mais de astronomia! Vai ser um saco!

– Pensasse nisso antes de me pedir a passagem.

– Mãe, como é que eu ia saber que a minha amizade com ela não ia durar?

– Não sei, Maria de Lourdes, sei que você vai! Não estou nem um pouco preocupada com a sua ex-amizade com essa garota.

– Mas não é só ela. Eu não estou com a menor vontade de passar frio, muito menos de ver chuva de meteoro! Não ligo mais pra isso!

– Ah, Maria de Lourdes, como você é chatinha! Você vai, está decidido. Brigou com a menina, faz as pazes agora.

– Eu não briguei com ela! A gente só...

– Não quero saber, Maria de Lourdes! A viagem vai ser rápida, não vai dar tempo nem de você achá-la ruim. Agora vem comigo ao supermercado, preciso comprar umas coisas.

E assim ficou decidido. Os meses passavam, a viagem se aproximava e eu começava a admitir que ninguém tinha culpa de nada. Foi um fim de amizade amigável, afinal de contas.

Chegou julho. Um frio cão no Rio, imagina no Chile! Nas montanhas nevadas do Chile! Logo eu, que qualquer friozinho é pretexto para eu virar um pacote de casacos.

A minha mãe ligou pra mãe da Liliana e combinou tudo com ela. Quem nos levaria ao aeroporto, a que horas, quem nos buscaria etc.

– Oi, Lili. Tudo bem? – disse, ao vê-la no aeroporto.

– Oi, Malu. Tudo bem, e você?

– Tudo ótimo.

Ficamos mudas depois dessa supersaudação. Nossas mães nos deram beijo e partiram para casa logo após nosso check-in. Depois de infindáveis dez minutos, Lili disse:

– Quanto tempo...

– Ô...

– Você não mudou nada.

– Você também não, continua igualzinha...

– Que coisa, né?

– Que coisa, menina...

– Olha só...

– Olha só...

Muitos, muitos minutos infindáveis sem proferir uma palavra sequer e...

– Tá com fome? – perguntei.

– Tô não. Cê tá?

– Não, mas se você tivesse, eu até comeria alguma coisa...

– Ah, tá...

Paramos numa livraria e abastecemos nossas mochilas com revistas de fofocas. Comprei também um livro bem grosso, para passar o tempo com a cara enfiada nele. Quando embarcamos, antes de o avião decolar, ainda tentei puxar um assunto do interesse dela:

– E as estrelas, como é que estão?

– Estão bem... Eu acho – respondeu ela, com cara de quem achou a pergunta um tanto estranha.

Também, vamos combinar, era a pergunta mais ridícula já feita dentro de um avião.

Chegamos ao Chile à meia-noite. Um cara segurando uma placa com o nosso nome nos esperava no aeroporto de Santiago. Levaríamos seis horas e meia (eu disse seis horas e meia!!!) numa van até nosso destino, o tal acampamento nas montanhas nevadas.

Ao chegarmos lá, era neve para todo lado. Bonitaço. O dia estava amanhecendo e o frio era enorme – saía muita fumacinha da boca. Éramos as únicas mulheres no local. O resto, um bando de nerds de vários países da América Latina.

Lembrei de Liliana nos tempos em que éramos melhores amigas:

– Vai ser a viagem da nossa vida.

Estava achando aquela viagem uma porcaria, odeio frio. Mas, de repente, começou a nevar. Eu nunca tinha visto nada parecido.

– Nossa, que lindo! Que sonho! Primeira vez que eu vejo neve, Malu! – revelou Lili, divertindo-se como criança diante de um brinquedo novo.

Achei fofa a cena e, apesar do frio, fui pra baixo da neve com ela. E rodamos, e brincamos, e pulamos, e cantamos músicas bregas, e sorrimos, e jogamos neve uma na outra. Apesar do frio, o clima entre nós duas começou a ficar quentinho de novo. Como nos velhos tempos.

Na nossa cabana, quando não estávamos dormindo, passávamos o tempo conversando e lendo sobre meteoros e afins. A Lili estava superinteressada, me ensinou várias coisas bacanas sobre os astros. Chegou a noite e nós nos posicionamos em frente ao telescópio quando o cara responsável pelo acampamento avisou que faltava cinco minutos para o acontecimento.

Começou a chuva de meteoros. Foi lindo! Uma das coisas mais lindas que já vi! Eram tantos meteoros, tão mágico, incrível com e sem telescópio. Imagina um céu limpinho lotado de estrelas cadentes. Foi isso que eu vi no Chile. Nem consegui pensar no frio. Era tudo tão embasbacante que não conseguíamos olhar para outra coisa a não ser o céu. Lili me deu a mão, emocionada. E assistimos ao espetáculo assim, de mãos dadas e com sorrisos bobos no rosto.

Voltamos à nossa cabana e passamos a noite conversando sobre o que tínhamos visto, sobre o universo, o começo de tudo, o big-bang, os dinossauros, a evolução do homem... Nossa, fomos dormir quase de manhã, quando vieram buscar a gente para voltar para casa.

Acabou sendo uma ótima viagem. A Lili, definitivamente, não era e nem seria minha melhor amiga, nunca chegaria ao posto de uma Alice, por exemplo. Mas podia ser considerada uma amiga, uma boa amiga, sem dúvida. Amiga daquelas que a gente pode passar meses sem falar que, quando encontra, parece que viu ontem.

Lili estava certa: foi a viagem da minha vida. E que bom que foi com ela.

Ex-melhor amiga 2

Desde que a Sara entrou para a minha escola, percebi que ela não queria só se aproximar, queria ficar amiga. Não a culpo. Quem não gostaria de ficar perto desse meu incrível charme, imenso carisma, extraordinária fofura e nenhuma modéstia? Sara era uma querida. Divertida, espirituosa, inteligente, fofa mesmo. Acabamos nos tornando amigas e um dia levei-a lá em casa para fazer um trabalho de história.

Mamãe adorou a Sara. Mamá adorou a Sara. E até Malena adorou a Sara (logo ela, que sempre implicava com todo mundo). Sara ficou para jantar e, entre uma garfada e outra, conquistou a família inteira. Até meu pai, que, já separado da minha mãe, apareceu aquela noite para "filar um rango", encantou-se com seu jeito alegre e extrovertido de ser.

Sara era ótima, Sara era nota dez, mas Sara era apenas isso. Com a convivência, logo percebi que ela não tinha potencial de se tornar uma amigaça na minha vida. Não sei explicar por quê, sei que Sara e eu fomos nos distanciando, distanciando...

Era domingo, e eu e meus irmãos fomos almoçar com o papai numa churrascaria.

– Por que você não trouxe a Sara? – perguntou meu pai.

– Por que eu traria a Sara? – perguntei de volta.

– Porque ela é muito bacana, filha! Todo mundo gosta dela – respondeu.

– A Malu não gosta mais dela – disse Malena, emburrada.

– A Malu é uma chata. A melhor amiga que ela arrumou em anos agora não existe mais – completou Mamá.

– Como é que é? Você não é mais amiga da Sara? – espantou-se meu pai.

– Não. A Malu não sabe manter uma amizade boa, só gosta de porcaria, de maus elementos – reagiu minha irmã caçula.

– Malena! Deixa de ser mamãe! – briguei.

– Terminou com ela do nada, sem motivo nenhum, pai. Foi horrível – contou Mamá.

– Eu não terminei com ela, tá maluco? Eu não era namorada dela! A gente só não se fala mais como antes.

– Então por que não aproveitou nosso almoço para tentar uma reaproximação? – tentou meu pai.

– Porque eu não quero me reaproximar da Sara, ué, tá bom assim.

– Posso ligar pra ela e chamar, quer? Assim não fica constrangedor pra você.

– Você não ouviu o que eu disse, pai? Eu tô bem sem a Sara, adoro ficar só com a minha família querida. E aí, vamos pedir o que de sobremesa? Já estou pensando nos doces, nham, nham...

Desconforto geral na mesa. Fraldinhas e picanhas intocadas enquanto minha família mastigava a notícia, a terrível notícia, de que eu e Sara não éramos mais grudadas.

– Vocês... vocês não são mais amigas? Acabou geral? É isso, filha? Você dispensou a Sara da sua rodinha de amigas? Coitada, ela deve ter sofrido tanto...

– Pai, a gente é amiga, a gente só não é mais colada como a gente era.

– Burra! – xingou Malena. – Ela foi a amiga mais legal que você já teve.

– A mais bonita também – suspirou Mamá.

– E a mais inteligente. Além de torcer para o Fluzão, ela gostava de futebol, discutia comigo de igual para igual, a menina era fera.

– Pai, ela viu um jogo de futebol com você. Um jogo! E só os quinze minutos finais do segundo tempo!

– Mas deu pra ver que ela era das minhas. Sabia de cor a escalação do time, até os reservas. Ai, Malu, que perda horrível pra você...

– Perda? Fala sério, pai!

– Você deve estar sofrendo... – comentou, triste. – Papai está aqui pra o que der e vier, tá? Se quiser chorar, conversar, usa o ombro do papai, amizade é muito importante, não pode acabar assim.

– Não acabou! Nem começou! Gente! Alou! Não sei por que vocês gostaram tanto da Sara! Posso ter o direito de escolher minhas amigas?

Não obtive resposta. A tristeza havia se instalado naquela churrascaria barulhenta. Cada um olhando para um lado, cada um com suas lembranças de Sara, a amiga que nunca fora tão amiga assim. Parecia que estávamos num velório.

– Como é que você faz uma coisa dessas, Malu? – perguntou Malena, lágrimas nos olhos. – Ela fazia escova no meu cabelo sempre que ia lá em casa.

– Ela foi lá em casa três vezes. E só em uma ela fez escova em você! – reagi, indignada.

– Ela era gata e estava a fim de me ensinar a pegar onda, acho que ela me dava o maior mole.

– Não viaja, Mário Márcio! Ela te achava um pirralho!

– Vocês pelo menos conversaram para ver o que estava desgastando a amizade? – indagou meu pai.

– Que nada, pai. A Malu fez como o pior dos namorados: simplesmente parou de ligar pra Sara. Agiu como homem.

– Agora você me ofendeu, Malena! Homem é tudo o que eu não sou.

– Mas agiu como homem com a coitada da Sara! – rebelou-se Mamá.

– Eu não era namorada dela! Ela era minha amiga! A-mi-ga!

– Sua melhor amiga, filha.

– Pai, ela não era minha melhor amiga, nunca foi. Gente, mil desculpas se ofendi vocês não levando adiante a amizade com a Sara... Mas, como é que eu vou explicar... ela era tudo de bom, mas não era pra mim.

– Mas, minha filha...

– A culpa não foi dela, foi minha... – Sim, eu disse essa frase ridícula.

– Mas pode ter volta. Não pode? – quis saber Malena, com o olhar cheio de esperança.

– Não, gente, amizade não é assim. Às vezes a pessoa tem tudo para ser sua amigona, mas falta alguma coisa. No caso da Sara, nem sei dizer o que falta, só não bateu, não deu o clique que dá nas grandes amizades. Continuo gostando dela, só não tenho mais vontade de dividir meus segredos com ela, de ir à praia com ela, de ficar sem fazer nada com ela... Desculpa, mas eu sou assim. Amizade, para mim, é assim.

Os três me olhavam estupefatos. Pareciam, enfim, entender que aquela amiga fora passageira, como tantas que passam pela nossa vida.

– Você está certa, minha filha. Amigo é coisa séria. A gente conta nos dedos os amigos verdadeiros – discursou meu pai.

Ufa! Ele tinha entendido, não estava mais magoado. Que alívio!

Mas quando botava um pedaço de picanha na boca, ouvi um último desabafo paterno:

– Mas que a Sara vai fazer falta, ah, isso vai. Ô, menina bacana!

Namorado X Amiga

A Alice é minha amiga desde sempre. A gente se conhece tanto que só pelo olhar já sei o que ela está pensando e vice-versa. Ela é fofa, sincera, engraçada. E rabugenta, e implicante, e meio impaciente. E egoísta às vezes, metidinha outras tantas e fofoqueira quase sempre. Adoro essa menina. Ela sempre foi e sempre será minha amiga alma gêmea.

Quando eu estava saindo com o Otávio, a Alice namorava o Théo, um menino de cachos dourados, olhos verdes e nariz achatado que era o retrato do namorado boa gente. Pontual (três vivas pra ele), romântico do tipo que dá flores (mais onze vivas pra ele!), fazia poesia pra ela (54 vivas pra ele), andava de skate melhor do que ninguém e ensinava pra ela (78 vivas para o fofo e não se fala mais nisso). Depois dessa descrição, não há como duvidar: eu a-do-ra-va o Théo. Mesmo quando estava sozinha, amava sair com os dois, não me sentia deslocada, nem empatando nada. Os dois formavam o casal mais cúti-cúti do planeta.

Com tantos atributos, assim que comecei a ficar com o Otávio quis apresentar o casal nota mil para meu ficante-quase-namorado nota mil. Eu tinha certeza de que eles iam se dar superbem e nós formaríamos o quarteto mais unido que a Cidade Maravilhosa já viu.

Chamei os dois para ver um filme lá em casa.

– Otaviozito, esse é o Théo e essa é a Alice. Ai, gente, tô tão feliz! Esse é o primeiro de váááários encontros que a gente vai ter, né, meu mô?

– Claro, Malu. Seus amigos são meus amigos. Chega mais, gente! – Foi fofíssimo o meu Otaviozitozinho.

Caprichei na pipoca light de micro-ondas e no mate geladíssimo. Fechei as cortinas, me aninhei com o Otavuco, Alice com Théo, e começamos nossa sessão caseira. Era um filme romantiquinho, com direito a choro no final e beijos melosos do casal protagonista. Ao fim da exibição...

– Mulher é tudo igual, né? Elas choram com qualquer bobagem – comentou Théo com meu Tavito.

– Pior é quando elas enxugam as lágrimas na nossa camiseta, aí sim, é caído – retrucou Otavião, cheio de humor.

Eu e Alice, vendo o superentrosamento de nossas caras-metades, apenas nos olhamos e demos um sorriso cúmplice, sorriso de “foi, não tem mais volta, viraram melhores amigos de infância, que nem a gente. Oba!”.

Depois, resolvemos ir para a lanchonete e os dois estavam super-super. Falaram de futebol, de surfe, de skate, de futebol, de surfe e de skate. E de futebol de novo. A conversa ali não tinha hora para acabar, os dois pareciam unha e carne, velhos amigos, parceiraços. Alice e eu estávamos à vontade, papeamos, rimos, fizemos piadas, implicamos com eles... Enfim, uma grande família. Que delícia de tarde! Que delícia de vida!

– Ai, que bom que você gostou do Théo e da Alice, Otáviiiio! Tô tão feliz! Já podemos pensar no que vamos fazer da próxima vez, né? Quem sabe um cinema? Ou você acha melhor marcar aqui em casa de novo? – quis saber do meu ficante-praticamente-namorado, assim que meu casal favorito foi embora.

– Próxima vez? Não vai ter próxima vez, né, Malu? Pirou?

Foi como se mil carros buzinassem ao mesmo tempo nas ruas do meu cérebro.

– Ué, não tô entendendo... A gente se divertiu tanto, eles são tão a nossa cara...

– A *nossa* cara? Só se for a sua cara, Malu. O cara é um mala, sem assunto, repetitivo, demora cinquenta minutos para contar uma história que poderia contar em cinco e se acha inteligente, mas é burro.

Estava chocada. Meu mundo caíra, meus planos perfeitos de um quarteto fantástico flanando pelo Rio tinham virado fumacinha. Que tragédia! E eu que achei que estava indo tudo tão bem...

– E a Alice? Da Alice você gostou, né? Ela é ótima! E, ó, daqui a pouco ela termina com o Théo, ela nunca fica muito tempo namorando, aí a gente pode sair de novo. Só com ela.

– Só com ela? Você quer me torturar, é isso? A Alice é a garota mais chata que eu já conheci. Arrogante, se acha engraçada, gesticula mais do que deveria e fala alto. Pô, ela é surda? Não vê que eu tô do lado dela? Pra que berrar? Na boa, não sei como é que você aguenta essa menina.

Meu sangue ferveu. Otávio não mediu palavras para descrever minha melhor amiga. Como é que alguém não gosta da Alice?, pensei.

– Ah! E ela fala pegando. Não suporto pessoas que falam pegando, parece que sabem que a conversa está chata e pegam na gente o tempo todo pra garantir que a gente não vai fugir.

É, a Alice sempre teve mania de falar pegando nos interlocutores. Mas eu já estava acostumada, isso não me irritava nadinha. Gostava da Alice do jeito que ela era. Minha amiga, minha confidente, minha irmã. Além do mais, ninguém é perfeito.

Que problema delicado de resolver! Meu quase-namorado odiava minha melhor amiga. O que fazer nessa situação?

– Pode ter sido só uma primeira impressão, dá mais uma chance pra ela, você vai ver como ela é especial.

– Nem por um milhão de dólares eu sairia com essa garota de novo.

Uau! Um milhão de dólares... É muito dinheiro.

Resignada, fiquei mais um pouquinho com o Otávio lá em casa, mas com a cabeça no problema que ele tinha me arrumado. Como é que eu ia fazer? Se a gente parasse de sair com a Alice, ela ia notar algo estranho no ar. Não tinha outro jeito.

– Como é que alguém me odeia? – cobrou Alice, do outro lado do telefone.

– Também não sei, flor, mas ele odiou você. E o Théo.

– O que ele disse de mim?

– Que você berra em vez de falar.

– EU FALO ALTO, MESMO, MAS NÃO É DE PROPÓSITO, É EMPOLGAÇÃO, NÃO É PRA IRRITAR NINGUÉM! – berrou Alice, me fazendo tirar o fone do ouvido. – Que mais?

– Ah, disse um monte de coisas de você e do Théo, achou ele burro.

– O quê?! E pensar que eu e ele gostamos tanto do Otávio... Que palhaço...

– Ô, amiga, eu sei... Desculpa...

– Desculpa nada... A culpa é sua de namorar um boçal que não percebe que o Théo é um poeta. Um poeta, tá?

– Ele rima angústia com pelúcia, Alice. E no meio ainda escreveu que uma tal de Lúcia ia te levar pra Rússia. Isso não é exatamente poesia.

– Ah é? E o que dizer de "Meu coração era um chiqueiro/sem você eu era um presepeiro/mas agora estou num cativeiro, cativeiro sem bueiro, cativeiro do seu amor". Se isso não é poesia é o quê?

– Fala sério, Alice, deixa de show, você nem sabia o que era presepeiro, lembra?

– Pois é, o cara é tão inteligente que ainda enriquece meu vocabulário. Burro é o Otávio, que acha meu Theozinho burro. Burro é a p...

– Alice, eu entendo sua raiva... Mas, olha, esse lance com o Otávio... não quer dizer que a gente vá deixar de se ver... Eu te amo, cê sabe.

– Claro que a gente vai deixar de se ver, esse ridículo vai te tirar de mim. A gente vai acabar se distanciando, Malu...

– Não, isso nunca vai acontecer.

– Tá bom. Amanhã a gente se fala na escola. Beijo.

No dia seguinte, Alice, com a fisionomia mais triste do mundo, como se sua casa tivesse sido arrastada por um maremoto, olheiras profundas e cabelo desgrenhado, como se mal tivesse dormido, se aproximou de mim no recreio com uma folha de papel na mão. Nela se lia:

“A vida da gente é sem vaidade
O que nos importa é a bondade, a verdade, a sinceridade.
Sem essa de inutilidade, permissividade, superficialidade.
O que queremos é lealdade, amizade
Amizade pura como a flor
Flor cheia de olor
Olor que perfuma a vida
Mesmo quando ela está entupida
De inveja, rancor e maldade
De gente que sem piedade
Machuca o outro e causa ferida
Ass.: Théo, o burro”

Quase morri. Ele era mesmo uma tragédia como poeta. Mas deu pra entender perfeitamente que tinha ficado bem magoado com o Otávio (Alice certamente já lhe contara tudo). Que climão pesadão tomou conta de meu angustiado coração, que rochedo pesado, que macaco dourado. Nossa! Também sou péssima de rima.

Voltemos ao caso.

Os dias se passaram e, como Alice previra, nos separamos um pouco, embora eu ligasse para ela várias vezes por dia, tentando manter firme nossa amizade.

Comecei a sentir falta da alegria daquela menina que eu conhecia desde pirralha. Eu e ela éramos tão grudadas e agora estávamos tão mais ou menos... Fiquei pensando no tamanho do meu amor pelo Zé Otávio, no tamanho do meu amor pela Alice. Namorados vêm e vão, amigas ficam, era a frase da minha vida quando eu tinha 16 anos. Enquanto eu questionava tanta coisa acontecendo, Otávio, na fila do cinema num dia nublado, disse o que não devia ter dito:

– Que vidão, hein, amor? Você nem fala mais na tal da Alice e naquele namorado otário dela. Olha como a vida fica melhor sem eles.

Para mim era justamente o contrário, como a vida ficava ruim sem ela. Para completar, ele arrematou:

– Sabe que depois de conhecer a Alice fiquei pensando em você, Malu? Se você gosta tanto dela, normal você não deve ser, né? – comentou em tom de

brincadeira, mas me ferindo de verdade.

Nem respondi a gracinha. Ali mesmo, na fila, tudo o que eu tinha idealizado sobre o Otávio acabou. Ele não era nada do que eu pensava, eu só achava que estava apaixonada, mas o cara não merecia nem um décimo do meu amor. Meus amigos são minha família e se o Otávio não gostava deles, que tivesse a elegância de se retirar da minha vida, que corria muito bem sem ele.

Saí andando, sem dar uma palavra. Ele foi atrás de mim, tentou fazer um showzinho, mas eu nem dei bola, segui caminhando com um sorriso nos lábios. O meu rumo? A casa da minha melhor amiga, claro. Amiga de hoje e de sempre. Alice.

17 anos

Namorado de amiga I

É um saco não gostar de namorado de amiga. Fica um clima esquisito, uma energia estranha, é sempre difícil disfarçar quando você não gosta de alguém. Pelo menos pra mim, que sou transparente como o mar de Fernando de Noronha, é tarefa árdua enganar uma pessoa e mostrar que estou feliz na sua companhia.

Era assim com o Edu, o namorado de 20 anos que a Nanda, do alto dos seus 17, arrumou e se sentiu a menina mais madura, mais inteligente, mais gostosa, mais invejada, mais esperta, mais resolvida, a mais-mais do pedaço. Por pouco, ela não virou a mais chata. Edu, o namorado em questão, além de fazer faculdade de filosofia se autodenominava artista plástico. Só porque fazia uns troços (que ele chamava de esculturas, ó, coitado) com tampinhas de cerveja e vendia por aí.

Tudo gerava um discurso inflamado dele. Tudo.

– Hum... Não sei se tomo um suco de laranja-lima ou de morango com tangerina.

– Malu, Malu... Olha a indecisão, menininha... – disse, mencionando o irritante apelido diminutivo que ele usava para se referir a mim e a todas as amigas da Nanda. – Tomar ou não tomar? Ser ou não ser, eis a questão. A dúvida é, sem dúvida, um dos piores males da humanidade, da vida na Terra, dos angustiados e dos angustiantes. Hamlet vivia conturbado em meio às dúvidas que assolavam sua mente, Nietzsche, apesar de ser um monstro da filosofia, estava eternamente afogado em dúvidas. Dúvidas, dádivas, dívidas, dividendos... Palavras que pouco se assemelham, mas que têm muito em comum. E palavras, vamos e venhamos, são só palavras, mas nem sempre são só palavras, às vezes o que importa é o conteúdo delas, outras vezes, a forma, o formato, a fôrma.

– Perdi a sede, vou pra casa. Vejo vocês mais tarde – reagi, sem saco de ouvir outro discurso absurdo quando decidisse entre o sanduíche de peito de peru e o de filé com queijo.

Um dia, Edu, por um desses mistérios da vida, foi convidado para expor numa galeria junto a outros novos artistas. Nanda nos chamou.

– Vamos, gente. Vai ser o máximo. Os outros artistas são como o Edu, a arte deles é transgressora e transborda conceito.

Pausa. Que frase era aquela? O que é transbordar conceito? Por que a Nanda estava falando daquele jeito? A minha amiga tinha sido abduzida para o mundo do artista-plástico-experimental-conceitual-e-não-compreendido! Não! Aquela não era a minha Nanda!

– O *vernissage* está marcado para as oito e quarenta e dois da noite, um horário orgânico, visceral, que quebra paradigmas – encerrou o convite e me deixou, ao lado da Alice e da Duca, boquiaberta e morta de vontade de rir escancaradamente.

Às oito e quarenta e dois (o popular vinte pras nove), Alice, Duca, Bené, Helô e eu estávamos lá, curiosas para ver o que Edu tinha preparado para a tal exposição. Nanda disse que ele mal dormiu nos dias que antecederam a inauguração da mostra. Estava tenso, comendo as unhas. Sua obra seria vista, admirada, endeusada e, enfim, reconhecida pelos grandes nomes das artes plásticas, o casal acreditava.

Depois de passarmos por uma foto gigante que retratava uma folha de capim, por uma instalação com sacos plásticos, uma tela branca com um ponto vermelho no meio e uma abóbora com uma faca espetada, chegamos à... hum... obra do... hum... artista plástico Edu.

Uma bosta. Não no sentido figurado. Aos meus olhos, aquilo era sem sombra de dúvidas um monte de bosta feito de tampinhas de cerveja. Olhei para as meninas, elas olharam para mim. Sérias, esperávamos, em pânico, a pergunta que não tardou em chegar:

– E aí, gente? Que tal? – quis saber Nanda. – É ou não é talentoso o meu Edu?

Glup! Mil vezes glup! Ele era tudo, menos talentoso! Edu era uma Farsa, com F maiúsculo, mesmo. Se um dia ficasse famoso e ganhasse dinheiro com aquilo, eu não acreditaria mais em nada nesse mundo injusto. Fiquei quieta. Não consegui dizer nada. Enquanto pensava nas melhores palavras para dar meu parecer sobre a... obra de arte, Duca disse a melhor e mais sucinta (e também a mais sincera) frase da noite:

– Não tenho palavras para descrever seu trabalho.

– Valeu, menininha – retrucou o “artista”, emocionado.

– Tudo de bom – mentiu Helô.

– Tudo de bom, que bonitinho, menininha. Valeu. – Riu o “artista”.

– Só tenho uma coisa pra dizer: uau! U-au! – exclamou a falsa da Bené.

– Uau! Isso é um elogio. Boa, menininha. – O artista, humildemente, agradece.

Era a vez de Alice dar seu parecer:

– Você é muito talentoso, viu? Sua obra passa uma energia impressionante.

Sem piscar e coçando inquieto a barbicha rala, Edu parecia querer entrar num diálogo artístico com minha amiga:

– Você acha, é? Energia... Energia é um conceito tão amplo... Que tipo de energia você acha que meu trabalho passa? Isso muito me interessa.

Tadinha da Alice! Ele estava com uma cara indecifrável. Não dava para dizer se ele ficara feliz ou triste, encantado ou decepcionado, alegre ou frustrado com o comentário dela. Resolvi intervir, com toda a minha lábia:

– Olha, modéstia à parte, eu entendo um pouquinho de arte. Meus pais são jornalistas e já me levaram a vários museus e a exposições do Hélio Oiticica, da Lygia Clark, do Rubens Gerchman, do Carlos Vergara... Por isso, posso afirmar com convicção que seu trabalho transmite um vigor inédito, uma paz inatingível, uma alegria intensa, enfim, é uma coisa linda de ver. E de sentir, claro.

Alice me olhou de olhos arregalados, como se perguntasse de onde eu tirara todas aquelas palavras loucas. Eu sempre fui boa enroladora em provas, mas num diálogo com um cara que se achava artista plástico era a primeira vez. E se valesse nota eu certamente tiraria dez, nota dez. Afinal, que artista não gostaria de ouvir um discurso entendido e bem embasado daqueles? Tirando a parte das exposições e dos museus, era tudo mentira. E eu menti muito bem! Palmas pra mim!, comemorei internamente.

– Sério que você acha isso tudo, Malu? Alegria foi a última coisa que eu quis passar quando criei essa escultura – começou o chato. Logo percebi que eu tinha tirado zero na minha embromação artística. – O que eu quis propor foi uma coisa muito mais simples, uma reflexão sobre os valores deturpados de hoje em dia, compreende? Um diálogo sobre as consequências do tsunami cultural em que a gente vive, compreende? Sobre o aquecimento global, a vida dos notívagos do subúrbio, compreende? E, claro, tem a crítica às sepulturas de gosto duvidoso. Cemitério é péssimo! Não tem arte, não tem alegria. Podia ser muito mais interessante, muito mais orgânico, muito mais vida, compreende?

Para minha surpresa, Nanda se meteu na conversa, entusiasmada.

– Concordo com você, amor. Cemitérios são muito bregas.

Meu Deus! O amor é cego messssmo!

– E aquelas lápides com foto? Quer coisa pior? Meu trabalho está aí pra isso, menininhas. Pra propor um debate sobre a vida e a morte. E, claro, sobre as pessoas fracas de cabeça, sobre o Garrincha em ação e sobre o outono em Brás de Pina, porque meu bisavô é de Brás de Pina e eu quis homenagear as minhas

raízes. É muita coisa, compreendem? É um trabalho muito intenso, mas também muito simples, muito chão.

O que dizer diante de uma explicação dessas?

– Nossa, mil desculpas, eu não entendi nada, então... – admiti.

– Nem eu. Tô até envergonhada – emendou Alice.

– Relaxem, menininhas. Minha obra é mesmo difícil de ser compreendida, não é para qualquer um.

Tóin! O martelo de brinquedo bateu forte na minha cabeça. O cara nos chamou de antas, sem dó nem piedade. Eu não era capaz de compreender, compreende?, seu talento incrível, sua obra de arte sensacional e inatingível para os leigos.

Só aguentamos passar mais uns vinte minutos na mostra. Quando fomos nos despedir, mais liçãozinha.

– Menininhas, arte é uma questão de ângulo, de ponto de vista. A verdadeira arte é aquela que instiga, que gera interpretações que nem o artista que a criou compreende, compreendem? Um dia a maturidade vai chegar pra vocês e, aí, sim, vocês vão entender o que eu estou falando.

Fui pra casa com minhas amigas, louca de raiva do artista de araque por quem nossa amiga estava encantada.

– Ele é péssimo! – constatou Duca, assim que entramos no táxi.

– Eu odeio esse cara – verbalizou Alice.

– Todo mundo odeia esse cara – disse Helô.

– Ninguém odeia mais do que eu. Que cara metido! – desabafei.

No dia seguinte, na escola, não aguentei:

– É metido o Edu, hein, Nanda?

– Meu Edu não é metido. Ele é um gênio, e os gênios são sempre incompreendidos.

– Ele é o gênio da chatice, isso sim! Ai, desculpa, Nanda, eu não vou aguentar mais sair com ele.

– Por quê? Só por causa da exposição de ontem?

– Não! Porque ele é uma mala! Está sempre discursando, tem sempre uma enorme opinião formada sobre tudo.

– Como é que é, Malu?

– Quer um exemplo? Outro dia comentei com ele sobre a capa de um livro e ele começou a dizer que a mescla de cores da tal capa era completamente equivocada, que o corpo do título não condizia com o conteúdo e que arte que é arte não pode ser óbvia, muito menos insossa.

– E ainda disse que aquele livro ia fazer sucesso, coitado, porque sucesso é o lixo, o limbo, a fogueira onde os artistas de verdade jamais querem chegar.

Louco! – atacou Alice.

– Quem é que não quer fazer sucesso, ter seu trabalho reconhecido? – perguntei.

– O Edu.

– Fala sério, Nandaaaa! – exclamamos juntas.

– Ele é chato, metido a sabe-tudo, prepotente, arrogante, impossível ficar mais de cinco minutos com ele. – Alice foi sincera.

– Desculpa, Nanda, mas essa é a verdade – completei.

– Vocês não gostam do namorado de ninguém.

– Eu gosto. A Malu que implica. Mas com esse até eu, que sou sempre a preferida dos namorados das minhas amigas, impliquei.

– Bem que o Edu diz que é muito difícil ser inteligente e genial num país como o nosso. Como dizem os Titãs, a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte. Vocês não entendem nada de nada! – discursou antes de sair marchando pela escola.

Queria ter comentado com a Nanda que os Titãs falam de arte de verdade em “Comida”, não de tampinhas de cerveja amontoadas numa diarreia pseudoartística.

Ela ficou uma semana sem falar com a gente até que, um dia, aproximou-se de mansinho depois da aula:

– Quero pedir desculpas pelo meu ataque no outro dia e dizer que terminei com o Edu.

– Terminou, por quê? – quis saber.

– Não aguentei, gente. Muito metido a besta, muito dono da verdade, muito cabeça pro meu gosto. Quando terminei tudo, ele disse que eu estava passando por um momento típico de transição entre a infância e a adolescência e que visivelmente não estava pronta para embarcar numa relação cósmica, salutar e madura com um gênio como ele.

– Tadinho! – debochei.

– Ele acha que fui influenciada por vocês, que morrem de inveja do seu talento, da sua inteligência e do seu vigor artístico.

– Ai, nossa, a gente morrre de inveja, né, Malu? – ironizou Alice.

– Na verdade, menininhas, eu não tenho palavras para descrever a inveja que sinto dele – fiz graça.

Saímos da escola rindo como antes, falando bobagem como antes e conversando sem as palavras difíceis ou pouco conhecidas que ele usava para (tentar) nos impressionar. Resolvemos deixar o vocabulário complexo para o Edu e para os clones dele que existem aos montes espalhados por aí.

Palavras cruzadas

Eu estava com um problema sério. Problemaço. A minha mãe não queria me deixar ir à festa da Pauleta só porque eu não tinha terminado de estudar para a prova de matemática. A Alice estava lá em casa e, nessas horas, nada melhor do que uma amiga para desabafar.

– Cara, eu não sei o que deu na minha mãe. Já disse pra ela que sei a matéria quase toda. O Orlando garantiu que não vai cair o que eu ainda não estudei, mas ela não acredita. Quer que eu estude mais.

– É, mãe quando resolve empatar a nossa vida é um saco.

– E eu sou tão boa filha, tão fofinha, tão amorosa com ela... Tudo bem, às vezes a gente briga, mas que filha não briga com a mãe de vez em quando? Normal!

– Normal... – concordou Alice, lacônica.

– O pior é você se esforçar, fazer de tudo para tirar boas notas, ajudar nos afazeres domésticos, lavar a louça, você sabe o quanto eu odeio lavar a louça, né? E ainda passo a minha roupa. Passo direitinho! Que filha que lava sua própria roupa, hein? Hein? Tudo bem que eu não faço a minha cama de manhã, mas nos fins de semana eu faço. Poxa, é um crime horroroso não fazer a cama? Claro que não! A minha mãe não dá o menor valor para o meu esforço, e isso me deixa louca! Louca! Pergunta se ela admite que eu sou uma ótima filha quando quer brigar comigo? Não, não admite! Por quê? Porque ela é uma chata! Ela não consegue ver nenhuma qualidade em mim quando está a fim de pegar no meu pé. Por que as mães são assim?

Alice não respondeu. Na verdade, respondeu com outra pergunta:

– Você acha que meu cabelo fede?

– Claro que não! Agora me diz, tem coisa mais cruel do que perder a festa da Pauleta? Até DJ ela contratou! DJ! E da Zona Sul, toca em boate e tudo! Quando é que a gente vai ter outra festa dessas, me diz?

– Na boa, se o meu cabelo fede eu gostaria de saber pelas minhas amigas, não pelo vendedor de balas da frente do colégio. Ele disse que meu cabelo tava com cheiro de anteontem. Isso é coisa que se diga?

– O pior é que se eu não for, todo mundo vai saber que eu não fui porque minha mãe não deixou e vou ficar com fama de pirralha que só faz o que a mamãezinha deixa.

– Eu não mudei de xampu, não mudei de condicionador, não fiz nada de diferente com o meu cabelo. Tudo bem, não lavei ontem. Tudo bem, fui à ginástica e fiquei com preguiça de lavar o cabelo depois, mas todo mundo faz isso uma vez na vida, né? Isso não faz o cabelo feder. Fedor é outra coisa.

– Odeio me preocupar com o que os outros pensam. Mas TODO MUNDO vai pensar que ela manda em mim, que não tem diálogo aqui em casa, que mesmo com 17 anos eu não consigo argumentar com minha própria mãe. Ninguém vai pensar que ela é uma carrasca sem coração. Você não se preocuparia com a opinião dos outros numa hora dessas?

– Eu me preocupo com o que as pessoas pensam de mim. Cabelo é uma parte muito importante da gente, agora já estou cheia de noias na cabeça. Tipo, será que o Tontom não quis ficar comigo até hoje porque acha meu cabelo fedido? Meu cabelo não é fedido, pô! Um diazinho que eu não lavo e, pronto: viro a menina do cabelo fedorento? Fala sério!

– Fala sério! Uma coisa é você não ir a uma festa por causa de doença ou de viagem, outra é você ficar em casa porque sua mãe acha que você não estudou o bastante. O que ela acha que eu sou? Uma criança? Não, não! Eu sou praticamente uma adulta, e uma adulta muito responsável. Se eu não estudei é porque essa parte da matéria não tem importância! Não vai cair na prova! O Orlando disse!

– O Orlando disse que meu cabelo fede? Como? Ele nem chegou perto de mim na última aula! Meu Deus, todo mundo já deve estar comentando, até os professores... Que vergonha! Um diazinho que eu não lavo o cabelo e olha o que acontece!

– Acontece que eu vou de qualquer jeito, Alice. Decidi. Não posso viver a minha vida do jeito que a minha mãe quer que eu viva.

– Esse mundo é tão injusto!

– Injusto, injustíssimo!

– Você acha que meu cabelo está fedendo? Ou será que sou eu que estou fedendo? Será que preciso ficar mais tempo no banho? Eu ensaboo tudo tão direitinho... Duas vezes... Será que eu não sei tomar banho direito?

– Isso! Eu vou tomar banho e fingir que vou dormir. Aí, quando ela e meus irmãos estiverem dormindo, eu saio de fininho. Não tem como ela perceber.

– Todo mundo percebe quando a gente não toma banho! Mas eu tomo banho! Todo dia! Eu não posso ficar com fama de suja na escola! Eu não tenho nem cecê!

– Cê tem é que me ajudar, Alice! Se a minha mãe ligar no dia seguinte para dar uma sondada, diz que todo mundo foi à festa, menos eu.

– Na festa eu já vou estar com fama de fedorenta do ano. Acho que não vou não. Ai, meu Deus, que problema enorme eu arrumei!

– Problema é ela acordar no meio de noite e se meter no meu quarto...

– O meu quarto é tão cheirosinho, tá sempre com incenso... Peraí? Será que é isso? Será que eu estou queimando incenso mais do que devia e estou ficando com cheiro de academia de ioga? Será que eu estou com cheiro de Índia? De frango ao curry? Gente, é isso! Nunca mais vou acender incenso no quarto! Decidido! O cheiro deve impregnar tudo, claro, o quarto é pequeno.

– Eu sei, é mínimo, entendi o que você quer dizer, ela logo vai dar de cara com a minha cama vazia.

– Vazia é você, Malu! Eu estou preocupada com o odor que sai do meu corpo, com uma coisa que pode me prejudicar a viver em sociedade e você aí, toda preocupadinha porque mamãe não quer que você vá à festa. Deixa de ser vazia! Tem coisas mais importantes acontecendo no mundo sabia? Guerras, alcoolismo, violência urbana... Mas você, com seu ego gigante, só está preocupada com sua festa. Caguei pra essa festa, Malu! Eu tô fedendo, fedeeendo!, e não sei de onde vem esse fedor! Será que você não vê que isso, sim, é um problema?

Caramba, a gente estava há um tempão conversando sem sequer saber o que estávamos falando uma para a outra. Entramos num monólogo em que nós perguntávamos e nós mesmas respondíamos. Fiquei com peninha da Alice. Ela não estava fedendo.

Mentira, estava sim. O cabelo realmente precisava de umas duas, três, quatro mãos de xampu.

– Desculpa, Alice. Desculpa mesmo. Seu cabelo tá fedendo, sim. Mas é pouco. Vai pra casa e lava. Amanhã vai todo mundo te achar cheirosinha de novo.

– E todo mundo vai saber que sua mãe é uma carrasca, Malu. Ninguém vai achar que você é uma pirralha que faz tudo o que sua mãe quer. Todo mundo tem mãe, todo mundo sabe como é.

– Valeu, Alice. Agora me ajuda a convencer a minha mãe. Vamos à festa. Você vai, né?

– Eu quero ir, vamos sim!

– Mas lava essa cabeleira antes, hein? – brinquei.

Para quê? Ela reagiu ferozmente:

– E você vê se aprende a argumentar direito com a sua mãe. Parece uma criança, faz tudo o que ela quer!

Saiu do meu quarto batendo a porta. E ainda me dedou para a minha mãe, dizendo que eu precisava me preocupar mais com o vestibular e menos com

festas.

Dei um desconto. Tadinha da Alice. O cabelo dela estava fedendo.

Matando aula

Eu estava no último ano na escola, estudando em período integral, entrando no colégio às sete da matina e saindo às quatro da tarde. Era uma tortura. Tenho que admitir que dormia em vááárias aulas. Principalmente nas de física e química, que eu continuava sem entender e me irritavam profundamente, já que estava decidisésima a fazer faculdade de jornalismo.

Um dia, na hora do intervalo, a Hannah, uma fofa meio hippie que estudava na minha turma, aproximou-se do grupo em que eu estava conversando e disse, com cara de que tinha descoberto a pólvora:

– Show do Caetano, duas da tarde, na PUC. De graça. Alguém quer ir?

Caraca! Ela realmente tinha descoberto a pólvora. A PUC era um sonho quase próximo para nós, a maioria no meu colégio queria ser filho da PUC, como brincava um professor. Aquela faculdade linda, cercada de verde e perto de vários barzinhos famosos era o sonho de consumo de nove entre dez alunos da minha escola. E agora tínhamos a oportunidade de ver Caê, de graça (detalhe importantíssimo), no campus da desejada universidade. Era tentador.

– É digrátis mesmo? – quis saber Ilan.

– Totalmente digra. Pouca gente sabe, só a galera que estuda lá. É uma parada totalmente sem divulgação – revelou Hannah.

Nossa, aquela notícia ficava melhor a cada instante.

– De que a gente tem aula agora? – quis saber Alice.

– Dois tempos de física e um de geometria – respondi, cheia de desânimo.

Mas eu não podia matar aula. Nunca fui disso. Pra falar a verdade, eu nunca tinha matado aula. Achava vacilo matar aula sabendo da dificuldade com que meus pais pagavam a escola. Mas, por outro lado, PUC era PUC e Caetano era Caetano. E de graça... Sem comentários.

– Eu vou! – decidi.

– Eu também – disse Ilan.

– Sério? Gente, e a aula? – perguntou Alice, num momento certinha.

– Eu vou ser jornalista, não preciso aprender mais do que já sei sobre física e geometria – respondi na lata.

– Malu, eu tô chocada com você! – espantou-se Alice.

– Amada, é uma oportunidade única! Tudo vai ser maravilhoso, inclusive ver os gatos que estudam lá. Só tem garoto bonito naquela faculdade... Que mal pode ter em matar três aulinhas?

– Malu maluca! E o que você vai dizer pra sua mãe? E se ela descobrir?

– Quando eu chegar em casa, é só agir normalmente, como se nada tivesse acontecido.

– Melhor: diz pra sua mãe que você vai lanchar lá em casa depois da aula, se a gente se atrasar no show ela nem vai desconfiar – intrometeu-se Hannah.

– Sério?

– Sério, você é minha convidada.

Pronto. Estava feito. Plano perfeito. Não tinha como dar errado. Eu ia ver meu primeiro show do endeusadíssimo Caetano Veloso e ainda conheceria por dentro a PUC (e a galera da PUC), faculdade com a qual eu sonhava havia mais de um ano.

Terminamos de comer, pegamos um ônibus e fomos para a Pontifícia Universidade Católica, na Gávea. Em meia hora estávamos no auditório lotado, gente linda por todos os lados. Fiquei embasbacada com a grandiosidade do lugar, mas me contive. Empinei o peito e fiz cara de universitária, foi muito boa a sensação de pensar que dentro de poucos meses eu poderia estar ali como aluna.

Caetano atrasou um pouquinho, mas quando entrou no palco foi ovacionado. Aplausos, gritos de “maravilhosooo!”, lágrimas... Ele logo atacou de “Você é linda”, uma beleza de música, que me fez ficar com vontade de dançar juntinho com algum gato solteiro. Mas ninguém me tirou pra dançar. Nem pra beijar. Droga!

Caê emendou uns cinco sucessos com mais duas canções do último CD e foi embora. Definitivamente, o show mais curto que eu já tinha visto. Mas foi tããão bom! E de graça!

Saímos da PUC maravilhados. Foi tudo perfeito.

Chegamos à casa da Hannah e a mesa já estava posta. Superposta. Lanche lá parecia coisa séria, a família toda na mesa, queijos chiques espalhados em pratos mais chiques ainda, talheres arrumadinhos e brilhosos, vários tipos de pães e de doces. Uau!

Fui super bem recebida por todos e, já sentados à mesa, conversamos sobre o colégio, sobre nosso futuro, sobre a Tijuca. Muito simpática a mãe da Hannah, mas, quando começávamos a escolher o que comer, ela nos pegou de surpresa:

– Onde é que vocês estavam?

– Na escola, mãe. Que pergunta!

– Na escola vocês não estavam. O coordenador ligou falando que você sumiu depois do intervalo.

Ui!

Silêncio total. A mãe, a irmã mais velha e a avó da Hannah não tiravam os olhos dela. Ela continuava muda.

– Responde, Hannah! Achei que tivesse acontecido alguma coisa séria com você. O coordenador disse que tiveram de liberar os alunos uma hora antes por causa de uma manifestação que fecharia a rua da escola. Só que aí, quando ele foi na sua turma, cadê você? Tinha sumido, evaporado.

– Matando aula, né, Hannah? Se ferrou, mamãe descobriu tudo! – implicou sua irmã.

Eu estava branca, totalmente sem cor. O colégio NUNCA liberou a gente antes, como é que justamente no dia que a gente resolve matar aula acontece uma coisa dessas? Que azar! Ainda bem que eu não tinha nada a ver com aquilo, a Hannah que tinha me chamado pra ir com ela.

– A culpa é da Malu, mãe.

Quê?!, disseram meus olhos arregalados.

– É, sim, Malu, desculpa, tenho que contar. Mãe, foi ela que insistiu pra eu ir ao show do Caetano que rolou na PUC. Eu não queria, mas a Malu insistiu tanto que eu fui. Sou muito boa amiga, você sabe.

De olhos esbugalhados, permaneci estática, com o pão com peito de peru parado no meio do caminho para a minha boca. Não acreditei que a Hannah tinha feito um papelão desses!

– Ah, é, Malu? Quer dizer que é você que anda levando minha filha para o mau caminho?

– Não tia... Eu não sei... o que... tia, tá tudo muito confuso...

– Olha, Malu, a Hannah é uma menina muito direita, sempre teve notas boas, não é agora, às vésperas do vestibular, que você vai mudar o rumo da minha filha.

Caraca! Que bronca! E, pior!, A CULPA NÃO ERA MINHA!!! A mãe não era minha! Mas eu não tinha outra coisa a dizer:

– Desculpa, tia... É que eu sabia que a Hannah era fã do Caetano, então chamei. Mas prometo que isso nunca mais vai acontecer.

– Eu estava preocupada, achando que vocês tinham sido assaltadas, sequestradas... Vocês não leem jornal, não sabem como essa cidade é perigosa? Liguei para todo mundo que eu conhecia, liguei até pra polícia!

Enquanto Hannah me olhava agradecida, eu escutava de cabeça baixa o maior sermão de mãe alheia que já levara e, claro, não pude deixar de pensar no sermão que eu levaria da minha própria mãe quando chegasse em casa.

Quando cheguei, dona Angela Cristina, ao contrário da mãe de Hannah, que nos recebeu como se nada tivesse acontecido, estava com uma fisionomia que

mereceria o Oscar de Mãe Mais Brava do Mundo. Como eu tinha feito escola na casa da Hannah, fui logo explicando:

– Tudo culpa da Hannah. Eu nunca matei aula na vida, sou a maior certinha, você sabe que é verdade. Posso não ser a melhor aluna, mas nunca matei aula na vida, mãe! Foi a primeira e última vez. É que ela veio com um papo de que precisava de companhia para um show do Caetano na PUC. Puxa mãe, era o Caetano. E era a PUC, é meu sonho estudar lá! E a Hannah sempre foi muito legal comigo, então acabei indo. Estou errada? Estou, muito. Estou arrependida? Também. Posso ir para o quarto?

– Não.

– Puxa, mãe, eu...

– Maria de Lourdes, não diz mais nada. Só me promete que nunca mais vai me dar um susto desses. Eu fiquei desesperada, minha filha!

– Ô, mãe, desculpa. Prometo que nunca mais vou fazer isso.

– Tá bom, agora pode ir para o quarto – disse. – E obrigada por me contar a verdade. Eu sabia que mentirosa você não era, e nunca vai ser. Sempre confiei em você.

Fui para o quarto com a consciência pesada, cheia de culpa, arrasada por ter dado tanta preocupação à minha mãe.

Como fazemos besteira quando temos 17 anos...

18 anos

Amiga zen

Conheci a Mayara quando nós tínhamos 8 anos. Os pais dela tinham acabado de se mudar de Santa Teresa para a Tijuca e ela foi estudar no meu colégio. A Mayara era uma menina diferente. Ela não parecia uma criança de 8 anos. Tinha um estilo próprio, esbanjava charme e exibia orgulhosa as madeixas compridas e desgrenhadas. Era uma pirralha de atitude. O ar hippie ela herdou dos pais, que depois de morarem anos num acampamento esotérico à beira de um rio no Nordeste (onde ela nasceu, de parto natural, feito por uma parteira) vieram para o Rio de Janeiro. Nas palavras da própria Mayara, sua família queria "tentar se adaptar à natureza urbana e selvagem da cidade, levantando a bandeira da desintoxicação e do amor livre". Nunca entendi isso direito (acho que nem ela entendia), mas como eu era a única que fazia uma cara normal quando ela dizia esse absurdo, Mayara me adotou como amiga quando entrou na escola.

Aos 9 anos, depois das férias de fim de ano, ela voltou às aulas rebatizada. Seus pais acharam que era hora de apresentá-la a seu guru para que ele, do alto de sua sabedoria indiana (ou seria grega? Não, acho que era tibetana... Ou era indígena? Ah, sei lá, nunca decorei a nacionalidade desse guru e nem de onde vinha tanta sabedoria), desse a ela o nome que a acompanharia dali em diante: Atakima Natauaska.

Estranho? Muito. Ninguém na escola entendeu direito o porquê da troca de nome. É difícil entender com 18, imagina com nove anos! O doido é que a mãe da Mayara foi à direção pedir para os professores chamarem a filha somente de Atakima, em função da "fluidez das energias intergalácticas" que o novo nome trazia.

Fui a única de toda a escola que não achou isso muito esquisito. Os pais dela tinham nomes doidos, por que ela teria um nome normalzinho como Mayara?

– Mãe, posso ir na casa da Mayara? O tio Chama me convidou pra almoçar luz.

– Como é que é, Maria de Lourdes?

– É, eles comem luz, mas só de vez em quando, e me chamaram pra experimentar.

– Eles são loucos, por acaso? Crianças precisam de sustância, não de luz.

– Mas o tio Chama é tão legal...

– Ele é da família Chamma? Tinha um Chamma na minha escola. Qual o primeiro nome dele?

– É Chama. O segundo é de Luz. Eu não sou Maria de Lourdes? Ele é Chama de Luz.

– Que piada, Maria de Lourdes. Ninguém se chama Chama de Luz.

– Eu não me chamo Maria de Lourdes?

– Maria de Lourdes é lindo, Chama de Luz é medonho!

– Eu adoro o nome do tio Chama. A mãe da Mayara também tem nome diferente, é Lua no Mar. Não é lindo?

Claro que minha mãe achou tudo, menos lindo, e não me deixou comer luz e tomar suco de clorofila na casa da minha amiga zen.

Voltando ao novo nome da Mayara, quando ela chegou das férias no Nordeste fiquei sem entender por que seu nome era tão diferente do dos pais. Ela explicou que Atakima queria dizer Sol Nascente que Beija as Areias da Praia e Natauaska significava Alegria Eterna no Deserto dos Ventos Uivantes. Em hindu. Ou seria em holandês? Ou chinês? Ai, não lembro, sei que Atakima Natauaska tinha um significado tão bizarro quanto o nome em si.

No colégio, passamos a chamá-la de Atakima, mas logo ela virou Kiki para os íntimos.

Aos 15 anos, ela foi para a Bolívia conhecer seu novo “mestre”, discípulo do guru que a rebatizou, e lá se apaixonou perdidamente por Joseph, um americano com cabelo dread. Ao fim das férias, ela voltou com novo nome, Paz Noturna, saiu da escola e mudou-se de mala, cuia e colchonete para o tal acampamento. Tio Chama e tia Lua, claro, deram a maior força. Tinha chegado a hora de sua filha se “conectar com o abstrato do cosmos”, como descreveu sua mãe.

Nunca entendi direito qual era a do acampamento que, diga-se de passagem, tinha como líder espiritual um ex-DJ moçambicano (ou seria madrilenho? Ou macapaense? Droga! Não lembro!). Eles dormiam à luz da lua e das estrelas e só iam para as cabanas quando chovia. Tinham sua própria horta, só comiam o que plantavam e não ingeriam nenhum tipo de carne, nem branca, nem vermelha. Eram contra os carros e a televisão (não me pergunte por quê) e

até contra o futuro, tadinho do futuro!, pois endeusavam o presente. Além disso, só tomavam banho de rio e podiam andar peladões pelo acampamento. Era uma espécie de tribo de doidos, logo cheguei à conclusão.

Apesar da escassez de infraestrutura do acampamento, nunca perdi contato com a Kiki. Ela me mandava e-mails (sim, eles eram naturebas, mas conectados) a cada três meses e de vez em quando ligava, sempre com uma voz meio de sono, que ela dizia que era de paz fluvial (seja lá o que isso signifique). Eu sempre respondia aos e-mails que minha amiga zen me enviava, mas ela nunca comentava nada a respeito das minhas respostas. Era uma antipática virtual. No último e-mail, porém, perguntou a melhor hora para me ligar e pediu, com muito jeitinho, que não a chamasse mais de Kiki, apenas de Paz Noturna. Paz somente nunca. Paz Noturna sempre.

À noite, como combinado, ela telefonou lá pra casa:

– Oi, Malu. Salve a Luz, Salve o Sol, Salve as Energias do Polo Norte, Salve as Baleias!

Depois de um segundo de silêncio e da constatação de que minha amiga estava bem doida, respondi:

– Oi... Paz Noturna... Tudo bem? Que saudade de ouvir sua voz!

– Voz, o que é a voz, Malu? Uma energia muito linda que vem de dentro, que passa pelo nosso âmago, que te dá uma identidade, uma forma. Cada um tem uma voz, voz é tudo, é mais que um som, é sabor, é cor, é identificação.

Sem conseguir pensar em nada melhor para dizer, disse apenas:

– Arrã...

– Malu, minha lindeza, você conhece o Anthony Kiedis?

– O vocalista do Red Hot Chilli Peppers?

– Esse mesmo.

– Fala sério, Paz Noturna! – reagi, me controlando para não rir ao dizer o... humm... nome da minha amiga. – Claro que conheço, né?

– Conhece pessoalmente?

– Claro que não!

– Ah, tá. Porque ele é muito amigo do Joseph, o Joseph falou de você pra ele e ele te chamou pra ir ao show que a banda vai fazer aí no Brasil daqui a seis meses, você quer convite, lindeza?

Pausa! Pausa! O Anthony Kiedis era amigo do marido hippie da Kiki/Paz Noturna e tinha me convidado pra ir ao show! De graça! Caraca! Muita emoção!

– Viva os hippies! – deixei escapar, tirando um riso sincero da minha amiga. – É claaaro que eu quero ir ao show.

– Tá combinado, então. Agora tenho que ir porque minha plantinha tá dodói, chorando, querendo mamãe.

– Sério que você tem uma filha chamada Planta, Paz Noturna?

Coitada da criança, pensei, ainda assustada por ser tia e nem saber.

– Não é filha, Malu, é minha samambaia. É muito mais que uma filha pra mim. Às vezes acho que só ela me entende. Mamãe já vai! – gritou. – Tchau, Malu. Viva o sol poente!

O que dizer numa hora dessas?

– Viva!

Desliguei meio atônita. Será que aquela história era verdade? Ela me contou em alguns e-mails que de vez em quando baixava no acampamento uma celebridade em busca de sossego e privacidade, mas daí ao marido dela ser amigo do vocalista do Red Hot Chilli Peppers era uma grande diferença.

Seis meses se passaram, o Rio estava lotado de outdoors pelas ruas e as TVs não paravam de anunciar o show da banda californiana em solo carioca. Àquela altura, como Paz Noturna havia sumido do mapa e nunca mais dado notícia, eu já tinha certeza absoluta que só iria ao show se pagasse, como uma simples mortal.

Na tarde do show, porém, toca o telefone. Era um americano que atendia pelo nome de Matthew e se dizia produtor do Red Hot.

– Oi, Malu. Você é amiga do Joseph, certo?

– Sou amiga da mulher dele.

– Isso! Isso mesmo. Então, você quer ir ao show hoje à noite?

Não era possível! Só podia ser trote! Mesmo sem acreditar, disse que:

– Sim, claro que sim!

– Vou botar seu nome na porta, na lista de convidados da banda. Pode levar uma amiga, se quiser. Também vou deixar credenciais para o camarim. Vai falar com a gente depois do show, hein? O Anthony está louco pra te conhecer.

Para tudo!!! O Anthony Kiedis estava louco para me conhecer! Precisei me beliscar pra ter certeza de que não estava sonhando.

Chamei Alice e lá fomos nós pra uma casa de shows na Barra da Tijuca assistir à apresentação na maior mordomia.

– Que muvuca, Malu! A gente nunca vai conseguir entrar. Vamos embora – sugeriu Alice, esbanjando otimismo.

– Imagina, claro que a gente vai entrar, é só a gente conseguir chegar à bilheteria. Anda, vem comigo.

Pedindo licença pra Deus e o mundo, conseguimos chegar à bilheteria.

– Boa-noite, eu sou convidada. Maria de Lour...

– Convidada de quem, da cerveja patrocinadora do evento, da rádio que apoia... – perguntou a bilheteira, sem a menor boa vontade.

Dada a antipatia, empinei o peito e enchi a boca pra responder:

– Sou convidada da banda.

Tirei onda. E em pouco tempo estava com convites para o camarote e as credenciais do camarim.

O show foi ótimo, vimos vários famosos e quase famosos circulando pertinho da gente e por pouco não pedimos pra tirar foto com um galã global, mas ficamos com vergonha. Afinal, nós éramos convidadas da banda. O Anthony Kiedis sabia meu nome e estava louco pra me conhecer, pô!

Mas meio mundo estava a fim de conhecer o cara e os outros integrantes da banda. Depois do show, um mar de gente fazia fila para entrar no camarim. Tentei o celular de Matthew, mas estava desligado. Diante de tamanha multidão (formada por artistas, ex-BBBs e modelos altíssimas e magrelas), desistimos e fomos pra casa. Felizes da vida, mesmo sem ter visto o Red Hot de perto.

No dia seguinte...

– Poxa, Malu, só vi hoje de manhã que você ligou – disse Matthew, voz de desapontado. – O Anthony não acreditou que você não foi falar com a gente... Está aqui perguntando se você não quer vir pro hotel tomar uns drinques, a gente só vai pra São Paulo à noite. Ele quer conversar com você sobre o Rio, está apaixonado por essa cidade.

Silêncio. Silêncio total. Eu? Tomar uns drinques com o pessoal do Red Hot Chilli Peppers? Tapei o telefone pra ver com minha mãe se podia ir. É, mesmo com 18 anos, maior de idade, eu tinha de perguntar para minha mãe se podia ir a qualquer lugar, mesmo até a esquina. Ela sempre foi linha-dura.

– Claro que não, Maria de Lourdes. Que pergunta! Esse povo de rock é drogado, vão te levar pro mau caminho. Você é um bebê, não tem nada que tomar drinque com roqueiro nenhum. Onde já se viu? Deixa eu falar com esse Matthew, ele vai ouvir poucas e boas – reagiu mamãe.

Na mesma hora disse a Matthew que ia ficar pra próxima vez, que já tinha um compromisso. E desliguei imediatamente, para impedir que mamãe tomasse uma atitude escandalosa.

Por causa dela, aliás, eu esnobei o Anthony Kiedis e deixei de dar dicas do Rio pra ele. Estou esperando uma outra oportunidade. Paz Noturna há de me ajudar. Paz Noturna tem poder. Viva a galera natureba! E vinte vivas para os pop stars!

Odeio telemarketing

Quando eu tinha uns 14 anos, entrou para a escola, para uma série acima da minha, uma menina chamada Juanita Tedesco. Todo mundo implicava com ela só porque ela era caladinha, na dela. Eu, que sempre fui a fofura em forma de gente, puxei assunto no recreio, tentei apresentá-la pra galera, mas ela era ruim de roda. Não sorria, não gostava de sair, era péssima aluna e não conseguia engatar conversa com ninguém. Acabou não sendo chamada para festas, só ficava no banco nos jogos de vôlei e era frequentemente vetada de participar das provas nas gincanas do colégio.

Sua situação piorou no dia que o Paulo Vasco a viu coçando a cabeça numa aula de biologia e depois botando a mão na boca. Pronto, ela virou Juanita Tedesco, A Menina que Come Caspa. Eu nunca vi essa nojeira, e sempre suspeitei que era invenção dos meninos. O fato é que ela foi vista por mais de uma pessoa mastigando cabelo durante as aulas, pelos corredores da escola, na frente do computador... mas a dúvida era sempre a mesma. Maldade dos garotos, implicância ou comeria caspa Juanita Tedesco?

Juanita saiu da escola no fim do ano e nunca ninguém mais soube dela. Um belo dia, quando enfrentava uma insuportavelmente longa espera ao telefone para reclamar da conta do meu celular, algo de surpreendente aconteceu. Depois de ouvir muita musiquinha chatinha e saber que minha ligação era muito, muito importante para a companhia, era só esperar mais alguns instantes, fui finalmente atendida, cinquenta e seis minutos e trinta e sete segundos depois de discar:

– Boa-tarde, meu nome é Juanita Tedesco, em que posso ajudar?

– Juanita Tedesco? Não pode ser! Juanita Tedesco? Fala sério, Juanita! É você mesmo? Sou eu, Malu! Do Colégio Monteiro Lobato! Você estudou no Monteiro Lobato um ano, não estudou?

– Atendente Juanita Tedesco, em que posso ajudar, senhora?

– Que máximo! Juanita Tedesco, quem diria!? Isso é que é coincidência! Lembra de mim, Juanita?

– Com quem eu falo, senhora?

– Malu, Juanita! Malu!

– Malu de quê?

– Malu da 701, Colégio Monteiro Lobato! Não acredito que você não se lembra de mim!

– Senhora, não estou autorizada a conversas que não tenham a ver com trabalho, senhora. Em que posso ajudar?

– Senhora? Fala sério, Juanita! Tenho praticamente a sua idade! Que senhora o quê?

– São as normas, senhora. O tratamento cordial de senhora é obrigatório, senhora. Em que posso ser útil, senhora?

– Juanita, para de cena! Tenho certeza de que é você! Juanita Tedesco só tem uma! E aí, como tá a vida? Virou atendente de telemarketing, então?

– Senhora, a senhora está insistindo em um assunto que não diz respeito a celular, senhora.

– Meu Deus, Juanita, o que é que custa você me dizer se você é ou não a Juanita Tedesco que estudou no meu colégio, que não falava com ninguém, não ria, não chorava, não jogava no recreio, não se dava bem com nenhum professor, não era muito querida na escola... É você, não é, Juanita? Baixinha, nariz grande, pinta na testa, pés enormes, canela torta, gengiva grande, meio bigoduda? Tá vendo como eu me lembro bem de você?

– Senhora, qual o problema com o seu telefone, senhora? Nossa conversa está sendo gravada, senhora. Todas as conversas são gravadas, senhora.

– Rarrarráááá! Que engraçado! Por isso então que você não pode falar que você é você. Gente, que coincidência! A Alice vai ter um treco quando souber da nossa conversa. Lembra da Alice?

– Não, senhora. Não me chamo Alice, me chamo Juanita Tedesco e estou ao seu dispor. Em que posso ajudar, senhora?

– Juanita! Claro que você não é a Alice! A Alice era aquela que... ah, a Alice era uma das pessoas que achava que você comia caspa. Pronto, falei!

– Caspa não consta da conta de celular, senhora.

– Ah! Isso foi um código que você arrumou para dizer que não comia caspa? É isso, não é?

– Sim, senhora.

– Sim, senhora o quê? Comia ou não comia, não senhora?

– Não, senhora.

– Eu sabia que você não comia! Era intriga da oposição!

– Correto, senhora. Senhora Malu, em que posso ajudá-la?

– Acho que o Vasco inventou esse negócio de caspa porque você não quis ficar com ele. Mas você com 15 anos não tinha dado nem selinho, era a maior boca virgem da parada, lembra? Lembra que você quis até treinar beijo comigo? Te dei o maior empurrão, você voou longe!

– Senhora, estamos aqui para resolver seu problema da melhor maneira possível, senhora. Sua ligação é muito importante para nós. Senhora.

– Eu sei, já ouvi isso várias vezes. Se eu sou tão importante me conta de você, menina! Desencalhou? Beijou com quantos anos? E virgindade, já perdeu ou continua virgem? Eu perdi. Com namorado, camisinha, tudo nos conformes. Lembra que você tinha vergonha de comprar absorvente? Ficava vermelha só de pensar em falar essa palavra na farmácia, ai, que hilário! Outro dia pensei em você, se você continuava virgem. E achei a sua cara ficar virgem, se guardando para o seu amor verdadeiro.

– Senhora, qual o problema exatamente com a sua conta, senhora? – A atendente Juanita Tedesco agora parecia bem emburrada.

– Até já esqueci, sabia? Poxa, Juanita, que surpresa! Me liga, você tem meu número aí, liga pra gente conversar!

– Senhora, não estou autorizada a ter conversas particulares com clientes, senhora. Qual o seu problema, senhora?

– Ai, para de me perguntar qual é meu problema! Problema nenhum! Quem está com problema é você! Eu só queria conversar com uma amiga que não vejo há tempos, mas essa amiga virou uma grande mal-educada, isso, sim!

– Senhora, nosso tempo para resolver os problemas relativos a contas é limitado, senhora, seu tempo vai acabar em trinta segundos caso a senhora não especifique o problema.

– Que absurdo! Esperei quase uma hora e é assim que sou tratada?

– São as normas, senhora.

– Para de falar que nem robô. Você me conhece, Juanita Tedesco, você veio aqui em casa várias vezes, deu em cima do meu irmão mais novo e ele no dia seguinte contou pra todo mundo no colégio que você estava desesperada pra beijar.

– Senhora, nosso tempo está acabando, qual o seu problema, senhora?

– O problema é que eu quero seu telefone. Me dá seu telefone? Que é que custa?

– Os telefones das atendentes são particulares, senhora. E eu sou uma atendente. Em que posso ajudar, senhora?

– Pô, Juanita! Fala comigo direito! Caramba, que antipatia! Por isso ninguém gostava de você no colégio, sabia? Eu era sua única amiga e olha como você está me tratando agora! Continua a mesma antipática de sempre.

– Não sou antipática, senhora. Antipática é a senhora, senhora. Eu só estava querendo ajudar, senhora. Seu tempo está acabando, senhora. A operadora agradece sua ligação.

– Não, não desliga. Desculpa, Juanita! Me manda um e-mail, então. Me liga! Juanita! Juanita!!!

Juanita Tedesco desligou na minha cara. E ainda me chamou de antipática. Conversar não pode, xingar tudo bem? Por essas e outras que eu odeeeeeio telemarketing!

Aprenda inglês dormindo

Era sempre o mesmo sonho. Não estava sonhando totalmente em inglês, meta que gostaria de ter alcançado dois dias depois que a Alice me convenceu a pagar quatro parcelas de R$ 44,44 na "Durma Feliz, Sleep Happy", uma caixa com quatro CDs que prometiam o que soa impossível: "Aprenda Inglês Dormindo."

– Você não viu na televisão? Você dorme falando português e acorda falando tão bem quanto o Mick Jagger. Os depoimentos do comercial são ótimos, o povo aprende mesmo, Malu! Compra aí e depois me empresta!

Fiquei numa dúvida enorme antes de comprar, já que eu compraria com minha mesada, não queria gastar em algo que poderia não dar resultado. Além disso, acho que preferiria torrar parte da grana em bolsas na Saara, o comércio de rua mais animado do Rio de Janeiro.

Com apoio total da minha melhor amiga, preferi apostar no sonho de um sonho em inglês. Ainda não tenho opinião formada a respeito. Não sei se foi bom ou ruim. Sei que foi uma experiência um tanto, digamos, diferente.

O CD vomitava inglês nos meus ouvidos. Um inglês beeeem esquisito:

"*Telephone, banana, piano. O sotaque, você tem que se preocupar com o sotaque. Agora cry. Isso, cry. Cry, my baby! Baby, banana, telephone, piano. The book is on the table. The cat is on the table. The dog is on the table. The chicken is on the table. Everybody is on the table. Xuxa is on the table. Sasha is on the table. The piano is on the table. Now, capriche no sotaque: telephone, dog, cat, João Gilberto, Elba Ramalho, piano, banana, Xuxa, Tom Jobim. Repeat now: Tom Jobim.*"

É, isso era o CD. O primeiro dos quatro de uma caixa que trazia os dizeres "aprendizado relâmpago". Parecia pegadinha. Desde o "método" utilizado até a voz de maternal do narrador do... hum... curso (se é que posso chamá-lo assim). Era inglês e português se revezando. Que é que é isso, *people*? *God* do céu, onde foi que eu me meti?, questionei, depois de escutar o primeiro disco.

Na manhã seguinte, li o manual que explicava que o revezamento entre as duas línguas era uma tática nascida, aprimorada e aperfeiçoada ao longo dos anos no... Japão. É! No Japão! Tática pseudo-neuro-e-não-tão-menos-pseudolinguística de aprender. *Embromation*, não demorei a concluir.

Quatro CDs que falavam, falavam e não diziam absolutamente nada. Quatro CDs com conteúdo meio abstrato, meio concreto, multiculturalista, multinipônico, um tanto polêmico, metade Caetano, metade Gil. Uma coisa

linda, uma coisa odara, um papo qualquer coisa, translúcido, ácido, uma coisa meio palco, minha alma cheira a talco, como bumbum de bebê.

God, God, God! Eu estava começando a pirar! *SOCORROOOOOOOO!!!*, berrei por dentro, para não acordar ninguém em casa.

Na segunda noite, pensei: "Nunca vou aprender uma língua com essa palhaçada. Que otária gastar dinheiro com isso! Eu vou matar a Alice. *I'm going to kill Alice*." Na terceira noite, o mesmo pensamento. "Podia ter comprado tantas bolsas na Saara com 44 reais", lamentava.

Só não podia reclamar de uma coisa. Os tais CDs me davam um soninho tãããão bom! Nunca tinha feito uma naninha tão gostosinha. Ô naninha gostosa pra danar!

Até que um dia... O soninho gostosinho deu lugar a um sonho esquisitaço, que começou a tirar minha paz e se repetir diariamente. Um sonho misterioso, que narrarei a seguir.

Numa praia caribenha, com um sol de rachar, mar turquesa e um céu sensacional, eu, não sei por que cargas-d'água, estou conectada por um cordão umbilical a um urso com cara de foca brava.

Estamos no mar, bem na beirinha, aparentemente relaxando quando aparece uma cobra. A cobra, que era marrom e dourada, medonha e horrorosa como todas as cobras, chega serelepe que nem ela só e fica passeando a nossa volta. Eis que a foca/urso abre a boca imensa cheia de dentes pra morder a cobra. E eu no meio, olhando. A cobra, que não é boba nem nada, é mais rápida e abre a boca enorme para abocanhar a foca/urso. E eu claro, já de olhos arregalados, abro escancarada a minha boca (não para morder ninguém, imagina. De medo mesmo).

Na minha cabeça, só uma imagem. A do desenho da cobra com o elefante na barriga, do *Pequeno príncipe*. Penso ainda, em pleno sonho, com a genialidade que me é peculiar: "Se cobra come elefante, come foca fácil, fácil. E urso." No azul transparente do mar caribenho, me quedo em dúvida. A foca/urso é um bicho predador de mocinhas que aprendem inglês por CDs fajutos ou um bichinho de estimação, tipo Flipper, o golfinho de Hollywood? Paro um instante e reflito: "Se estou conectada ao bicho por um cordão é por alguma razão cármica, uma ligação astral ou coisa parecida. Ele não quer fazer mal pra mim, esse bicho é legal!", concluo, feliz.

Mas é justamente nesse momento que o sonho se torna um pesadelo de verdade – daqueles que fazem o coração palpitar e a mão ficar gelada. De repente, os dois bichos (cobra e foca/urso) saem desembestados mar adentro. Parecem querer competir. Ir até onde a vista alcança. E eu olhando. Pior, participando daquela cena surreal, já que estava conectada ao urso/foca por um

cordão umbilical (umbilical!!!). Tenho certeza de que minha vida está por um fio. Grito por socorro, mas como a praia é deserta o grito fica no vácuo. Estou no meio de duas bocas imensas, abertas no seu máximo. Close de cada boca como numa sequência de filme trash. Eu olhando tudo, desesperada, até que... Opa! Uma equipe de filmagem num barco mais adiante. Olho mais atentamente e reconheço: É o Gugu! O Gugu Liberato, o loirinho do SBT, entrevistando um ator cujo rosto eu nunca vira na vida real, mas que no sonho era famosésimo e lindo de doer. Por alguma razão indefinida, tenho superpoderes e ouço a conversa:

– Como é que é a sensação de ser o primeiro homem, na história mundial da *Playboy*, a posar na capa da revista?

Esse é sempre um momento de emoção do sonho. Sim, senhoras e senhores, eu, Malu, percebo que Gugu Liberato, um apresentador cujo programa eu NUNCA VEJO, está falando inglês.

No sonho, comemoro em silêncio (e em inglês, viva!) dando uma trégua ao pavor que estava sentindo entre as duas feras: Meu. Deus. Eu. Estou. Sonhando. Em. Inglês. Que felicidade! Os 44 reais valeram a pena! Yes!

Ainda na língua da Madonna, o ator dá a entrevista:

– Olha, Gugu, eu tô superfeliz, foi uma superoportunidade. Uma superprodução, sabe? Só faço questão de deixar claro que só fiz esse trabalho porque era um trabalho de nu artístico, é bom frisar, né, Gugu? Muita gente ainda não sabe a diferença entre um nu artístico e um nu tipo apelação. O bacana foi que EU escolhi o fotógrafo, EU que escolhi o interior da França como paisagem, EU que escolhi as fotos que seriam publicadas, EU que escolhi o cara da luz e a mulher da maquiagem. Tudo EU! Foi só por causa disso que eu posei, Gugu!

– Eu queria dizer pros amigos telespectadores do SBT que isso é um furo jornalístico. Nós viemos fazer essa gravação numa praia distante, desabitada, que eu não posso revelar o nome, para ter esse furo. O furo é nosso, ouviu, Faustão? Mateus Zisfridelago vai ser o primeiro homem a ser capa da *Playboy*! Furo! Furo! Furooooo!!!

Ele estava realmente feliz com a notícia dada em primeira mão. Fogos. Muitos fogos na ilha deserta na qual eu estava prestes a virar comida de feras do mar.

– Só nós, do Sistema Brasileiro de Televisão, temos essa notícia a que você, caro telespectador, acabou de assistir. Estamos dividindo essa novidade com vocês porque fazemos o melhor pra vocês. Tramamos toda uma operação secreta para isso. Engole essa, Rede Globo!

– Tá, Gugu! Já entendi! – gritei, em inglês. – Agora Socooooooorrro! Eu estou aqui! Me salva, Gugu! Entra pra história, Guguuuu! Aumenta seu ibope comigo, Guguuu – concluí meu apelo, agora em bom português.

Aí o desespero bateu forte. Minha voz não aparecia. Todo mundo falava com a maior desenvoltura, menos eu. Até os bichos tinham trocado uns xingamentos em inglês. É, os bichos continuavam brigando. A foca/urso mostrando claros sinais de cansaço.

A gente já está longe da areia e também do Gugu quando a cobra abocanha a foca/urso. Vejo tudo preto e... pá! Acordo num salto. Suada, tremendo, mas feliz por ter sonhado em inglês. Quando durmo de novo, é sempre a reprise do sonho. Só que, nas vezes seguidas, têm mais detalhes. E eu consigo ver que meu inglês vem fazendo grandes avanços durante a noite. Uma pena que seja com um pesadelo tão idiota.

Idiota é pouco. Tentei buscar um significado para esse sonho, mas estava difícil. Primeiro pensei que era um aviso para eu fazer biologia marinha. Ou mesmo que o sonho vinha para me avisar que meu futuro estava na faculdade de dança, para me tornar uma talentosa e promissora Guguzete, uma daquelas dançarinas do programa do Gugu. Por conta do nu artístico do tal ator, já cogitei que o sonho é um aviso para que eu estude medicina, para entender melhor o corpo humano.

Mas, um belo dia, cheguei à conclusão de que esse sonho só queria me dizer uma coisa. Ele era um sinal pra que eu cursasse a faculdade de jornalismo. Não por causa do superfuro do Gugu, mas porque fico arrasada de pensar que os bichos querendo se comer estão me levando para uma ida sem volta, para o meio do nada e que, por causa disso, não vou poder sair dali correndo para contar para todo mundo que eu, Malu, sei que Mateus Zisfridelago vai ser o primeiro homem na história, na his-tó-ria!, a posar como veio ao mundo para a *Playboy.* A sensação que tenho no sonho é a de que eu pre-ci-so dividir isso com alguém. E preciso descrever o momento com detalhes. Até detalhes que não existem. Sei que preciso contar pra uma, duas, milhões de pessoas.

Não dizem que jornalista é um fofoqueiro com diploma? Então... Além disso, percebi que também queria saber mais de Mateus antes de sair espalhando a notícia. Perguntaria: “Você chorou na hora de fazer as fotos, como nove entre dez beldades? Qual foi a reação da família? E o cachê? Mais ou menos de meio milhão de reais?”

Em suma, perguntas e mais perguntas suuuperimportantes e necessárias me vinham à cabeça quando eu acordava, e perguntas são fundamentais para uma repórter. Ou melhor, para uma... foca! Isso, foca! Foca é como chamam um

jornalista novato! *God* do céu, tudo explicado! Ufa! Taí! É jornalismo, oba! É jornalismo, oba!

– Alice, meu vocabulário em inglês está bem melhor. Foi em inglês que eu descobri que Mateus Zisfridelago, brasileiro, geminiano, estudante de letras na PUC, ator-de-*Malhação*-modelo-e-apresentador-de-baile-de-debutantes será o primeiro homem a posar para a *Playboy*.

– Que sonho maluco, Malu!

– E eu não sei? O pior é acordar com a sensação de que vou morrer abocanhada por um monstro marinho sem contar esse segredo que eu soube em primeira mão. Fala sério, Alice! Viva o curso do CD! Pode pegar emprestado se quiser.

– Quero não, valeu. Prefiro ficar com minhas aulas convencionais, mesmo. Tô te achando muito *crazy*, Malu. *Very, very crazy*.

19
anos

Namorado de amiga II ou Blog do ex-namorado

Em 19 anos, vi minhas amigas se apaixonarem e se desapaixonarem inúmeras vezes. Sempre fui péssima na arte de terminar namoros e por isso mesmo nunca entendi por que sou tão solicitada pela mulherada na hora em que elas querem dar um pé na bunda dos caras. Já ajudei a preparar discursos de término, já dei meu ombro para as que levaram foras homéricos extravasar sua dor e escrevi e-mails desaforados para dar bronca nos palhaços que não souberam se comportar direito com minhas amigas queridas.

Quando a Duca terminou com o Zéu, eu quase chorei.

De alegria.

Odiava o Zéu. Chato, implicante, antipático, sem modos, sem assunto, sem sal, sem açúcar, sem veneno. Um zero à esquerda. E a Duca sempre foi tão linda, tão inteligente, tão gente boa... Muita areia pro caminhãozinho dele.

Os dois ficaram nove meses juntos. Nove meses catastróficos, porque ninguém ia com a cara do Zéu. E essa situação era muito delicada, porque a gente amava a Duca, mas odiava o namorado dela. Não demorou muito para a gente parar de chamá-la para sair. Eu sei, isso é péssimo, uma crueldade sem igual. Mas ela e o namorado eram grudados e aturar o Zéu uma noite inteira, ou numa manhã na praia, ou numa tarde no cinema, ou por cinco minutos, era o terror dos terrores.

Por isso, quando ela contou que seu namoro acabou, foi impossível não comemorar. Se tivéssemos fogos, soltaríamos a noite toda. Um mês se passou depois do término e a Duca chegou na praia com cara de notícia bombástica:

– O Zéu está namorando.

– Já? – perguntei.

– Não é um absurdo? A gente mal termina e ele já está agarrado com outra?

– E pensar que ele sofreu, chorou, encheu o saco de todo mundo, ligou pra mim, pra Alice, pra sua mãe... – reagiu Nanda.

– Ele ligou pra vocês? Ele não ligou pra mim.

– Claro, você nunca gostou dele, né, Malu? – disse Alice.

– Ninguém gostava dele! – exaltei-me.

– Mas ele nunca gostou de você – afirmou Alice.

– Jura? Como é que ele não gostava de mim? Eu sou tão perfeitinha!

– Fala sério, Malu! O foco da conversa sou eu. Helo-ou! – irritou-se Duca. – O idiota está com uma tal de Jeniffer, uma loura que tem os cabelos mais macios que ele já tocou na vida. Olha que coisa brega!

– Como é que você sabe disso? Ele teve coragem de te contar com esse nível de detalhes sobre a relação dele e do cabelo da tal da Jeniffer?

– Claro que não, Nanda! Eu li no blog dele.

– Desde quando ele tem blog? – quis saber Alice.

– Não é blog, gente. É o e-mail dele. Como eu tenho a senha e leio tudo, prefiro chamar de blog. A única diferença em relação aos blogs verdadeiros é que esse só eu leio, não é divertido?

– Como foi que você descobriu a senha dele? – perguntei, curiosésima.

– Dei uma espiada quando ele estava usando o computador do meu quarto. Desde então entro direto, leio tudo e depois marco as mensagens como não lidas, pra ele nunca desconfiar.

Ficamos mudas por alguns segundos até que deixei o susto de lado para dizer:

– Mentira que você faz isso, Duca!

– Você lê os e-mails do cara? – emendou Alice.

– Que absurdo! – Nanda resumiu nossa angústia com a notícia.

– Absurdo é vocês reagirem assim. É difícil me desapegar das coisas que acontecem com o Zéu. A vida dele é praticamente uma novela pra mim. Fiquei com ele nove meses, gente!

Eu estava chocada. Que invasão de privacidade desnecessária! Pra quê? Ela nem estava mais com o garoto! E mesmo que estivesse seria imperdoável!

– Você começou a acompanhar a vida dele ainda quando vocês namoravam, é isso? – Alice ficou curiosa.

– Claro – respondeu Duca, com a maior naturalidade do mundo.

– Pra quê?

– Pra ver se ele estava me traindo, Nanda!

– Duca, nada justifica isso – irritei-me.

– Deixa de ser boba, Malu, qual o problema? Ele nunca vai descobrir, só entro no computador quando sei que ele está fora de casa, ou na faculdade, ou no

futebol. Eu faço direito, não tem como ele descobrir, não precisa se preocupar.

– Não é sobre isso que eu estou falando! Estou falando que você devia parar de ler os e-mails do cara, não por medo de ele descobrir, mas por ser errado. Isso que você tá fazendo é um erro grave, Duca. A vida é dele, só interessa a ele.

– Ah, é? Tá defendendo o Zéu? Não devia, porque ele já socou muito o teclado para falar mal, muito mal de você para os amigos e até para o irmão que mora nos Estados Unidos.

– Como é que é? – irritei-me.

– É isso mesmo que você ouviu.

– Ele perde tempo escrevendo inverdades a meu respeito?

– Ô, se perde... – rebateu Duca, aproveitando para me dar uma espetada: – Não sei se são inverdades, são opiniões que ele tem a seu respeito.

Fiquei com muita raiva do Zéu. O que ele tanto tinha para escrever sobre mim?

– Ele falou mal da gente também? – perguntou Nanda.

– Não. Só da Malu. Ele odeia a Malu. Odeia.

Espantada, arregalei os olhos com vontade. Estava boquiaberta. Como é que um cara perde tempo falando mal de uma pessoa fofa como eu para os amigos e para o irmão, que nem me conhece? O que os amigos responderam? Algum deles me conhecia? Será que ele tinha acabado com a minha reputação? Inventado alguma mentira braba a meu respeito? Feito algum comentário sobre meu modo de ser? O que tanto incomodava o Zéu? Eu tinha o direito de saber! Será que ele disse que eu tinha cecê, pereba, mau hálito? Isso acabaria com minhas chances com os amigos e os inimigos dele, porque menino é fofoqueiro, uma mentira dessas se espalharia com a velocidade de um cometa e se tornaria verdade absoluta entre praticamente todos os seres do sexo masculino. Eu corria o sério risco de ficar encalhada para sempre por causa do sem graça do Zéu. Ó céus!

– O que ele escreveu sobre mim?

– Ah, você acha mesmo que eu vou te contar alguma coisa depois dessa bronquinha moralista e ridícula que você me deu?

– Claro que vai, Duca! Eu mereço saber. E se ele estiver me difamando? Eu preciso me defender!

– Não vai poder, né, Malu? Ele não sabe que ela lê os e-mails. Melhor mesmo não contar, Duca, se a Malu souber o conteúdo das mensagens vai querer tirar satisfação com ele e vai sobrar pra você, ele vai descobrir, acho que pode até te processar por invasão de privacidade.

– Fala sério, Alice! Ninguém vai processar ninguém. Agora diz, Duca. O que aquele palhaço fala de mim?

– De jeito nenhum. Segredo.

A Duca estava me irritando muito, muitíssimo.

– O que ele falou de mim? – insisti.

– Não posso.

– Não pode nem dar uma pista? – quis saber.

– Ah, deve ter falado dessa mania de dona da verdade que ela tem. Dava pra perceber que ele odiava isso – opinou Alice.

– Eu? Dona da verdade? Desde quando? Ele é que era metido a saber tudo.

– Vai ver ele escreveu sobre os comentários da Malu em relação aos biquínis da SolYMar.

– Eu não sabia que a loja era da mãe dele, Nanda!

– Ela deve ser tão gente boa... Vendeu tudo o que tinha para morar de aluguel num apartamento pequeno e poder pagar a faculdade do Zéu. A loja ela herdou da mãe, que tinha acabado de morrer quando você passou horas criticando as cores, o tamanho e a qualidade dos biquínis.

– Como é que eu ia saber isso tudo, gente? Tadinha da avó do Zéu e da mãe do Zéu, mas, poxa, os biquínis são horríveis mesmo!

– Foi péssimo – comentou Duca.

– Péssimo! – concordaram Alice e Nanda.

– Ah! Ele pode ter comentado por e-mail sobre esse lado chatérrimo da Malu, de não saber discutir. Ninguém pode discordar dela que ela vira bicho.

– O quê? Eu sou a pessoa mais maleável que eu conheço, Alice!

– Essa é boa. Desde pequena você não sabe perder nada, muito menos discussão. Tanto é que você mordeu a minha orelha quando eu te disse que não tinha uma pessoa em cada esquina, com controle remoto na mão, decidindo o momento em que o sinal fica verde ou vermelho. Cê era muito anta, cara!

Intimidade é uma porcaria. Fiquei com vontade de voar em cima da Alice. Que memória de elefante! Garota chata!

– Não foi nada disso, gente. Foi muito pior. – Fez mistério Duca.

O quê? O idiota tinha falado uma coisa muito ruim mesmo sobre mim. Eu precisava saber. Eu merecia saber!

– Duca, chega de show, conta logo o que ele escreveu.

– Já sei! Ele disse que ela é facinha! Na época em que vocês namoraram, ele bem comentou uma vez que a Malu pegou quatro garotos diferentes em uma semana – contou Nanda.

– Ah, eu lembro. Ele ficou indignado, né? – Duca botou lenha na fogueira.

– Ô, gente, foi uma fase, passou. Eu não sou de pegar geral, vocês sabem.

– É ou não é um absurdo ele contar que o cabelo da garota é o mais macio que ele já tocou na vida? Que comentário é esse, gente? Que falta de tato! O *meu*

cabelo é o mais macio do mundo!

– Com certeza, seu cabelo é show, Duca, mas o que ele falou de mim?

A palhaça me ignorou.

– Tá apaixonado. E acho que é sério, porque ele está pensando em apresentar a vadia pra mãe dele. E olha que eles só se conhecem há três semanas. Eu conheci a Sara quando a gente fez seis meses de namoro.

– Nossa! Que coisa horrível! – reagi, fingindo indignação para logo fazer a pergunta que não queria calar: – E eu? – bati na mesma tecla.

– Eu estou péssima, gente! Não devia me estressar tanto só por saber que ele está com outra, vocês não acham?

– Claro que não, Duca – responderam em coro Nanda e Alice.

– Claro que não – disse logo em seguida. – Ele fala mal de você também? – quis saber, para tentar tocar no meu assunto de novo.

– Fala. Disse para os amigos que eu era grudenta, que não o deixava fazer nada, que tinha ciúme de tudo, que sufocava ele. Olha que coisa horrível, eu não sufocava o Zéu. Né, gente?

Silêncio geral. Ela supersufocava o Zéu.

– Você era chata, Duca. – Foi sincera Alice.

– Chata? Chata como?

– Eu, se fosse homem, não aguentaria namorar você.

– Sério, Nanda?

Era a minha deixa.

– Eu não acho nada disso. Acho você uma namorada perfeita, sempre rindo, sempre abraçando, dando beijo... Você é fofa, assim como eu – menti descaradamente.

A Duca era a mais chata das namoradas. Tudo o que ele escreveu era verdade, mas eu precisava fazer minha amiga gostar de mim de novo e finalmente me dizer o que seu insuportável ex-namorado tinha escrito sobre mim.

– Malu, desiste, para de puxar meu saco, eu não vou dizer o que ele escreveu a seu respeito.

– Acho isso uma perversidade! – desabafei.

– Beleza. Não ligo – disse Duca na lata. – Que calor! Vou dar um mergulho, alguém quer ir comigo?

Alice e Nanda se empolgaram e eu fiquei com a bunda na canga, olhando o morro Dois Irmãos e bufando de raiva na areia, tentando descobrir, em vão, o que o palhaço tinha escrito sobre mim.

Elas voltaram do mar e o assunto Zéu nunca mais voltou à tona. Agora elas comentavam chocadas a pança da atriz famosa, tida como gostosa, que estava ao

lado delas se banhando. Mulher é tudo igual, fofoqueira!

Não voltei ao assunto, embora estivesse quase morta de curiosidade. Acho que nunca vou saber o que o Zéu escreveu a meu respeito. É um dos grandes mistérios da minha vida.

20
anos

Eu vi primeiro!

Era uma daquelas festas perfeitas. Comida farta, bebida gelada, música boa e gente bonita. Bonita e, melhor ainda!, desconhecida. Pessoas que nunca tínhamos visto, pessoas novas, de idades variadas. A dona da festa era irmã de uma menina da faculdade da Duca, que a convidou com o adendo:

– Pode levar uma amiga, se quiser.

Ela levou três, claro. Eu, Alice e Nanda. Fomos super bem recebidas pela tal menina e em pouco tempo estávamos fazendo reconhecimento da área.

– Nossa, que festa florida – elogiou Duca, com o radar ligado.

– Hoje tem que rolar beijo na boca! Não beijo há séculos! – bradou Nanda.

– Você beijou anteontem!

– Beijo de fim de noite não conta, Alice. A última vez que fiquei com um garoto foi semana passada. Ou seja, há séculos!

– E pensar que a Nanda era tão timidinha. Agora tá passando o rodo! – comentei.

– Meninas, o que é aquele ser de calça xadrez e camiseta estilosa? Aposto que faz filosofia, ouve música que ninguém conhece, vê filme iraniano com legenda em holandês só para analisar a beleza da fotografia e lê livros que só gente inteligente lê. Nossa, que cara de inteligente ele tem... – delirou Duca.

– E aquele ali, de camisa polo? Que delícia! – Entrei na ótima conversa da pré-conquista.

– Você gosta de um mauricinho, hein, Malu? – implicou Nanda.

– Gosto de mauricinhos, hippies, sarados, zero sarados, engravatados, carecas, cabeludos, descabelados... Não faço restrição – brinquei.

– De qual você está falando? Do de camisa polo azul ou o de camisa polo listrada?

– O de listrada, óbvio, Alice. O de azul não faz meu tip...

– Esquece, Malu. O de polo listrada eu vi primeiro.

– Ah, para com isso, Alice.
– Não paro não. A regra é clara, você sabe.
A Alice tinha inventado a regra do *Eu Vi Primeiro* quando a gente era adolescente e desde então seguia à risca sua invencionice. O problema é que a regra era clara só para ela.
– Antigamente você avisava quando tinha visto primeiro um garoto – reagi.
– Era só chegar num lugar que ela logo anunciava: "O de camisa cinza, o de barbinha perto do bar, o de óculos com calça feia e o de bunda grande são meus! Vi primeiro!" Um saco – bronqueou Duca.
– Um saco! – concordou Nanda. – Tá na hora de parar, né? Isso é coisa de criança, você inventou quando a gente tinha 13 anos.
– Não, não. A gente tinha 14! – corrigiu Alice.
– Ah, quanta diferença – debochou Duca.
– O que importa é que agora a gente tem 20! A gente tem 20! – exclamou Nanda. – Achei que tinha acabado essa bobagem.
– Claro que não. E não é bobagem. É uma regra, e é pra sempre – decretou Alice, séria.
– Pra sempre? Tá doida? – questionou Duca.
– Claro, assim a gente nunca vai brigar por homem nenhum.
– Acontece que eu gostei do de camisa listrada, e agora?
– E agora que você vai desgostar, Malu, porque assim que a gente chegou eu vi o cara, muito antes de você. E ele é perfeito pra mim.
– Então por que você não disse que tinha visto o cara, Alice? – irritei-me.
– Porque a gente é amiga há muito tempo, achei que você saberia assim que olhasse para ele que o cara é meu número. É nosso dever saber que garoto faz o tipo de cada uma de nós.
– Alice, meu amor, aquele cara é lindo, tem o sorriso lindo, e ainda dança direitinho. Ele é o tipo de dez entre dez garotas nesta festa – partiu Duca em minha defesa.
– Mas, gente, já criei toda uma história com ele na cabeça, amanhã vamos jantar num japonês super-romântico, daqui a duas semanas vou com ele pra Búzios e na semana seguinte vou conhecer os pais dele. Poxa, tem tantos caras sozinhos aqui... Pega outro, Malu. Ele é meu.
– Seu?
– É, meu. E se você olhar muito pra ele vai ver só o que vai acontecer – ameaçou ela.
– O que é que vai acontecer, Alice? – aumentei minha voz.
– Eu não falo nunca mais com você.

– Você não vai falar mais comigo por causa de um cara que você nem conhece?

– Não é qualquer cara, é o meu cara. Que joga squash, vai ao cinema em dia de semana pra não pegar fila, gosta de cozinhar e entende tudo de computador.

– Ele não entende nada de computador! Ele pode muito bem trabalhar com o pai em algum ateliê de artesanato – disse Duca.

– Ou morar com a avó e trabalhar como encanador para pagar a faculdade – completou Nanda.

– Na minha cabeça ele entende à beça de computador, Duca! E mora sozinho num apartamento pequeno, mas muito bonitinho, Nanda. E sempre abaixa a tampa da privada depois que faz xixi.

– Ai, não abaixa messsssssmo! – implicou Duca.

– Que saco! Deixa meu namorado em paz! A Malu perdeu, gente.

– Ainda não ficou claro pra mim... Como é que eu ia saber que você gostou dele sem você dizer nada pra ninguém? Sim, porque, como a Duca disse, ele é lindo, é o tipo de todas nós e de mais todas as meninas que estão aqui.

– Ai, Malu! Ainda não sabe ler meu pensamento, não, é? Caramba, devia! Você me conhece desde pequena... Não posso ficar falando tudo que se passa na minha cabeça, não.

– Fala sério, Alice! – soltei.

– Tô falando – ela rebateu.

E o pior é que estava mesmo.

– Alice, você nem sabe se o cara é burro, se não tem um dente, ou se tem cecê. Como pode ficar tão irritada? Ainda mais com a Malu! – argumentou Nanda.

– Pois é! E você nem sabe se vai querer ficar com o cara depois de conversar com ele! – estrilou Duca.

– Ele é cheiroso, lindo por dentro e por fora, tem os dentes mais brancos do mundo, é criativo, engraçado, inteligente, adora moda, dá presentes inesquecíveis quando está apaixonado, sabe combinar cores como ninguém e decorou seu apartamento sozinho.

– Ele é gay, então.

– Para, Duca!

A conversa surreal e pra lá de infantil demorou a terminar. Enquanto discutíamos se ele era vascaíno ou tricolor, pisciano ou escorpiano, o garoto, que para Alice tinha cara de Marcelo e para mim de Tiago, se atracou com uma loura baixinha que tinha pinta de Mirela e os dois beijaram muito. Muito!

– Olha lá! Olha lá! O seu “namorado” está agarrado com uma loura – constatei.

– E vocês aí, perdendo tempo com essa discussão absurda! – analisou Duca.

– Bom pra aprender, Alice, tá na hora de parar com essa bobagem, a gente não é mais criança – argumentou Nanda.

Alice pensou, pensou. E chegou à conclusão:

– É, vocês estão certas. Cara nenhum merece que a gente perca uma festa discutindo.

Ufa! Alice tinha caído na real e a ridícula regra do Eu Vi Primeiro estava finalmente morta e enterrada.

Enquanto comemorávamos o tardio ingresso à vida adulta e madura, cinco caras com a camisa do Flamengo chegaram à festa, pareciam estar voltando de um jogo de futebol. Todos muito, muito bonitinhos, mesmo sendo flamenguistas. E, oba!, tinha pra todas!

– Os cinco de camisa do Flamengo são meus! Ninguém olha, ninguém olhaaa! – gritou Alice, como se tivesse 14 anos de novo.

Essa moça tá diferente

Leonor era uma amiga querida da faculdade, com quem eu me identifiquei desde o primeiro dia de aula. Numa tarde chuvosa, fui estudar na sua casa e qual não foi minha surpresa quando ela confidenciou que fazia faculdade só para ter um diploma. O que gostava mesmo era de cantar. O plano era batalhar sua carreira assim que terminasse o curso de jornalismo.

– Canta aê! – pedi.

E fui atendida prontamente.

E meu queixo caiu. Leonor era boa. Muito boa. Afinada, cheia de ritmo e com uma voz que lembrava a da Marisa Monte. E eu nem suspeitava que ela tinha aquele talento todo!

– Uau! Tô bege, menina. Você canta muito! Tem que tentar cantar num bar. E agora! Não quando terminar a faculdade! Você é muito boa, tem que mostrar sua voz pras pessoas, não pode ficar parada!

– Não sei...

– Não sabe o quê?

– Eu não tenho coragem de ir de bar em bar pedindo pra cantar.

– Eu vou pra você, ué. Tenho cara de pau de sobra pra fazer isso. Posso ser sua empresária. Que tal?

– Jura, Malu? Você faria isso por mim? – Ela começou a ficar empolgada.

– Claro. Mas não pensa que vai ser de graça, quando você ficar famosa vai ter que me dar 15 por cento de tudo o que ganhar, tá? – brinquei.

– Você acha mesmo que eu posso ficar famosa?

– Claro que sim! Você tem muito talento, mulher! Deixa comigo que eu arrumo um lugar pra você cantar fácil, fácil. Primeiro vamos gravar um CD. Meu pai tem um amigo músico que tem estúdio em casa, isso não vai ser problema. Depois, é só botar seu CD debaixo do braço, bater na porta de bares e restaurantes e correr para o sucesso.

– Oba! – vibrou minha amiga quase famosa.

– Como é que vai ser seu nome artístico? Leonor, Leonor Seixas...

– Vai ser Leonor da Flor.

– Leonor o quê?

– Leonor da Flor. Sempre adorei flores, gosto do cheiro, acho que remete a romantismo, acho que tem tudo a ver. Você gosta?

Ela pediu minha opinião e eu, claro, fui sincera:

– Eu acho meio brega Leonor da Flor. Parece que é uma cantora que sente dor, vive com calor e toca agogô. – Ri da minha brincadeira boba.

Leonor da Flor não achou graça nenhuma.

– Tá bom, mas Leonor da Flor vai ser meu nome artístico, Malu. Está decidido há anos.

Ok. Botei o rabo entre as pernas e fui para casa mais tarde bem animada com a carreira da minha amiga.

O amigo do meu pai foi um fofo com a gente e, além de ceder o estúdio, tocou violão na gravação. Ficou um luxo. Uma coisa assim, meio “Acústico MTV”. Ia ser mole conseguir uma chance para a Leonor. Além de bater em restaurantes e bares, resolvi mandar o CD para gravadoras. Tentar não custava nada, afinal.

Nenhuma gravadora nem sequer respondeu e nenhum bar se mostrou interessado. Já fazia mais de três meses que eu estava tentando arrumar um palco pra Leonor soltar a voz e mostrar ao mundo seu talento quando o amigo do meu pai, sabendo da minha batalha, resolveu dar uma forcinha e me passou o contato de um colega de faculdade do primo dele, que era dono de um bar e que me recebeu de braços abertos. Fiquei feliz da vida.

– Você não tá entendendo, Leonor! Arrumei um lugar pra você cantar, garota!

– Jura? Algum barzinho conhecido?

– É um restaurante. E é conhecido, sim. Não da gente, mas a maior galera conhece, o gerente me garantiu que vive cheio e que o público é cativo e adora música.

– É aqui perto?

– Daqui não. Mas é perto de São Paulo.

– Como é que é?! – Ela aumentou o tom de sua linda voz.

– É na estrada que liga o Rio a Sampa, e é mais pra lá do que pra cá. Desculpa, mas foi o melhor que arrumei.

– Você quer que eu cante num restaurante de beira de estrada? Perto de São Paulo?

– O que você queria? Começar numa casa de shows enorme? A vida não é assim, não! E pensa no seguinte: se você pagar mico, melhor pagar num lugar onde ninguém te conhece do que num bar perto da faculdade, como você queria.

– Isso é...

– Além do mais, São Paulo é a cidade da grana, as pessoas lá podem ver seu show vinte vezes seguidas se quiserem, porque lá todo mundo tem dinheiro.

– É?

– É, vai por mim. Sampa não é a capital financeira do país?

– É?

– Claro que é. E é logo ali, em três horinhas a gente chega lá.

– É, acho que você está certa. Bora pra São Paulo, então!

Ai, como sou boa com as palavras! Que orgulho que tenho dos meus argumentos!

– O show é na semana que vem. A gente pode combinar com uma galera da faculdade de ir de ônibus. Assim, mesmo que não tenha ninguém pra ver seu show...

– Você não acabou de dizer que a casa tem um público cativo? Que tá sempre cheia?

– Eu sei, mas vai que nesse dia não vai ninguém? Melhor prevenir do que remediar. Leva sua plateia de casa, que as chances de o gerente querer você como atração fixa das terças aumenta muito.

– Terça? Eu vou me apresentar numa terça-feira? Que dia horrível!

– Qual é, Leonor? Você está muito estrela, sabia? Qual o problema da terça? Terça é um dia ótimo, as pessoas saem muito mais de casa, a energia da terça é muito melhor do que a de sexta. Sem contar que ninguém deve parar para comer em um restaurante de estrada nos fins de semana, mas nas terças tenho certeza de que fica lotado.

– Tá bem, Malu. Vou confiar, você é minha empresária. Mas vem cá, você ainda não me disse o nome do restaurante.

O-ou... Não podia mais embromar minha amiga, era chegada a hora:

– Toma o cartão. O restaurante se chama Kome Aki!. Com exclamação e tudo. Olha que restaurante alegre!

– Alegre? É patético! E é Kome Aki com k! Por quê? Isso não pode ser bom, Malu. Não é melhor a gente procurar um lugar melhor pra minha estreia?

– Que nada. É de lá pra Broadway – viajei completamente. – A gente sai da faculdade e vai direto pra rodoviária. Faz o show e, se der, volta na terça mesmo. Se não, a gente volta quarta de manhã. Bora, Leonor! Vai ser divertido!

Nem precisamos pegar ônibus. A mãe da cantora nota mil se empolgou e resolveu ir com a gente. Fui no carro com elas e com o irmão da Leonor, Marcos, um fofo que eu chamava de Marquirous e logo abreviei para Quirous. Jordana, Wiled, Juca e Cadu também ficaram felizes com a ideia de ter uma amiga famosa e decidiram rachar a gasolina. Foram de carro com a Tati, a pior motorista da faculdade, do Rio, do Brasil, do mundo. Definitivamente, a pior motorista de todos os tempos. Coitados. Passaram muitos sustos no trajeto, mas, graças a Deus, chegaram bem ao Kome Aki. Ufa! Sem eles nossa plateia ficaria seriamente desfalcada.

Não convenci Alice, Nanda e Duca a prestigiar minha amiga talentosa. Muito menos Helô e Bené. As cinco disseram que quando Leonor da Flor cantasse em algum lugar no Rio e já com um nome artístico decente, elas certamente estariam na primeira fila.

Chegamos ao restaurante às cinco da tarde, o show era às sete e meia.

No caminho, estava tão feliz que quicava no banco de trás:

– Você vai ensaiar com a banda, Leonor! O gerente disse que tem uma banda!

– Ai, que nervosa eu tô! – reagiu minha cantora preferida.

Ao chegarmos ao restaurante de mesas de plástico e toalhas de papel, iluminação precária e decoração inexistente, fomos recebidas pelo gerente, um homem que definitivamente não gastava sorriso à toa e que se apressou em nos apresentar à banda.

E foi aí que descobrimos que a banda não era exatamente uma banda.

– Seu Joel, essa é a Leonor da Flor, ela que vai cantar hoje com o senhor.

– Uma menina. Que maravilha, adoro trabalhar com gente nova! Vamos ensaiar?

– É... Assim... Cadê os outros músicos da banda? – perguntei.

– Que músicos? Eu sou a banda, menina – respondeu calmamente seu Joel, que além de uma barriga protuberante ostentava poucos cabelos pintados de acaju atrás de um órgão do tempo dos dinossauros. – Com meu teclado aqui eu faço tudo: piano, bateria, baixo e até sax. E tenho acompanhamento pra todo tipo de música, de bolero a foxtrote. Sabe lá o que é isso? Pra que banda?

Eu e Leonor nos entreolhamos surpresas, com perguntas que nunca verbalizamos, mas que não paravam de martelar nossa cabeça: “O que é foxtrote? E bolero? Quem é que vai cantar bolero?”

– Não se preocupem, crianças. Eu toco na noite há anos, sou muito bom nisso. Vamos lá. Que músicas você vai cantar?

– O gerente não passou as partituras pro senhor? Eu mandei por fax assim que fechei com ele...

– O fax está quebrado há uns dois meses, se não me engano. Mas tenho o ouvido ótimo. Canta que eu te acompanho, Flor.

Flor cantou. Flor se irritou com os acompanhamentos inacreditáveis. Flor brigou com seu Joel. Flor pediu e implorou que ele só tocasse e não pusesse acompanhamento nenhum. Flor pressentiu que aquele show não seria uma estreia memorável. Flor tentou várias e várias vezes até conseguir se entender com seu Joel. Era visível que a empatia entre cantora e banda não era a melhor do mundo.

Aos trancos e barrancos, Leonor conseguiu passar todas as músicas com seu Joel, a banda. Depois foi se arrumar no minúsculo camarim. O restaurante foi ficando cheio. Cheio de homens famintos e com a fisionomia cansada, que chegavam a bordo de gigantes caminhões, sem a menor pinta de que queriam ouvir música.

Enquanto esperávamos o show, comemos (pelo menos tentamos comer) a carne com gosto de borracha, o arroz com gosto de isopor e os legumes com gosto de arroz queimado servidos como prato único.

Com o lugar abarrotado de gente, o gerente subiu ao palco para ler o texto que eu escrevi para a apresentação da minha amiga:

– É com enorme prazer que o Kome Aki!, o restaurante que fica logo ali, tem o orgulho de apresentar a futura estrela da música brasileira, uma das vozes mais bonitas do Brasil e do mundo, uma pessoa muito humana, humana por dentro e por fora. Com vocês, a bonita, a jovem, a badalada, a carioca, a suingada, a coisa mais linda, mais cheia de graça... Leonooor da Flooor! Uma salva de palmas, senhoras e senhores!

Não posso deixar de comentar que o gerente resolveu dar uma improvisada e acrescentou coisas que eu JAMAIS escreveria, como a parte da “pessoa muito humana” e “o restaurante que é logo ali”, além dos elogios pra lá de bregas. Percebi que o gerente, com o microfone na mão, era outra pessoa. Simpática e comunicativa. O que um palco não faz?

Bom, a verdade é que ninguém ouviu a hilária apresentação. As pessoas continuavam a comer e a falar alto como se ninguém tivesse dito nada ao microfone. Eu e meus amigos, mais o irmão e a mãe da Leonor, aplaudimos, urramos, assobiamos. E Leonor entrou, linda, esvoaçante, maquiada. Mais aplausos nossos. A barulheira no salão parecia ter aumentado, as pessoas falavam mais alto como que para dizer: “Suas palmas estão atrapalhando nossa conversa.”

Ela deu boa-noite e começou a cantar uma música em inglês. Ninguém prestou atenção, só a gente. Mais uma canção, e ninguém nem tchum pra minha amiga. Era como se ela fosse invisível. Que falta de educação! E que injustiça! Ela era talentosa à beça!

Na terceira música, com a barulheira generalizada, vi os olhos de Leonor encherem de água. Ela esqueceu a letra, confundiu as palavras e olhou para mim com uma cara de desespero e tristeza que eu nunca vou esquecer. Tadinha! Eu que coloquei a Leonor nessa roubada!

– Não chora, não chora, por favor! Desculpa! Desculpa! – disse de onde eu estava, chorando muito, arrasada por saber que a educação da minha amiga a

impediria de fazer o que eu estava com vontade de fazer: mandar todos os presentes para lugares horrorosos com gestos e palavrões.

A sorte é que Leonor não era eu e tomou uma atitude surpreendente, infinitamente melhor do que sair xingando a galera.

Pediu para seu Joel parar de tocar e começou a assobiar bem alto no microfone.

– Oi, gente! Posso pedir só dois minutinhos da atenção de vocês? Dois minutinhos, vai... Vou ficar peladona, hein? Olha que fico mesmo! – disse, rindo.

Aos poucos, a barulheira foi dando lugar ao silêncio e, como num passe de mágica, as pessoas pararam de comentar o jogo da noite anterior e a bunda da garçonete para prestar atenção na futura estrela.

– Eu não vou ficar pelada, era brincadeirinha...

– Aaaah! – fez em coro a homarada.

– Mas eu preciso dividir umas coisas com vocês. Eu podia estar roubando, podia estar matando, podia estar enchendo o saco de vocês para vocês comprarem uma rifa... Mas não... Eu estou aqui cantando. Cantar é meu sonho, é a coisa que eu sei fazer melhor, desde pequena eu sonho cantar. E hoje é a minha estreia, sabe? Cantar no Kome Aki! é um sonho realizado.

– Bravo! – Aplaudiu a mãe da Leonor, emocionada.

Algumas pessoas aplaudiram junto.

– Menos, mãe. Não é hora de gritar “bravo” ainda, bravo é só na hora do bis! É minha mãe, gente, desculpa. Vocês sabem como é mãe, né?

Àquela altura, estava todo mundo com os olhos vidrados na Leonor e ali eu descobri que, além de talentosa, ela tinha um enorme carisma.

– Sinceramente, eu acho que seria ótimo vocês deixarem a conversa para depois, porque, modéstia à parte, eu sou um espetáculo cantando – disse, com voz sapeca, fingindo ser metida, arrancando risos tímidos da plateia. – Eu tenho certeza de que vou ficar famosa. No mínimo, vou virar uma Roberta Carlas da vida. Quem sabe uma Franka Sinatra? Porque eu não sonho baixo, não! Vou ser íntima de Bethânia, de Gal, de Ivete, de Calcanhoto... Vou dar selinho em Chico e em Caetano, vou dar entrevista em tudo que é programa, vou ficar mundialmente conhecida e vocês vão ter a honra de contar para os amigos: “Poxa, vi essa menina começar. E ela já era ótima, acredita? Ninguém queria ouvir a guria cantar, mas que ela era boa, ah, isso era.”

Risos e mais risos no restaurante. Leonor respirou fundo, mais confiante, e continuou seu discurso:

– E sem querer me gabar, mas já me gabando, eu sou tão fofa, tão gente boa, que estou dando para vocês a chance de me descobrir antes de todo mundo.

E de não pegar uma fila quilométrica daqui a um tempo pra entrar num show meu, porque vocês já vão ter me visto cantar várias vezes nessa época pré-fama.

– Você é demais! Quero um autógrafo! – gritou um grisalho perto do palco.

– Ai, que luxo, meu primeiro autógrafo. Depois do show eu dou, tá? Quem pegar autógrafo, aliás, pode se dar bem. Quando eu ficar famosésima vocês podem leiloar minha assinatura e ganhar rios de dinheiro. Quer dizer, por minha causa vocês podem se tornar milionários. Não disse que eu sou fofa? Até na conta bancária de vocês eu penso.

A agora hipnotizada plateia ria com vontade. Eu estava chocada. Todos nós que conhecíamos a Leonor estávamos boquiabertos, sem saber se ríamos ou chorávamos de felicidade por tamanha coragem.

– Então, depois desses dois minutos que já devem ter virado cinco, eu só tenho uma coisa para pedir: se eu cantar mais umas músicas vocês me escutam? Só um pouquinho? Por favor! Depois eu pago uma rodada de cerveja pra todo mundo. Brincadeiraaa! Sou artista pobre aindaaaa!

– Canta Jackson e Davidson! – pediu um.

– Quem? – Leonor ficou intrigada.

– Não, ataca de Marianinha e Mafalda! – implorou outro.

– Gente, não conheço essas pessoas... Desculpa...

– Canta Roberto Carlos! – gritou um senhor bigodudo.

– Aaaah! Esse eu conheço muito bem. Seu pedido é uma ordem, Bigode. Vamos lá, banda?

Leonor piscou o olho para seu Joel, que estava visivelmente emocionado, deu aquela risadinha típica do Rei, virou o microfone de lado como se fosse o próprio RC, e atacou de “Emoções”, que tinha tudo a ver com aquele momento lindo.

As pessoas cantaram junto, eu chorei, a mãe da Leonor chorou, rolou o maior choro coletivo na nossa mesa. Depois dessa, ela cantou mais algumas músicas, todas em bom português, todas grandes sucessos.

Fiquei com um orgulho danado de ser amiga da Leonor.

Depois do segundo bis (é! Foram dois bis!), ela agradeceu à família e aos amigos, e em especial a mim:

– Dedico este show a você, Malu, por ter acreditado em mim, e por ter feito com que eu também acreditasse. Sonhar é bom, mas realizar o sonho é melhor ainda. E eu devo esse sonho realizado a você.

Caí em prantos enquanto a galera explodia em aplausos, certa de que aquele dia seria um dos mais felizes de toda a minha vida, mesmo que eu vivesse 100 anos. Como diria Roberto, foram tantas emoções...

21 anos

Amiga sem noção

Tem muita gente sem noção nesta vida. A minha mãe, por exemplo, é totalmente sem noção. Capaz de me fazer pagar os maiores micos sem a menor culpa. O Mamá é sem noção, a Malena é sem noção. Meu pai é médio sem noção. Gente que joga lixo na rua, to-tal-men-te sem noção. Gente que briga na rua, zero noção. Já a Bené... A Bené tem noção, mas em alguns dias ela acorda, sai e esquece a noção em casa. Foi o que aconteceu no dia em que saímos com a Jordana e o Wiled, dois amigos da faculdade.

Sempre odiei banheiros públicos. Não consigo me concentrar, gosto mesmo dos que têm cobertura de papel para o vaso sanitário, para poder sentar. Aí é primeiro mundo. Faço xixi feliz da vida. Mas nunca fui de fazer número 2 fora de casa, aliás, sempre invejei quem tem esse talento, esse desprendimento, esse dom.

Naquela noite, num bar perto da faculdade, no banheiro, com a intenção de fazer número 1, fui surpreendida por um número 2 que saiu tranquilinho, sem medo. Fiquei chokita. Meu primeiro número 2 fora de casa. Um número 2 inusitado, inesperado, mas, claro, bem-vindo.

Voltei para a mesa e não pude deixar de me gabar:

– Adivinha o que aconteceu, gente?

– Dois famosos muito famosos estavam no banheiro em uma cena comprometedora e você fotografou? – perguntou Wiled.

– Claro que não! Não tenho vocação pra paparazzo!

– Seu anel de estimação caiu na privada e você teve que meter a mão lá dentro pra pegar? – palpitou Jordana, minha amiga loiruda que tem corações tatuados nas costas.

– Eca! Não! – reagi.

– Você presenciou um crime e agora vai ter que fugir para não ser morta pelos criminosos? – quis saber Bené.

– Dã-ã!

– Já sei! Você achou um bilhete de loteria premiado no chão do banheiro? – tentou Wiled mais uma vez.

– Não! Muito melhor que isso! – Dei uma pausa, suspense total. – Eu fiz número 2!

– Aêêê! – brincou Jordana.

– Que é isso, gente? Qual o motivo da alegria? – Wiled franziu a testa.

– É que eu, euzinha, pela primeira vez na vida, consegui fazer número 2 num banheiro que não é o meu!

– Gente, que nojo! Isso é assunto pra falar numa mesa de bar? Meninas finas como vocês, futuras jornalistas, não podem falar essas nojeiras por aí! Onde já se viu? Comemorar número 2, era só o que me faltava.

– Conta, como foi? – perguntou Bené.

– Não responde, Malu, não precisa responder essa pergunta insana! – reagiu Wiled.

– Foi ótimo! Rápido, sem noia de alguém chegar e sentir cheiro estranho, tranquilíssimo...

– Até que enfim você conseguiu, amiga! Já estava na hora – comemorou Jordana. – Parabéns!

– Não entendo isso de vocês, mulheres. Qual o problema de fazer na rua? Por que é que tem que ser em casa, uai? – quis saber Wiled, que além de amigo do peito era meu mineirinho preferido.

Estava tão feliz com meu feito que nem respondi. Até porque chegou o Fabian, um gatoso da faculdade que cursava desenho industrial, não jornalismo. Ele era amigo da filha de uma amiga da minha mãe e a gente acabou se conhecendo numa festa havia duas semanas. O melhor dessa história: estava rolando um clima entre a gente. Climão.

– Oi, posso sentar? – perguntou, fofo.

– Claro – respondi, charme puro, olhinhos faiscando, grudados nos dele. – Gente, esse aqui é o Fabian. Fabian, essa é a Bené, esse é o Wiled e essa é a Jordana.

– Tudo bem? – cumprimentou. – E aí, Malu? Não estava hoje na internet, né? Senti falta de teclar com você...

– Ah, *ele* é o cara da internet? Jurei que era Josian o nome dele! – comentou Bené, perdendo uma óóótima chance de ficar calada e mostrando que tinha deixado a noção em casa.

– É Fabian – corrigi, sem graça.

– Ah, quer dizer que você fala de mim para as suas amigas, é? – questionou Fabian, todo convencido.

– Claro que não – respondi, convicta.

– Claro que sim. Ela contou que você tinha boquinha em formato de coração, nariz grande, sobrancelhas unidas, que ela chama de monocelha... Falou à beça de você.

– Monocelha, Maluzinha?

– É, mas não liga, não. Ela gosta de caras esquisitos – contou Bené. – E não chama a Malu de Maluzinha, pelamordeDeus! Ela odeeeeia diminutivo. Viu só, Malu? Tô adiantando o seu lado! Quando vocês começarem a namorar ele já vai saber muito mais a seu respeito. Que foi? Que cara é essa? Não é ele que é seu perfil de namorado ideal? Você me disse ontem que ele é seu número!

É isso que enfraquece uma amizade. Eu estava quase matando a Bené. Para não matá-la, dei um chute na sua canela, pra ver se ela calava a boca.

– Ai, Malu! Caraca! Me chutou por quê? Tá doida?

Tive vontade de jogar o filé aperitivo inteirinho no colo dela, só pra manchar pra sempre a saia que ela estava vestindo, sua preferida. Silêncio na mesa. Jordana e Wiled se olharam, tentando arrumar um meio de fugir daquela situação.

– Vou ao banheiro. Vem comigo, Bené?

– Agora? Tô com vontade não, Jordana.

– Eu sei, mas vem me fazer companhia...

– Não quero...

– Vem! – ordenou Jordana.

– Ai! Por que você me chutou também? Tá todo mundo maluco nessa mesa, é? Repara não, Josian, é que o povo aqui se ama. E se chuta – comentou, enquanto era arrastada por Jordana para o banheiro feminino.

Na mesa, sem Bené, conseguimos conversar melhor. Falamos de jornalismo, de cinema, até de política nós falamos, um papo supermaduro, supercabeça, eu parecia uma adulta bem resolvida, decidida, além de bonita por fora e por dentro, vamos combinar. Fabian me olhava sem piscar, estava completamente seduzido.

As duas voltaram e, antes mesmo de sentar, Bené disse o que não devia ter dito jamais.

– Mandou muito bem, Malu! Nenhum vestígio de cheiro ruim no banheiro, nem parece que alguém acabou de fazer popô por lá.

– Fala sério, Bené! – reagi, indignada.

A palhaça da Bené não conseguia parar de rir. Jordana e Wiled não resistiram e rolaram de rir também. Eu já tinha até me esquecido do número 2 e ela fez questão de lembrar o assunto NA FRENTE DO FABIAN! Eu quase me escondi embaixo da mesa.

O meu gatoso estava com uma expressão que nem sei descrever. Parecia meio atordoado.

– Ih, o Josian não tá entendendo nada. Vou explicar. É que mais cedo a Malu foi ao banheiro e... – começou Bené.

E explicou tudo. Tudinho.

Fabian era nojinho puro. Sua mão, que estava sobre minha coxa, retirou-se logo de lá e não saiu de cima da mesa até a hora em que ele foi embora, uns oito minutos depois da gracinha da minha amiga.

Nunca mais encontrei o Fabian no MSN, no Orkut, nem mesmo na faculdade. Acho que ele foi para outro turno. Para fugir de mim, provavelmente.

Indignada, Bené, umas semanas depois, veio com essa:

– Ah, que fresco! Até parece que ele não caga!

– Bené! – briguei.

– Ih, tá bom! Até parece que ele não faz número 2! Ah, Malu, quer saber? Acho “número 2” péssimo. Nós não somos mais crianças, por que não podemos falar o nome certo?

– Você falou popô na frente do Fabian! É tão bizarro quanto “número 2”, não vem agora me criticar, não!

Bené riu, eu ri e fui para casa filosofando sobre o assunto, decidida a nunca, nem sob tortura, dizer em público (ou longe dele) aquela palavra oxítona, dissílaba e horrorosa. Vou fazer número 2 pra sempre. Só não vou anunciar para os amigos. Nunca mais. Vai que pego um deles num dia de sem noçãozice. Deus me livre!

Eu preciso dizer que te amo

Aprendi uma coisa ao longo dos anos: amigo é um dos bens mais preciosos que a gente tem. Podem me chamar de lunática mas, para mim, amizade é melhor que namoro, porque, se não houver nenhum contratempo pelo caminho, a gente sabe que é pra sempre. Família, claro, é importante, mas amigo é tão importante quanto, pois é a gente que escolhe, é a *família* que a gente escolhe.

Amigo bom é aquele que está junto na hora da gargalhada, mas também na hora da tristeza. Amiga fofa é aquela que entende quando você está namorando e se afasta para ficar de chamego com o sortudo em questão, mas que lhe dá um puxão de orelha quando esse afastamento dura mais que o necessário.

Amiga é aquela que dá bronca, que avisa que a roupa que você está pensando em experimentar é brega, que diz discretamente quando seu dente está sujo de feijão e/ou que a sua calcinha está aparecendo. É aquela que sabe ouvir calada quando você só quer saber de falar, que dá conselhos, você pedindo ou não (e continua dando, mesmo você fazendo exatamente o contrário do que ela aconselhou).

Amiga é a pessoa para quem você pre-ci-sa contar uma fofoca importante em primeira mão. Com amigas, a gente troca confidências, divide lamentos e vitórias, abraços e lágrimas. Amiga é aquela que a atura e a adora apesar (e por causa) dos seus defeitos.

No dicionário, amigo é aquele que ama, que demonstra afeto, que ampara, que defende, que é companheiro, camarada. Só não diz que é aquele que diz “eu te amo”. Em 21 anos de vida, cheguei à sábia conclusão de que ouvir essas três palavras mágicas é tão gostoso quanto dizê-las. Faz bem pro coração, pra alma, pra cabeça, para a autoestima.

– Eu não sei dizer eu te amo – confidenciou Alice.

– Claro que sabe. Já tentou? – rebati.

– Eu digo para a família tranquilamente, mas para namorados é muito difícil. Para amigos, só os mais chegados.

– Eu sou superchegada e você nunca me disse que me amava.

– Jura?

– Juro.

– Que doido... Lembra quando a gente era mais nova, Malu? A gente falava “eu te amo” pra todo mundo.

– Nossa, até pro meu porteiro eu disse “eu te amo”. Ele era um senhorzinho, chorou e tudo, tadinho.

– Depois a gente vai crescendo e começa a ficar difícil demonstrar amor com as palavras, reparou? Por que será?

– Não sei. Adulto é cheio de não me toques, quando a gente é criança ou adolescente a gente é muito mais espontânea, com menos barreiras. Eu, por exemplo, quase nunca digo “eu te amo” para a minha família, acredita? E sou completamente louca por eles. Alucinada. Mas na hora que tenho vontade de dizer me dá um bloqueio e acabo dizendo muito menos do que gostaria. Mas já prometi para mim mesma que isso vai mudar, ainda este ano.

– Eu digo sempre pra minha mãe o quanto a amo, mas pros amigos rola a trava. A gente é esquisita, né? Três palavrinhas tão pequenas e tão significativas, e a gente fica cheia de dedos pra dizer.

– Pois eu não tenho a menor vergonha de dizer que te amo, Alice. E sei que você me ama. E mais! Amo ser amada por você, por mais brega que seja essa frase.

– Também te amo, Malu. Mesmo você dizendo essas frases bregas. É um amor muito lindo, sei que posso contar com você a qualquer hora, em qualquer situação.

– Pode mesmo. Pode ligar duas, três, quatro da manhã que eu vou estar lá, fofa como sempre.

– Ai, para! Assim eu vou chorar!

– Eu também! Tá ficando muito cafona essa conversa! Que coisa mais piegas!

Rimos por uns instantes de nós mesmas, até que Alice pediu:

– Me dá um abraço?

Assim, sem nenhuma preparação, nenhuma ocasião especial nem fogos de artifício, a gente celebrou nossa amizade de tantos anos numa tarde nublada de domingo. E a gente se abraçou longamente. E a gente chorou. E a gente deu muitos beijos uma na outra. Devíamos estar na TPM.

O bom dessa conversa foi perceber que eu e minha melhor amiga desde sempre somos amigas de verdade, daquelas que brincam, que brigam e fazem as pazes, que implicam uma com a outra, que se amam sempre e se odeiam às vezes, mas que conseguem, quando é preciso, falar sério.

– Malu, quando eu tiver meu segundo filho você quer ser a madrinha?

– Quero, claro! Ai, que emoção! Peraí, por que só do segundo? Quem vai ser a madrinha do primeiro?

– A Nanda, ela pediu quando a gente tinha 9 anos.

– Fala sério, Alice!

– Estou falando! Mas isso não quer dizer que eu goste mais dela, tá?
– Quer sim!
– Nada a ver!
– Tudo a ver!
– Eu prometi!
– Despromete, ué!
– Não existe desprometer!
– Claro que existe!
E seguimos assim, rindo, discutindo e brincando, sempre juntas pela vida afora.

Thalita Rebouças é carioca de 1974 e, quando criança, se autodenominava "fazedora de livros", pois adorava brincar de escritora. Jornalista de formação, acabou optando por abandonar as redações para se dedicar à literatura. Seus livros *Fala sério, amiga!*, *Fala sério, mãe!*, *Fala sério, professor!*, *Fala sério, amor!* e *Fala sério, pai!*, publicados pela Editora Rocco, foram lançados em Portugal pela Editorial Presença, assim como *Tudo por um Pop Star*. Thalita já vendeu mais de um milhão de livros e tem mais de 130 mil seguidores no Twitter, onde mantém contato diário com seus leitores.

Visite o site da autora: www.thalita.com